

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

FELIPE VIERO KOLINSKI MACHADO

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO:

Dos sentidos historicamente movimentados e construídos por *Veja* sobre a velhice

SÃO LEOPOLDO

2013

FELIPE VIERO KOLINSKI MACHADO

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO:

Dos sentidos historicamente movimentados e construídos por *Veja* sobre a velhice

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Ciências da Comunicação, pelo Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Comunicação
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Prof^ª. Dra. Christa Liselote Berger
Ramos Kuschick

SÃO LEOPOLDO

2013

K81e Kolinski Machado, Felipe Viero

Entre o público e o privado: dos sentidos historicamente movimentados e
construídos por *Veja* sobre a velhice / por Felipe Viero Kolinski Machado. -- São
Leopoldo, 2013.

164 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo,
RS, 2013.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Christa Liselote Berger Ramos Kuschick, Ciências
da Comunicação.

1.Jornalismo. 2.Jornalismo – Aspectos sociais. 3.Velhice – Aspectos
sociais. 4.Velhice – Análise do discurso. 5.Revista *Veja*. I.Kuschick, Christa
Liselote Berger Ramos. II.Título.

CDU 070

070:316

316-053.9

Catálogo na publicação:

Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

FELIPE VIERO KOLINSKI MACHADO

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO:

Dos sentidos historicamente movimentados e construídos por *Veja* sobre a velhice

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Christa Liselote Berger Ramos Kuschick (Orientadora/UNISINOS)

Prof^a. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco (UNISINOS)

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (UFOP-MG)

*A eles, mais uma vez.
Vó Ana e Vô Aléssio, Vó Lélia (in memoriam) e Vô Valdomiro,
pelo amor incondicional e pelo afeto constante;
E a minha mãe, por ser quem ela é e por sempre torcer por mim.*

AGRADECIMENTOS

Desenvolver uma dissertação não é algo simples. Para além do período de gestação do projeto, que dá início a esse caminho, pelo espaço de dois anos as ideias são acalentadas, as reflexões tornam-se mais concretas e uma pesquisa, com o peso desse rótulo, começa então a tomar forma. Em um contexto assinalado mais por dúvidas do que por certezas, atravessado e constituído por aquilo que é da ordem do novo, a ciência mistura-se à vida cotidiana e o crescimento, felizmente, ultrapassa a esfera profissional. Para tornar-me mestre, enfim, acredito que aprendi a ser mais sensível, mais consciente e mais sonhador. E é por tudo isso que gostaria de agradecer:

Inicialmente a Deus. Uma força superior, uma energia maior, uma segurança nos momentos difíceis e uma certeza quando a realidade supera as expectativas;

À família, minha base mais sólida, cujo amor e cujo carinho sempre foram e sempre serão fundamentais. À Jane, mãe sempre presente, amiga de mais longa data; ao Thiago e à Maria Eduarda, irmão e sobrinha que tanto quero bem; aos avós, que tanto admiro, inspiração primeira desse trabalho, e aos tios e aos primos, sempre próximos, pelo apoio e pela torcida;

À professora Christa Berger, pela orientação contínua, pelo aprendizado constante e pelo carinho perceptível. Foi uma honra;

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, pela confiança depositada. Obrigado por acreditarem em nossa pesquisa; À secretaria do PPG, em especial à Lilian e à Vanessa, pela simpatia e pela paciência, e à equipe da biblioteca central que, pelo tempo de 2.301 revistas, com atenção e cordialidade, foram fundamentais para a execução desse trabalho;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cuja bolsa integral foi essencial para que essa pesquisa pudesse ser realizada;

A todos os professores que, ao longo desses dois anos, em salas de aula, em congressos e em bancas, contribuíram para o desenvolvimento de nosso trabalho, para o seu crescimento e para a sua qualificação. De modo mais específico, gostaria de agradecer aos professores Beatriz

Marocco e Ronaldo Henn, da linha de pesquisa, e aos professores Adriana Amaral, Alberto Efendy Maldonado, Fabrício Silveira, Frederico Tavares, Jairo Ferreira, Jiani Bonin, José Luiz Braga, Marcia Benetti, Suzana Kilpp e Terezinha Bombassaro, pela atenção e consideração.

Aos colegas e aos amigos da Unisinos e da UFRGS pela acolhida e pelo carinho. Adriana Garcia, Anderson dos Santos, Ângela Zamin, Camila Monteiro, Daniel Petry, Elisa Hoerlle, Fabiane Sgorla, Felipe de Oliveira, Giovanni da Rocha, Igor Oliveira, Íris Jatene, João Vitor dos Santos, Karine Vieira, Kellen Hoehr, Lara Nasi, Laura Wottrich, Livia Fonseca, Márcia Molina, Marcia Veiga, Marlon Lesnieski, Rafaela Barbosa, Rafael Foletto, Rafael Krambeck, Renata Heinz, Thamiris Magalhães, Viviane Maia e William Mayer, muito obrigado;

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, que durante os meses de junho e de julho de 2012 tão bem me acolheu. Ao professor Bruno Leal, orientador durante esse período, pelo carinho e pelo apoio, e aos professores Carlos Alberto de Carvalho e Paulo Bernardo Vaz, pela preocupação e pela consideração. Aos colegas e aos amigos mineiros, alguns desses nascidos em outras regiões ou mesmo em outros países, obrigado pelo carinho e por me apresentarem uma Belo Horizonte encantadora;

Às amigas de uma vida, sempre presentes. Somos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos, já dizia Saint-Exupéry, e sempre serei feliz por ter cativado vocês. Angélica Manfio, Jordana Sá, Laura Gheller, Marcella Tusi, Milena Jaenisch e Tassiana Minuzzi. Suas lindas, amo vocês.

Aos amores do passado, por tudo aquilo que sentimos e que vivemos, por tudo aquilo que nos propusemos e nos permitimos, e do presente, pela alegria e pela esperança.

A todos aqueles que passaram pela minha vida e que, de diferentes maneiras e em diferentes momentos, foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional e, naturalmente, a você que agora, tendo esse trabalho em mãos, se propõe a compartilhar de minhas visões e de minhas perspectivas.

*Os jornais, em suma, não têm saída: são
veículos de ideologias práticas,
mesquinhas. Mas têm saída: há neles
indícios da realidade e rudimentos de filosofia
prática, crítica militante, grandeza submetida,
porém insubmissa.*

Nilson Lage

*O discurso nada mais é do que a reverberação
de uma verdade nascendo diante de seus
próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim,
tomar a forma do discurso, quando tudo pode
ser dito e o discurso pode ser dito a propósito
de tudo, isso se dá porque todas as coisas,
tendo manifestado e intercambiado seu
sentido, podem voltar à interioridade
silenciosa da consciência de si.*

Michel Foucault

*Ter mais sabedoria, mais serenidade, mais
elegância diante de fatos que na juventude nos
fariam arrancar os cabelos de aflição, não me
parece totalmente indesejável. Vou detestar
se, ficando velha, alguém quiser me elogiar
dizendo que tenho espírito jovem. Acho o
espírito maduro bem mais interessante do que
o jovem. Mais sereno, mais misterioso, mais
sedutor.*

Lya Luft

RESUMO

A velhice é aqui compreendida como uma categoria que é de uma esfera biológica, uma vez que se dirige fisicamente aos corpos, e cultural, considerando o modo como as marcas e os sinais por ela deixados são significados. Como construção discursiva, portanto, não é considerada fixa, podendo ser modificada e reinventada ao longo do tempo. O jornalismo, nesse contexto, é tomado como prática que corrobora para a consolidação de um real, como campo, que é legitimado para falar de outros campos, e como discurso que contribui para a estruturação do tempo presente. Em face disso, o objetivo central desse trabalho é perceber quais sentidos são movimentados e construídos pela revista semanal *Veja* sobre a velhice ao longo de sua história. O *corpus* da pesquisa é composto pelas reportagens veiculadas entre os anos de 1968 e 2012, que trouxeram na velhice um de seus temas centrais. De um total de 2301 edições, foram localizadas 106 reportagens e, a partir delas, coletadas 226 sequências discursivas. Tendo como aporte teórico e metodológico a Análise de Discurso Francesa, foram percebidas duas Formações Discursivas. A primeira delas (FD01), *Velhice como questão privada*, mostrou-se hegemônica, envolvendo 74,33% das sequências e construindo uma velhice cuja responsabilidade é de cada um. A segunda (FD02), *Velhice como questão pública*, tratou da questão como algo de interesse coletivo, concernente a todos, agregando 25,66% sequências. De modo geral, constatou-se uma cobertura, na maior parte das vezes, limitada a aspectos estéticos e físicos, a qual ignorou pontos de maior relevância social e que, em função disso, ficou aquém da proposta de um veículo que se anuncia como essencial ao cidadão brasileiro.

Palavras-chave: Revista *Veja*; Velhice; Jornalismo; Análise de Discurso.

ABSTRACT

The old age is here understood as a category from a biological sphere, because it is physically addressed to bodies, and from a cultural sphere, considering how their marks and signs are meant. As discursive construction therefore is not considered fixed, it can be modified and reinvented over time. Journalism in this context is taken as a practice that helps for the consolidation of a real, as a field, which is legitimate to speak of other fields, and as discourse that contributes to the structuring of the present time. In response, the main objective of this work is to realize what senses are moved and built by the weekly magazine *Veja* about old age throughout its history. The research *corpus* is composed by articles published between the years 1968 and 2012, which brought the old age as one of its central themes. From a total of 2301 editions, 106 texts were found, and from these, 226 discourse sequences. Taking the french Discourse Analysis how a theoretical and methodological support, two Discursive Formations were perceived. The first (FD01), *Old Age as private matter*, was hegemonic, involving 74.33% of the sequences and constructing an old age whose responsibility is to each one. The second (FD02), *Old age as a public matter*, addressed the issue as something that concerns to everybody, aggregating 25, 66% of the sequences. Overall, there was a cover, in most cases, limited to the physical and esthetic aspects, which ignored the points of greatest social importance and that, as a result, the proposal fell short of a vehicle that advertises itself as essential to the brazilian citizen.

Kew words: *Veja* magazine; Old age; Journalism; Discourse Analysis

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1: Capa da edição 2221, de 15 de junho de 2011	36
Imagem 2: Monah Delacy, exemplificando a velhice do passado... ..	38
Imagem 3: E sua filha, Christiane Torloni, destacando um novo jeito de envelhecer	39
Imagem 4: Capa do encarte especial “A Melhor Idade”, publicado junto à edição 1920 de <i>Veja</i>	49
Imagem 5: Capa da edição 2121, de 15 de julho de 2009.....	51
Imagem 6: Primeira Carta do Editor de <i>Veja</i> , publicada na primeira edição da revista.....	77
Imagem 7: Continuação da primeira Carta do Editor, de 11 de setembro de 1968.....	78
Imagem 8: Carta ao leitor da edição 1390, quando <i>Veja</i> ultrapassa a marca de um milhão de exemplares vendidos.....	87
Imagem 9: Reportagem e teste de longevidade, publicado na edição 630, de 1º de outubro de 1980.	95
Imagem 10: Continuação do teste de longevidade, publicado em 1980.	96
Imagem 11: Capa da edição 658, de 15 de abril de 1981	98
Imagem 12: Capa da edição 933, de 23 de julho de 1986.....	99
Imagem 13: Representação parcial do <i>box</i> “A agenda da beleza em cada etapa”, publicado na reportagem “A medicina da Beleza”, de 1981.	102
Imagem 14: <i>Box</i> “Quanto custa o embelezamento”, publicado na matéria “A construção da beleza”, de 1986.	103
Imagem 15: Teste que objetiva mensurar a expectativa de vida, tendo em vista os hábitos alimentares.....	113
Imagem 16: Continuação do teste sobre dieta e longevidade, publicado na edição 1856, de 2004.	114
Imagem 17: Capa da edição 1683, de 17 de janeiro de 2001	115
Imagem 18: Capa da edição 1957, de 24 de maio de 2006	116
Imagem 19: Representação parcial da reportagem “Você está no comando”, de 18 de novembro de 2009	120
Imagem 20: Continuação da reportagem “Você está no comando” e <i>box</i> “A matemática da longevidade”	121
Imagem 21: <i>Box</i> “Dá para voltar a usar biquíni”, parte da reportagem “Revolução dos 60”, publicada na edição 2230, de agosto de 2011	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Seções de publicação e ocorrência das reportagens por décadas.	91
Tabela 2 – Formação Discursiva, número de sequências englobadas e ocorrência	127

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01 - INTRODUÇÃO	13
1.1 Dos porquês que nos justificam.....	14
1.2 Sobre aquilo que já vinha sendo dito.....	17
1.3 O relato da pesquisa	19
CAPÍTULO 02 - UMA CATEGORIA QUE É DA INSTÂNCIA DO BIOLÓGICO, DO CULTURAL, DO SOCIAL E DO DISCURSIVO.....	21
2.1 A construção da velhice.....	21
2.2 Da segmentação do curso de vida à concepção moderna da velhice.....	27
2.3 A assunção da velhice e daquilo que a dificulta.....	32
2.4 Os novos sentidos para os velhos dizeres.....	45
CAPÍTULO 03 - DOS DISCURSOS E DOS REAIS QUE SE TECEM	52
3.1 Um real que se constrói e que se efetiva	52
3.2 “Movimento dos sentidos... ..	54
3.3 A Análise de Discurso francesa (AD).....	56
3.4 Do jornalismo cujas tramas costuram o presente	65
3.4.1 O jornalismo de revista e a Revista <i>Veja</i> como veículo indispensável	73
CAPÍTULO 04 - OS MOVIMENTOS DE ANÁLISE	89
4.1 Seleção dos observáveis	89
4.2 Primeiros movimentos.....	91
4.3 Os dizeres constantemente retomados.....	126
CAPÍTULO 05 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
APÊNDICE A – <i>CORPUS</i> DE REFERÊNCIA.....	161

CAPÍTULO 01 - INTRODUÇÃO

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo...
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo...
Caetano Veloso

Ao conceber a velhice como uma categoria que é da instância do biológico e também do social, que é consolidada pelo caráter concreto de um organismo que se modifica e, ainda, pela materialidade dos sentidos que definem esse corpo envelhecido, constata-se a centralidade de um discurso o qual, emergindo de muitos lugares, construindo significados variados, orienta indivíduos, estabelece nexos e relações que parecem naturais e estrutura reais.

Um discurso que, conforme bem lembra Foucault (2007), não apresenta um começo, desenrolando-se e envolvendo os sujeitos. Um discurso que, nos termos de Orlandi (2009, p.10-11) é incompleto, “sem início absoluto e nem ponto final definitivo”. Um eterno movimento de sentidos e de significados que instaura o presente e consolida, ao mesmo tempo, uma memória coletiva e as condições necessárias para aquilo que é da esfera do devir.

O jornalismo, em face de tais perspectivas, é tomado como prática social e discursiva, como um dos lugares em que o agora é narrativizado e, portanto, compreendido coletivamente, como campo socialmente outorgado a falar de outros campos (BOURDIEU, 1997) e como discurso que costura o presente ao passo que expõe os mundos e os reais que então são possíveis.

A música de Caetano, que é também oração, é retomada nesse ínterim por percebermos no tempo um ponto central. Pode-se dizer que esse relato de pesquisa não é sobre o jornalismo, nem sobre o discurso e tampouco sobre a velhice, mas sobre uma

intersecção desses três pontos. Poder-se-ia dizer, ainda, que ao passo que fala de um discurso que vem sendo historicamente proferido; de uma categoria que ao longo dos séculos vem sendo consolidada e de uma prática profissional que tem no tempo de Cronos e de Aion uma dimensão que lhe é intrínseca (SILVA; MAROCCO 2008), é também sobre o tempo. Sobre o tempo presente, o qual se ancora em um passado manifesto nas redes de sentidos já consolidadas e que se projeta num futuro de expectativas que se estruturam e que podem permitir novos (e outros) dizeres.

1.1 Dos porquês que nos justificam

Buscar as razões, conscientes e inconscientes, pessoais e profissionais, que de modo integrado e de difícil separação, justificam a presente pesquisa não é tarefa simples. Por que estudar o jornalismo, a linguagem e a questão geracional? Por que estudar o discurso que se materializa em *Veja*, especificamente, sobre a velhice? As respostas podem ser encontradas em diferentes tempos e em múltiplos espaços.

Pessoalmente, o convívio com pessoas idosas, desde muito cedo, sempre deixou claro que a velhice não poderia ser percebida meramente como um período de perdas e de declínio, assim como expunha que alegria, que a esperança e que a saúde não correspondiam a patrimônios inalienáveis dos jovens.

O interesse pelo jornalismo, manifesto ainda na infância, justifica-se, na medida em que isso é possível, pelas possibilidades de, por meio de sua prática, conhecer mundos mais amplos, realidades outras, sentidos diversos. O ingresso na Faculdade de Comunicação Social (FACOS), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), enfim, foi o primeiro passo para a concretização desse desejo.

A curiosidade surgida perante a *práxis* e a teoria garantiu a entrada no Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo e no Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Comunicação, permitindo que, desde os primeiros semestres da graduação, respostas para muitos questionamentos fossem buscadas, via ensino, pesquisa e extensão.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), então desenvolvido para a obtenção do título de jornalista, agregou a pesquisa em revistas, tônica do grupo do qual eu fazia parte e a linguagem, o discurso e a velhice, questões de interesse pessoal e acadêmico. “Seja jovem: O discurso de *Veja* na construção e no movimento dos sentidos sobre a velhice” (KOLINSKI MACHADO, 2010), que teve como *corpus* de análise as matérias veiculadas ao longo do ano

de 2009 em *Veja* sobre a temática, respondeu a algumas perguntas, mas deixou muitas outras em aberto, ao mesmo tempo em que expôs a vontade de seguir uma carreira na pesquisa.

A aprovação no mestrado do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), na linha de pesquisa Linguagem e Práticas Jornalísticas, e a participação no Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (GPJor) foram então fundamentais para que tais perguntas tomassem a forma de problemas de pesquisa e para que esse presente texto fosse escrito com o intuito de buscar respondê-las.

Para além das questões estritamente pessoais, a presente pesquisa também é justificada mediante uma série de fatores. Sobre a velhice, percebe-se tanto pelo cotidiano das pequenas, médias e grandes cidades, quanto pelos veículos de comunicação em geral, um aumento de sua visibilidade. Já é senso comum, e exaustivamente mencionado como frase de efeito, que o país de jovens está envelhecendo. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), então com base no recenseamento realizado em 2008, embasam tal percepção.

O índice de envelhecimento aponta para mudanças na estrutura etária da população brasileira. Em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos existem 24,7 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, o quadro muda e para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existirão 172,7 idosos. Um exame das estruturas etárias projetadas mostra, também, a transformação nas relações entre pessoas que ingressam (e permanecem) nas idades ativas e aquelas que atingem as chamadas idades potencialmente inativas. Em 2000, para cada pessoa (1) com 65 anos ou mais de idade, aproximadamente 12 estavam na faixa etária chamada de potencialmente ativa (15 a 64 anos). Já em 2050, para cada pessoa (1) com 65 anos ou mais de idade, pouco menos de 3 estarão na faixa etária potencialmente ativa. (DADOS... [s.d.]).

A Organização Mundial das Nações Unidas (ONU), em âmbito global, baseada em perspectivas de que a proporção de pessoas com sessenta anos ou mais deverá duplicar entre 2007 e 2050, constata que o número de idosos, ao final desse período, atingirá a marca de dois bilhões de pessoas (A ONU... [s.d.]).

Aliado a esse aumento demográfico do número de idosos e a uma modificação no que tange as pirâmides etárias, mudanças de ordem comportamental e social têm imprimido novos tons às discussões que assinalam o envelhecimento. A consolidação de novas categorias etárias no curso da vida, as quais postergam cada vez mais a velhice, é uma delas. A maturidade tardia, a terceira idade e a melhor idade, enfim, agregam outros sujeitos, envolvem outros discursos.

Em face de algo que é da instância do tempo presente, que é tão atual e, ao mesmo tempo, tão historicamente perceptível, surgiu o interesse de constatar como o discurso sobre a velhice, ao longo das décadas, veio se consolidando naquela que é a principal revista de informação brasileira. Não se trata, portanto, de mapear os dizeres que contemporaneamente são proferidos, tampouco aqueles que são de outrora, mas sim de percebê-los mediante o passar dos anos, mediante uma série de mudanças de ordem social e cultural que ali imprimiram as suas marcas. Na voz de *Veja*, enfim, e ao longo de seus mais de quarenta anos de jornalismo, observar como a velhice veio assumindo a forma que tem hoje.

A escolha de *Veja*, da mesma maneira, pode ser explicada mediante aspectos de múltiplas ordens. Em primeira instância, *Veja* constitui-se na maior revista nacional, apresentando uma circulação média que ultrapassa um milhão de exemplares e, tendo em vista o número de leitores atingidos, um público estimado superior a dez milhões de pessoas. (MEDIA,... [s.d.]).

Fundada em 1968, *Veja* completará em setembro de 2013 quarenta e cinco anos de prática jornalística, correspondendo, pois, a um dos mais tradicionais veículos do Grupo Abril e a uma importante testemunha de parte da história nacional. Possuindo uma identidade que lhe é própria, *Veja* constitui-se em “sujeito semiótico” (LANDOWSKI, 1992), ao mesmo tempo em que, como sujeito em comunicação (BAKHTIN, 2006), expõe as disputas em torno do sentido que se fazem presentes na sociedade. Dessa maneira, tendo acompanhado e narrativizado anos e anos daquilo que, a seu ver, era essencial ao cidadão brasileiro, acredita-se ser pertinente questionar de que modo, ao longo de sua trajetória, em diferentes momentos e sob diferentes contextos, a velhice foi sendo constituída.

Considerando que todo o seu acervo está gratuitamente disponibilizado em seu endereço eletrônico e que a Biblioteca Central da Unisinos dispõe, materialmente, de grande parte das duas mil trezentas e uma edições consultadas neste trabalho, tornou-se possível questionar quais sentidos foram sendo materializados em *Veja*, ao longo de mais de quatro décadas, sobre a velhice.

Nosso problema de pesquisa, pois, pode assumir a presente forma: quais são os sentidos movimentados e construídos por *Veja* sobre a velhice ao longo de seus mais de quarenta anos de jornalismo (1968-2012)?

1.2 Sobre aquilo que já vinha sendo dito

Foi a partir da constituição do problema de pesquisa norteador deste trabalho, e tendo em vista a importância de se conhecer aquilo que, no âmbito dos programas de pós-graduação brasileiros, vinha sendo desenvolvido sobre temáticas que fossem similares a nossa, que se julgou pertinente e profícuo buscar referências no banco de dissertações e de teses da Capes.

Ao longo dessa busca, diferentes palavras-chaves foram empregadas com o intuito de ampliar as possibilidades de encontrar trabalhos que nos parecessem interessantes, considerando os pontos comuns à nossa pesquisa.

Procurando-se textos, por exemplo, por meio das palavras “jornalismo” e “velhice” foram encontradas doze referências, dentre dissertações de mestrado e teses de doutorado. Desse total, entretanto, apenas três, pelas perspectivas adotadas, pelas características do *corpus* de análise e pelas propostas em si, aproximavam-se daquilo que desenvolvemos aqui.

Resultados similares foram obtidos buscando-se “revista” e “velhice”, ou mesmo “Revista *Veja*” e “velhice”. No primeiro caso, dos dezoito trabalhos encontrados, cinco eram similares ao nosso em algum ponto e, no segundo, de um total de cinco referências, quatro delas, já encontradas anteriormente, mostraram-se pertinentes.

Dessas dissertações e teses mencionadas, todas aquelas a que tivemos acesso foram analisadas, com o intuito de percebermos os pontos comuns e as possibilidades por elas deixadas em aberto, as quais poderiam funcionar como pistas que nos ajudariam no desenvolvimento deste trabalho. Os textos que consideramos mais pertinentes são brevemente expostos abaixo.

De modo geral, as obras de Sônia de Amorim Mascaro (1993), sobre a imagem dos velhos e da velhice no jornal “O Estado de São Paulo”, e de André Pires (1998), sobre a velhice e o envelhecimento nas revistas *Cláudia* e *Playboy*, convém serem lembradas.

Mascaro (1993), em tese de doutorado na área de Comunicação, debruçando-se sobre mais de duzentas edições d’O Estado de São Paulo, publicadas entre 1988 e 1991, e encontrando 155 textos sobre a velhice, dividiu seu *corpus* em quatro categorias, que dizem muito dos sentidos das produções ali englobadas: “momento da aposentadoria”; “desejo de superação da velhice”; “modelos exemplares de velhice” e “situação dos velhos brasileiros”. (DEBERT, 1999).

Pires (1998), por sua vez, em dissertação de mestrado na área de Antropologia, ao tomar como observáveis materiais revistas segmentadas para homens e para mulheres, nas décadas de oitenta e noventa, ressalta, dentre as suas conclusões, formas muito distintas de se

perceber o envelhecimento masculino e feminino. Enquanto nas páginas de *Cláudia* a mulher aparece como principal responsável pelos sinais do tempo que a marca, em *Playboy* a passagem dos anos tende a ser vista de modo mais brando. O combate ao processo de decrepitude, mesmo que em diferentes níveis, a imagem de “um porto seguro dentro do mar de incertezas que caracteriza a vida contemporânea” (PIRES, 1998, p. 159) e a exposição de uma velhice saudável e ativa, aumentando ainda mais a intolerância em relação a outras formas de envelhecimento, contudo, constituem-se em pontos comuns a ambas as publicações.

Sobre as pesquisas que foram desenvolvidas a partir da interface Revista *Veja*/velhice alguns trabalhos também convém serem comentados.

Débora Campos de Paula (2005), em dissertação de mestrado na área de Saúde Coletiva, volta sua atenção às matérias publicadas em *Veja* entre 1968 e 2003 que tivessem como foco o velho, a velhice e o envelhecimento. Conforme destaca, nem todas as edições foram analisadas, trabalhando-se com amostras que, representativamente, ilustrassem o todo e que permitissem uma visão geral da publicação ao longo dos anos. Metodologicamente, Paula (2005) empreende uma análise interpretativa de caráter qualitativo que toma como base o agrupamento dos textos coletados em categorias condizentes com seus sentidos dominantes, tais como “estética”, “consumo” e “corporeidade”. Em suas conclusões, de maneira geral, ressalta um aumento quantitativo do número de reportagens sobre o tema, a recorrências às fontes autorizadas e, especificamente sobre a velhice, a percepção desta como um estágio a ser evitado.

Maria Antonieta Albuquerque de Souza (2006), em tese de doutorado na área de Sociologia, toma como referenciais de análise algumas reportagens que foram capa de *Veja*, entre os anos de 1980 e 2004 (edições aleatórias de outras publicações também foram consideradas) para perceber como se dariam as “novas identidades” geracionais. Em suas conclusões, após o empreendimento de uma análise que considera o discurso e os sentidos ali produzidos, constata uma autoconstrução regulada de identidades, centrada na capacidade de escolha e de decisão por parte dos sujeitos que envelhecem.

Rosemary Rodrigues Miguel (2010), em dissertação de mestrado da área de Psicologia Experimental, analisa as produções textuais veiculadas em *Veja*, entre os anos de 1968 e 2009, que tivessem como ênfase temática o envelhecimento humano. A análise de conteúdo empreendida por Miguel (2010) concluiu uma predominância quantitativa de reportagens, como gênero jornalístico, um aparecimento irregular da questão ao longo dos anos, uma

ênfase maior na figura do idoso, de modo geral e, especialmente a partir dos anos noventa, uma preocupação crescente no que tange à prevenção da velhice.

Francisca Alves da Silva (2011), em dissertação de mestrado da área de Letras, empreende uma análise de discurso sobre as reportagens de *Veja* que, veiculadas entre os anos de 2004 e 2009, tratam da velhice, do corpo e da sexualidade. Metodologicamente, filiada também à perspectiva francesa de Análise de Discurso, aproxima-se de nossa proposta. Ao final de sua análise, Silva (2011) ressalta a construção de uma velhice ativa e sadia e do sujeito envelhecido como o principal responsável por uma vida longa e saudável.

A partir das diferentes contribuições fornecidas por essas dissertações e teses de mestrado e de doutorado, e considerando a pesquisa que aqui nos propusemos a desenvolver, os caminhos teóricos e metodológicos a serem percorridos foram então traçados, as referências bibliográficas foram sendo acrescidas e o contato com o objeto empírico, na forma de revistas e de reportagens, as quais tivessem na velhice o seu foco central, conferiram a esse trabalho o tom e a forma que ele apresenta hoje.

1.3 O relato da pesquisa

O presente texto, então, consiste na materialização de um trabalho de pesquisa que levou dois anos para ser concluído, fruto de leituras, discussões e reflexões que, agora, encontram-se seccionadas ao longo de cinco capítulos.

O primeiro deles, este de introdução, apresenta o trabalho, expondo suas origens pessoais e acadêmicas, seu problema de pesquisa, para o qual buscamos respostas, um estado da arte que traz outras dissertações e teses que com a nossa possuem pontos de contato e a estrutura deste relato.

O segundo, “Uma categoria que é da instância do biológico, do cultural, do social e do discursivo”, fala sobre a velhice como uma realidade que é consolidada e toma forma tanto nos corpos dos sujeitos quanto nos dizeres que sobre ela são proferidos. Questões como a construção da velhice, historicamente empreendida, a segmentação da vida em etapas, a identidade geracional, a aceitação da velhice por parte dos indivíduos que a vivenciam e as novas categoria etárias, as quais postergariam a velhice, são então desenvolvidas. Autores como Ariès (2003; 2011), Attias-Donfut (2004), Beauvoir (1990), Bourdieu (1983), Debert (1999; 2007); Elias (2001), Goffman (2008), Hall (2000), Le Breton (2007), Lenoir (1979), Lins de Barros, (2004; 2007), Lipovetsky (2005), Motta (2007), Sant’Anna (2005) Silva

(2008), Silva (2000), Ortega (2002) e Peixoto (2007) embasam as discussões ali desenvolvidas.

O terceiro capítulo, “Dos discursos e dos reais que se tecem”, ancorando-se em uma perspectiva construcionista, desenvolve reflexões sobre o real, sobre a linguagem e sobre o discurso. A Análise de Discurso francesa (AD), base teórica e metodológica que inspira esta pesquisa, é então apresentada por meio de sua história e por meio de conceitos que, posteriormente, são operacionalizados. Aí também se discute o jornalismo, percebido como discurso, como prática e como campo detentor de legitimidade, o jornalismo de revista e, mais especificamente, a Revista *Veja*. Para isso, de maneira geral, são lembrados, principalmente, Althusser (1974); Bakhtin (2006) Berger e Luckmann (2009); Bourdieu (1997); Charaudeau e Maingueneau (2008); Conti (1999); Foucault (2007; 2012); Genro Filho (1987); Gregolin (2007); Hernandez (2004); Landowski (1992); Mira (2001); Mouillaud (2012a; 2012b); Orlandi (1996; 2009); Pêcheux (1997; 2008); Scalzo (2008) e Traquina (2005).

O quarto capítulo, “Os movimentos de análise”, aborda a coleta e a seleção dos observáveis da pesquisa, apresenta as reportagens a partir de um recorte temporal e, posteriormente, problematiza as duas Formações Discursivas encontradas, ao longo da análise empreendida. Além das reportagens em si, e das sequências discursivas e das imagens a partir delas colhidas, autores como Attias-Donfut (2004); Bauman (1998; 2008); Costa (2005); Debert (1999); Fischer (2002); Foucault (1988); Morin (1997); Prado (2009); Rodrigues (2006) e Sibilía (2006) corroboram para a constituição da análise.

O quinto capítulo, enfim, “Considerações finais”, tendo em vista o problema de pesquisa exposto, os referenciais acionados ao longo do trabalho e os resultados obtidos, traz as conclusões a que chegamos ao mesmo tempo em que expõe as brechas deixadas para os próximos projetos. A ele seguem-se as referências bibliográficas e, no Apêndice A, o *corpus* de referência, acionado para a análise.

CAPÍTULO 02 - UMA CATEGORIA QUE É DA INSTÂNCIA DO BIOLÓGICO, DO CULTURAL, DO SOCIAL E DO DISCURSIVO

2.1 A construção da velhice

Assim, as antes doces figuras de velhinhos e velhinhas de cabelos brancos ameaçam transformar-se 'numa bomba que pode explodir a qualquer momento, se não se estabelecer uma política social a respeito', como reconhece Mauro Candau, secretário de Assistência Social do Ministério da Previdência Social. (VIVENDO..., 1976, p. 93). (T08. SD14).

A atriz Tônia Carrero, bela e atraente aos 68 anos, toma Pharmaton sem receita médica. 'A velhice é um processo que pode ser combatido', diz Tônia. (CONTRA..., 1991, p. 54). (T21. SD42).

Rosto repuxado e semblante assustado são resultados típicos de cirurgia plástica radical ou frequente demais. Para mulheres sensatas, portanto, o novo padrão de beleza é o envelhecimento controlado. A realização de intervenções criteriosas e pontuais que visam a conferir à mulher aquele aspecto de privilegiada pela genética. (MACEDO, 2012, p. 160). (T103. SD223).

Conceber a velhice como uma categoria homogênea e claramente definida acarretaria, inapelavelmente, um reducionismo atroz, que a limitaria aos seus estereótipos mais comuns e mais simplórios, que há tempos marcam o imaginário coletivo e que constituem as visões já cristalizadas acerca dessa etapa da vida.

É indo ao encontro dessa perspectiva que Simone de Beauvoir (1990) ressalta que perceber os contornos da velhice, objetivando vislumbrar traçados bem definidos, não corresponde a uma tarefa fácil. Afinal, sendo categoria que é da instância do biológico, ela envolve fenômenos específicos tais como a degenerescência celular e a perda do tônus muscular. Entre sujeitos jovens e envelhecidos, pois, as diferenças físicas são claramente perceptíveis.

Consistindo em uma situação humana, contudo, para além de células, de músculos e da pele (todos esses, inclusive, já significados e valorados culturalmente), a velhice possui uma dimensão psicológica e social que lhe é intrínseca. Tornar-se velho, para si próprio e também perante dada coletividade, modifica as relações anteriormente estabelecidas com o tempo e com o espaço e acarreta uma mudança de estatuto.

Tem-se, portanto, uma velhice que não pode ser explicada apenas à luz do corpo que se degenera e também uma velhice que não pode ser concebida somente mediante àqueles discursos que, correndo a história e configurando a cultura, significam suas marcas.

Categoria, pois, que é plural, sendo da esfera do palpável de um corpo material e da esfera perceptível dos sentidos que a moldam.

O que torna a questão complexa é a estreita interdependência desses diferentes pontos de vista. Sabe-se hoje que é abstrato considerar em separado os dados biológicos e os fatos psicológicos: eles se impõem mutuamente. Veremos que, na velhice, essa relação é particularmente evidente: ela é, por excelência, do domínio do psicossomático. Entretanto, o que chamamos a vida psíquica de um indivíduo só se pode compreender à luz de sua situação existencial; esta última tem, também, repercussões em seu organismo; e inversamente: a relação com o tempo é vivida diferenciadamente, segundo um maior ou menor grau de deterioração do corpo. (BEAUVOIR, 1990, p. 15).

Nesse mesmo sentido, Debert (2007, p. 50) ressalta a importância de perceber a velhice como um “fato universal e natural”, comum a todos os seres vivos, na forma de um ciclo de desenvolvimento, e também como um “fato social e histórico”, variável de acordo com o contexto em questão, fazendo com que as representações a ela atribuídas e os papéis esperados daqueles que nela se inserem sejam distintos.

Se por um lado a velhice é algo que transcende a história, por outro os rumos possibilitados àqueles que envelhecem nem sempre foram os mesmos. Distintos aspetos ganharam diferentes pesos em cada grupo. Características interligadas entre si foram valoradas positiva ou negativamente tendo em vista uma conjuntura específica. Apesar disso, contudo, observar como dada comunidade tratava aqueles que envelheciam, percebendo quais escolhas então foram feitas, permite, como bem lembra Beauvoir (1990, p. 16), constatar o peso que as vidas, de modo geral, tinham para esse coletivo, e, para além disso, estabelecer, criticamente, relações com os modelos contemporâneos de gestão do envelhecimento. A partir do outro, enfim, lançar um olhar sobre nós mesmos.

O sentido ou o não sentido de que se reveste a velhice no seio de uma sociedade coloca toda essa sociedade em questão, uma vez que, através dela, desvenda-se o sentido ou o não sentido de qualquer vida anterior. Para julgar a nossa coletividade, é necessário confrontar as soluções que ela escolheu com as que outras adotaram, através do tempo e do espaço. Essa comparação permitirá determinar o que a condição do velho comporta de inelutável, em que medida e a que preço poderiam ser amenizadas suas dificuldades e qual é, portanto, a parte de responsabilidade para com o idoso que se pode atribuir ao sistema no qual vivemos. (BEAUVOIR, 1990, p. 16).

É do ponto de vista da exterioridade, ou seja, a partir do modo como a velhice é encarada, não pelo sujeito que a vivencia, mas sim por aqueles que a observam, que Beauvoir (1990) inicia seu tratado sobre a temática. Primeiramente, portanto, baseando-se nos vestígios culturais deixados como herança por diferentes grupos, bem como nos relatos de caráter

histórico e antropológico obtidos, traça um panorama sobre as formas possíveis encontradas, para que essa etapa da vida fosse vivida em outras épocas e em outros contextos. A partir de então, tomando como base a realidade ocidental, traça uma linha por meio da qual expõe o desenvolvimento do discurso e do saber médico sobre a velhice, cuja retomada em partes, embora sucinta, considera-se aqui pertinente.

Conforme ressalta Beauvoir (1990), todo modelo de sociedade, visando ao seu crescimento e à sua consolidação, exaltava, de diferentes formas, o vigor e a capacidade de fecundação mais próprios da juventude, de modo a temer a decrepitude e a decadência, em geral associadas à velhice.

Tais pontos, entretanto, tornar-se-iam ainda mais perceptíveis em agrupamentos marcados por técnicas primitivas, nos quais a sobrevivência diária representasse um ponto central e nos quais a magia e a religião ainda ocupassem pouco espaço.

À guisa de ilustração, pode-se expor a situação dos *ainos*, do Japão, ou então dos *tongas*, da costa leste da atual África do Sul. A partir de relatos de Landor (apud BEAUVOIR, 1990) em pesquisa realizada em 1893, o *ainos* são tidos como uma sociedade rudimentar, fustigada por um clima demasiadamente frio e cuja dieta, baseada em peixes crus, mostrava-se insuficiente. Com poucos utensílios, dormindo no chão e com uma religião estritamente anímica, não possuíam templos, tampouco cerimônias, ritos ou tradições que pudessem ser transmitidas de geração em geração pelos mais velhos. As relações afetivas entre pais e filhos e mesmo entre mães e filhos eram quase que inexistentes. Tudo isso, desse modo, justificaria o destino delegado aos velhos, sacralizado na descrição do pesquisador.

Ao aproximar-me percebi uma massa de cabelo e duas garras, quase como magros pés humanos, com longas unhas curvas; algumas espinhas de peixe estavam espalhadas pelo chão e, havia sujeira amontoada naquele canto; o cheiro era medonho. Ouvi uma respiração por baixo da massa de cabelos. Toquei-os, afastei-os e, com um grunhido, dois magros braços ossudos estenderam-se para mim, tomando minha mão [...] Era quase cega, surda, muda; aparentemente sofria de reumatismo, que endurecera braços e pernas; trazia marcas de lepra. Era horrível, repugnante e humilhante olhar para ela. Não era maltratada e nem cuidada pelas pessoas da aldeia, ou por seu filho, que morava na mesma cabana; mas tornara-se um rebotalho e, como tal era tratada; de tempos em tempos, jogavam-lhe um peixe. (LANDOR apud BEAUVOIR, 1990, p. 60).

Os *tongas*, por sua vez, sedentários, praticantes da agricultura, e também da criação de animais, possuíam um chefe ao qual pertencia o solo, que o distribuía entre a comunidade. Cada um era dono daquilo que produzisse, ou daquilo que suas esposas produzissem. Sendo adeptos, portanto, da prática da poligamia e delegando grande parte do trabalho às mulheres,

quanto mais esposas tivesse um homem, mais rico e mais respeitado ele seria. Não possuíam, assim como os *ainos*, tradições a serem passadas adiante, ou práticas religiosas complexas. Na distribuição da comida, feita em comum, os velhos eram os últimos a serem alimentados. Ao tornarem-se decrepitos, passavam a ser tidos como fardos, como um peso ao grupo. A tendência, depois da morte das esposas (que lhes atribuíam status econômico), era que os homens fossem abandonados à própria sorte.

Embora generalizações não possam ser feitas, observa-se, em muitos casos, que o desenvolvimento de uma cultura comum, bem como de tradições e mitos, favoreciam os mais velhos. Nesse sentido, os *jivaros* servem de exemplo. Grupo próspero da América do Sul, eles viviam em um contexto no qual havia abundância de alimentos, no qual existia a prática da tecelagem e da produção de cerâmicas e no qual, a partir dos estudos das plantas, o desenvolvimento de diferentes fármacos foi possível. Os mais velhos, portanto, aí inseridos, eram necessários ao grupo para que as lendas fundadoras, as canções e a tradição, de modo geral, fossem repassadas às novas gerações.

Aos velhos, dessa tribo, e de outras a ela similares, eram atribuídos poderes sobrenaturais. A esses anciãos e sábios, pois, cabia a interpretação dos sonhos dos mais jovens, o conhecimento acerca do tabaco e dos narcóticos e a chefia das expedições, nos períodos de guerra.

Os *zandes*, do Sudão, que viviam da caça abundante e, ainda, do cultivo e da colheita de frutos, legumes e cereais, tinham também um artesanato bastante desenvolvido e atribuíam à magia um papel central. Para esse grupo, cada homem possuiria um poder, chamado de *mangu*, que aumentaria com o passar dos anos. Desse modo, os mais velhos, tendo mais poder, dominavam a tribo, abençoando ou amaldiçoando a caçada e, ainda, apropriando-se das mulheres dos mais jovens.

Conforme ressalta Beauvoir (1990), entretanto, a situação não pode ser vista apenas desse modo, como se, necessariamente, o abandono ou a adoração àqueles que envelhecem fosse uma constante relativa ao desenvolvimento econômico e cultural. São escolhas que o grupo faz, tendo em vista diferentes fatores.

Salta aos olhos que o velho tem mais condições de subsistir nas sociedades ricas do que nas pobres, nas sedentárias mais do que nas nômades. No que diz respeito às sedentárias coloca-se apenas um problema de sustento; no que se refere ao nômade, além deste problema, há ainda outro, mais difícil – o do transporte. Mesmo que gozem de certa abundância, esta não é conseguida senão graças a interessantes deslocamentos: se os idosos não conseguem seguir, são abandonados. Nas sociedades agrícolas, a mesma abundância seria suficiente para alimentá-los. Entretanto a situação econômica não é,

absolutamente, determinante: em geral trata-se de uma opção que a sociedade faz, e que pode ser influenciada por diferentes circunstâncias. O fato é que apesar da rudeza de sua existência, os *chukchees* do interior organizam-se para levar os velhos com eles, quando se deslocam. Em compensação, sociedades agrícolas que não contam entre as mais miseráveis deixam, com indiferença, seus velhos morrerem de fome. (BEAUVOIR, 1990, p. 99).

Acerca do desenvolvimento do saber médico em relação ao envelhecimento, do mesmo modo, Beauvoir (1990) expõe um panorama a partir do qual é possível perceber a consolidação do discurso científico e, portanto, legítimo a respeito da questão.

Atribui-se a Hipócrates, médico da Antiga Grécia, o movimento que gera a ruptura dos laços que fortemente amarravam a prática médica às questões de ordem religiosa ou mesmo filosófica. Conforme destaca Beauvoir (1990, p. 23), ao retomar a teoria pitagórica dos quatro humores, Hipócrates assevera que a doença (assim como a velhice, com a qual estabelece relações) seria o resultado do desequilíbrio entre o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. Coube a ele, ainda, a definição de idade de 56 anos como marco inicial da velhice, bem como as primeiras comparações entre as fases da vida e as quatro estações do ano, relacionando a velhice, então, ao inverno.

Sobre a velhice, em específico, teria deixado diversas anotações, relativas, por exemplo, às dificuldades respiratórias, às dores nas articulações e aos problemas de visão e de audição que acometiam grande parte dos velhos. A sucessão do conhecimento médico, em geral, e da velhice, em específico, entretanto, teria passado por novo processo de desenvolvimento apenas no século II, a partir de Galeno.

Ancorado também na perspectiva dos quatro humores, Galeno propôs discutir ainda a teoria do calor interior. Segundo ele, em um contexto de desidratação, esse calor deixaria o corpo, fazendo com que os quatro humores evaporassem. A velhice, vista então como intermediária entre a saúde e a doença, seria resultante desse processo. Além de conselhos gerais sobre higiene, respeitados até o século XIX, Galeno teria também indicado aos velhos, além de banhos quentes, vinho e uma rotina produtiva, mantendo-os ativos e ocupados.

Na Escola de *Salerno*, na Itália, tomada como berço da medicina ocidental, que teve seu apogeu entre os séculos X e XIII, foram elaborados regimes de saúde e de longevidade, atribuindo uma importância maior à prevenção dos males do que à cura da velhice. Para os velhos, então, foram produzidos mais tratados de higiene, ao mesmo tempo em que, de modo criativo, foram elaboradas lentes corretivas para a visão deteriorada.

Posteriormente, com o desenvolvimento da Escola Médica de *Montpellier*, na França, e também em um contexto de renascimento artístico, há um crescimento no que tange

o conhecimento acerca da anatomia humana (propiciado pela prática da dissecação dos cadáveres). Com o corpo humano mais claramente compreendido surgem novas perspectivas, embora nem sempre tão coerentes. Paracelso, no século XVI, propôs que o corpo humano fosse visto como um “composto químico” e a velhice como o resultado de um processo de auto-intoxicação. As ideias de La Mettrie, de caráter mecanicista, já no século XVIII, propiciaram o estabelecimento de relações entre o organismo humano e uma máquina. Desse modo, a velhice consistiria na degradação desse intrincado mecanismo, cuja pane absoluta acarretaria na morte. A tese de que haveria no homem um princípio vital, forjada por Stahl, por sua vez, nesse mesmo período, relacionava a velhice e a morte ao seu enfraquecimento.

É, portanto, com obras esparsas, ancoradas em princípios variados como os expostos acima, com base em Beauvoir (1990), que a medicina, que em seu percurso de desenvolvimento, tornando-se legitimada para abordar a saúde, de modo geral, bem como a velhice, mais especificamente, busca as suas explicações, as suas causas, as formas possíveis de prevenção e, de modo mais concreto em um segundo momento, por compreendê-la como uma doença, uma cura definitiva que a sobrepuje. É nesse contexto que, tomado como área específica, um ramo da medicina voltado à velhice estrutura-se.

É a partir de meados do século XIX que – sem ainda levar esse nome – a geriatria começa realmente a existir. Ela foi favorecida na França pela criação de vastos asilos onde se reuniam muitos velhos. A *Salpêtrière* era o maior asilo da Europa; abrigava oito mil doentes, dos quais entre dois e três mil eram velhos, que também eram em grande número em *Bicêtre*. Tornou-se, portanto, fácil coletar dados clínicos sobre os idosos. Pode-se considerar a *Salpêtrière* como o núcleo da primeira instituição geriátrica. Charcot pronunciou, ali, conferências célebres sobre a velhice; publicadas em 1866, essas conferências tiveram enorme repercussão. Muitos trabalhos sobre higiene, estereotipados e sem interesse, apareceram então. Mas a medicina preventiva, no conjunto, cedeu lugar à terapêutica. A partir de então, surgiu a preocupação de curar os velhos. (BEAUVOIR, 1990, p. 28-29).

O termo geriatria, em específico, teria sido cunhado por Nascher, médico vienense, que cresceu e estudou em Nova York e que, em 1909, teria fundado aquilo que seria considerado o primeiro programa de estudos em geriatria e, em 1912, a Sociedade de Geriatria de Nova York. A gerontologia, por sua vez, mais preocupada com os aspectos sociais, culturais, econômicos e demográficos que marcam a experiência da velhice, teria surgido a partir daí, em face de um contexto, principalmente europeu, no qual o envelhecimento populacional, não podendo mais ser ignorado, passou a exigir especialistas de diversas áreas que pudessem compreendê-lo.

2.2 Da segmentação do curso de vida à concepção moderna da velhice

Ao afirmar que a juventude é apenas uma palavra, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) faz referência ao fato de que, na verdade, tanto ela, quanto o seu antônimo, a velhice, não consistem em dados naturalmente estabelecidos, mas em *constructos*, resultantes de uma luta empreendida entre jovens e velhos.

Bourdieu (1983) ressalta, ainda, que a própria idade, apesar de importante e de efetiva no que tange a organização da estrutura social contemporânea, consistiria essencialmente em uma arbitrariedade, a qual objetivaria, grosso modo, perceber jovens e velhos como grupos homogêneos e a juventude e a velhice como categorias claramente definidas.

Cada campo, como mostrei a propósito da moda ou da produção artística e literária, possui suas leis específicas de envelhecimento: para saber como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por essa luta (“nouvelle vague”, “novo romance”, “novos filósofos”, “novos juízes”, etc.) Isto é muito banal, mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar de jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. (BOURDIEU, 1983, p. 113).

Philippe Ariès (2011), um dos precursores no que diz respeito ao desenvolvimento de pesquisas que tem como ênfase o recorte geracional e a constituição de categorias etárias, lembra que o crescimento da importância pessoal atrelada à noção de idade não remete a um período tão distante. A inscrição do nascimento nos registros paroquiais franceses, por exemplo, teria sido imposta por Francisco I, mas, tendo também de ser aceita pelos costumes, os quais eram avessos a uma contabilidade abstrata, somente teria se tornado prática difundida e aceita coletivamente no século XVIII.

Um homem do século XVI ou XVII ficaria espantado com as exigências de identidade civil a que nós nos submetemos com naturalidade. Assim que nossas crianças começam a falar, ensinamos-lhes seu nome, o nome de seus pais e sua idade. Ficamos muito orgulhosos quando Paulinho, ao ser perguntado sobre sua idade, responde corretamente que tem dois anos e meio. De fato, sentimos que é importante que Paulinho não erre: que seria dele se esquecesse a sua idade? Na savana africana a idade é uma noção bastante obscura, algo não tão importante a ponto de não poder ser esquecido. Mas em nossas civilizações técnicas, como poderíamos esquecer a data exata de nosso nascimento, se a cada viagem temos de escrevê-la na ficha de polícia do hotel, se a cada candidatura, a cada requerimento, a cada formulário a ser preenchido, e Deus sabe quantos há e quantos haverá no

futuro, é sempre preciso recordá-la. Paulinho dará sua idade na escola e logo se tornará o Paulo N. da turma x. (ARIÈS, 2011, p.01).

Nesse mesmo sentido, baseando-se em Meyer Fortes (1984), Debert (1999) observa que, apesar do papel central que a idade cronológica representa na sociedade ocidental contemporânea, constituindo-se em um pressuposto básico para o processo de socialização dos indivíduos e em um mecanismo essencial no que tange a atribuição de status civis, tais fatos estão ausentes, por exemplo, em muitos grupos não-ocidentais. Nesses grupos, por exemplo, mais do que o número de anos vividos, o estágio de maturidade ocupa uma posição de maior importância.

Os estudos antropológicos nas sociedades não-ocidentais, a partir da observação do ciclo de vida individual, procuram dar conta da incorporação dos estágios de maturidade na estrutura social. Eles têm mostrado que, nessa incorporação, leva-se em conta não apenas o desenvolvimento biológico, mas também o reconhecimento da capacidade para a realização de certas tarefas. A validação cultural de cada estágio não é apenas um reconhecimento dos níveis de maturidade, mas uma autorização para a realização de práticas como caçar, casar e participar do conselho dos mais velhos. Estágio de maturidade é, portanto, diferente de ordem de nascimento, posto que, apesar da data de nascimento, as pessoas podem estar autorizadas a realizar atividades próprias a um determinado grupo de idade. Por exemplo, o jovem, como uma classe de idade, pode compreender indivíduos nascidos há 10 ou 20 anos. O ritual de passagem de um estágio para o outro não se orienta pela idade cronológica dos indivíduos, mas pela transmissão de um status social, como poder e autoridade jurídica, cujo momento de transmissão depende, na maioria das vezes, da decisão dos mais velhos. (DEBERT, 1999, p. 46).

Mais do que maneiras distintas de periodizar a vida, entretanto, vale mencionar que atribuir direitos e conferir deveres aos sujeitos, tendo em vista o seu estágio de maturidade ou a sua idade cronológica, envolve aspectos díspares. Na primeira situação, por um lado, para além de uma questão biológica, em geral, leva-se em conta a capacidade por parte do indivíduo de realizar determinadas tarefas. Na segunda, entretanto, baseada em um sistema abstrato de datação, toma-se determinada faixa etária como dotada de características homogêneas. É assim que se torna legítimo no Brasil, por exemplo, compreender que a partir dos dezoito anos um indivíduo já pode responder legalmente pelos seus atos ou que, a partir dos sessenta e cinco, os sujeitos podem utilizar o transporte público gratuitamente, ignorando-se, pois, especificidades referentes às vidas por trás desses números.

Ariès (2011), ao retomar uma edição de 1556 de *Le Grand Propriétaire de toutes choses* – espécie de grande enciclopédia contendo questões sacras e também profanas –

demonstra como as “idades da vida”, então em número de sete - em alusão aos sete planetas do sistema solar – passaram de questões distantes, do domínio da ciência, para a esfera do cotidiano e do trivial.

Aí inserida, a primeira idade, a infância, seria assinalada pelo nascimento dos dentes e pelo pouco domínio da fala, estendendo-se até os sete anos; A segunda idade, por sua vez, chamada de *pueritia*, duraria até a marca dos catorze; A terceira idade, então compreendida como adolescência, faria referência ao período no qual a capacidade de reprodução estaria em seu auge; A quarta idade, denominada juventude, corresponderia à idade intermediária e estaria relacionada ao período no qual os indivíduos possuiriam forças para ajudar a si mesmos e aos outros. A quinta, a sexta e a sétima idade, conforme é possível constatar abaixo, fariam referência à velhice, tal qual essa é concebida hoje.

Depois segue-se a senectude, segundo Isidoro, que está a meio caminho entre a juventude e a velhice, e Isidoro a chama de gravidade, porque a pessoa nessa idade é grave nos costumes e nas maneiras; e nessa idade a pessoa não é velha, mas passou da juventude, como diz Isidoro. Após essa idade segue-se a velhice, que dura, segundo alguns, até 70 anos, e segundo outros, não tem fim até a morte. A velhice, segundo Isidoro, é assim chamada porque as pessoas velhas já não têm os sentidos tão bons como já tiveram, e caducam em sua velhice... A última parte da velhice é chamada de senies em latim, mas em francês não possui outro nome além de *vieillesse*. (ARIÈS, 2011, p. 07).

Nas artes plásticas, a crescente importância atribuída à questão etária também é perceptível. Os Degraus das Idades, por exemplo, que consistiam em gravuras de caráter popular as quais traziam imagens de indivíduos que servissem de representação para as diferentes etapas da vida, foram muito comuns entre os séculos XVI e XIX. A cada degrau tornava-se perceptível o envelhecimento do sujeito. Para além disso, a própria evolução do vestuário denotava que, mais do que uma referência a uma mera etapa biológica, a passagem dos anos também estabelecia nexos com uma questão de ordem comportamental e social. Os Degraus das Idades, portanto, serviriam também para, via artística, materializar um discurso que, desde muito tempo, vem estabelecendo lugares e práticas adequadas ou inadequadas, próprias e impróprias aos mais jovens e aos mais velhos.

Tais referências, acredita-se, tornam-se importantes de serem retomadas para demonstrar como as idades cronológicas, bem como os papéis sociais a elas atribuídos, não raras vezes tomados como inquestionáveis, consistem, na verdade, em opções feitas ao longo de um processo de organização e de ordenamento coletivo que teve, a partir da sociedade moderna, na figura do Estado um gestor imprescindível.

É nesse sentido que o termo ‘cronologização da vida’ é usado por Kohli e Meyer (1986). Trata-se de chamar a atenção para o fato de que o processo de individualização, próprio da modernidade, teve na institucionalização do curso da vida uma de suas dimensões fundamentais. Uma forma de vida em que a idade era praticamente irrelevante, foi suplantada por outra, em que a idade é uma dimensão fundamental na organização social. ‘Estágios de vida são claramente definidos e separados e a fronteira entre eles mais estritamente organizada pela idade cronológica’ (p. 145). A institucionalização crescente do curso da vida envolveu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos. (DEBERT, 1999, p. 51).

Das sete idades, portanto, presentes na antiga *Le Grand Propriétaire de toutes choses*, à vida segmentada em degraus de uma escadaria que, invariavelmente, levava à decadência e à morte, via intervenção do Estado, a infância, a adolescência, a idade adulta e a velhice foram sendo padronizadas e assumindo, com o passar do tempo, os tons que possuem contemporaneamente.

A estabilização das categorias etárias deu-se ao longo do século XIX, de modo que, no século XX, pôde-se observar maior uniformidade no interior dos grupos etários, marcação razoavelmente precisa da transição entre diferentes idades e institucionalização de ritos de passagem, como o ingresso na escola e na universidade e a aposentadoria (Hareven, 1995). Essa estabilização favoreceu a formação de identidades etárias que passaram a definir, por meio de características de conduta, crenças, hábitos corporais e ideais de satisfação, a experiência de ‘habitar’ cada uma dessas etapas da vida. (SILVA, 2008, p. 157).

Categorias que outrora pertenceriam a uma esfera íntima, pessoal e familiar, portanto, tornaram-se públicas e passaram a servir de orientação para posturas governamentais, legais e sociais. Retomando Debert (1999, p. 52) pode-se constatar que esse processo de institucionalização do curso da vida “não significou apenas a regulamentação das sequências, mas também a constituição de perspectivas e projetos, por meio dos quais os indivíduos orientam-se e planejam suas ações, individual e coletivamente”.

As acepções acerca da velhice, portanto, quando essa é percebida a partir de tal ponto de vista, resultariam dessa profusão de discursos e de saberes que cronologizam e, cartesianamente, dividem e segmentam o desenvolvimento biológico e a vida em etapas. Histórica, cultural e ideologicamente, pois, a velhice atual seria um reflexo de outros modelos sociais, que imprimiram suas marcas na cultura, do conhecimento e da prática médica que a definiram, de um amplo processo de individualização, próprio da modernidade (GIDDENS,

1992 apud DEBERT, 1999) e daquilo que, cotidianamente, sobre ela foi sendo dito, legitimado e aceito.

Indo ao encontro dessas perspectivas, e baseando-se nas teses foucaultianas acerca do nascimento da clínica, Katz (1996 apud SILVA, 2008, p. 158) define a velhice como “uma produção discursiva a partir da inserção dos sujeitos na série moderna de disciplinamento, sendo sobretudo resultado do investimento do discurso médico sobre o corpo envelhecido”.

Todo um saber pré-geriátrico, chamado por Katz (1996 apud SILVA, 2008) de “discurso sobre a senescência”, e que antecede a consolidação desse ramo específico da prática médica, já exposto aqui com base em Beauvoir (1990), delega um lugar muito específico à velhice no imaginário coletivo. Ao estabelecer, não raras vezes, aproximações entre o envelhecimento e o surgimento de patologias, bem como ao determinar a decrepitude e a senescência como pontos invariáveis desse momento da vida, tomada então como homogênea, o discurso médico definiu a velhice, necessariamente, como uma etapa marcada pela decadência física.

O discurso sobre a senescência desbancou as concepções renascentistas acerca da morte, dos limites da longevidade e da velhice. A morte era entendida como um obstáculo a ser superado e a longevidade, principalmente nos casos excepcionais de centenários, como um evento tanto fantástico e mágico quanto revelador da racionalidade própria do corpo humano. A velhice, a longevidade e a morte eram estudadas a partir de questionamentos médico-filosóficos. A partir do surgimento da medicina moderna, tende-se a estudar a velhice e o processo de envelhecimento como problemas clínicos, certezas biológicas e processos invariáveis. A morte passou a ser vista, então, como resultado de doenças específicas da velhice; a longevidade possui limites biológicos insuperáveis; a velhice é a etapa necessária da vida na qual o corpo se degenera. (SILVA, 2008, p. 158).

Foi esse discurso também que, vindo da ciência, sendo de fontes autorizadas, incidiu, inclusive, sobre as experiências cotidianas dos próprios sujeitos que vivenciavam esse processo e, em uma esfera mais geral, alimentou outros discursos, então proferidos pelos órgãos públicos e pelo Estado, em especial ao longo séculos XIX e XX.

A institucionalização do regime de aposentadorias, nesse ínterim, teria surgido como uma resposta do governo francês ao perigo social representado por uma massa proletária crescente, em um primeiro momento, e também pelos velhos, cuja proporção já aumentava. No caso dos idosos, em específico, apesar da legitimação de uma associação inequívoca entre velhice e invalidez, conforme lembra Silva (2008), tem-se aí o fortalecimento de uma posição de sujeito que permite a esses indivíduos alçarem a condição de cidadãos, dotados de direitos e com um papel político claro.

Ainda que a identidade entre velhice e invalidez seja a consequência da institucionalização do regime de aposentadorias que mais se solidificou no imaginário cultural, seu estabelecimento contribuiu para a caracterização da velhice como categoria política. O aposentado não é somente o sujeito incapaz para o trabalho, mas também o sujeito de direito, detentor de privilégios sociais legítimos, cujo reconhecimento lhe permite reivindicar benefícios em nome de uma categoria. A invalidez pode ser uma característica pejorativa e estigmatizante, mas ao mesmo tempo dá ensejo a um novo posicionamento subjetivo para a velhice. Katz (1996) aponta essa duplicidade trazida pela aposentadoria: ‘Se o movimento em torno das pensões/aposentadorias diferenciou o velho como especial, carente, dependente e improdutivo, ele também politizou essa parcela da população, criando uma posição de subjetividade radical, desde a qual uma pessoa pode exigir seus direitos sob o status do idoso’. (SILVA, 2008, p. 160).

2.3 A assunção da velhice e daquilo que a dificulta

Eu não tinha esse rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo. Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra. Eu não dei por mim esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: Em que espelho ficou perdida minha face? (MEIRELES, 1994, p.112-3).

O poema Retrato, de autoria de Cecília Meireles, serve de ilustração e também de ponto de partida para a discussão acerca da identidade do velho, bem como da autopercepção do processo de envelhecimento. Em um contexto no qual as imagens dos idosos são de rostos tristes, calmos e demasiadamente emagrecidos, de mãos fracas, frias e mortas e de corações escondidos pela passagem do tempo, perceber-se como tal não é algo simples. Na verdade não é de possível realização.

Sendo etapa necessariamente negativa, marcada pela degradação e pelo declínio físico, a qual representaria não apenas uma aproximação da morte em si, mas também, desde um primeiro momento, uma espécie de morte social, a velhice constitui-se como algo indesejado, algo que precisa ser desesperadamente combatido.

Ser velho, portanto, seria da esfera daquilo que Sartre (1997) chamou de irrealizáveis, referindo-se àquelas características que, sendo percebidas e determinadas pelos demais, sendo exteriores, nunca são plena e absolutamente realizadas no indivíduo. Beauvoir (1990, p. 356-357), companheira de uma vida do filósofo, retoma a questão.

É que a velhice pertence àquela categoria que Sartre chamou: os irrealizáveis. Seu universo é infinito, uma vez que representam o inverso de nossa situação. O que somos para outrem, é impossível vivê-lo do mesmo modo para si. O irrealizável é o “meu ser na distância, que limita todas as minhas escolhas, e constitui o seu avesso”. Francesa, mulher de escritor, sexagenária: essa situação que eu vivo é, no meio do mundo, uma forma

objetiva que me escapa. Mas o irrealizável não se revela como tal, senão à luz de um projeto que visa a realizá-lo. Francesa, na França, nada me incita a me interrogar sobre o sentido que tem essa qualificação. Em país estrangeiro ou hostil, minha nacionalidade existiria para mim, e eu teria que adotar uma certa atitude em relação a ela: reivindicá-la, dissimulá-la, esquecê-la etc. Em nossa sociedade, a pessoa idosa é designada como tal pelos costumes, pelos comportamentos de outrem, pelo próprio vocabulário: ela tem de assumir essa realidade. Há uma infinidade de maneiras de fazê-lo: nenhuma me permitirá coincidir com a realidade que assumo. A velhice é um além de minha vida, do qual não posso ter nenhuma experiência interior. De maneira mais geral, meu ego é um objeto transcendente, que não habita minha consciência, e que só pode ser visualizado à distância.

Ao discutir as acepções negativas que cercam a velhice, bem como a dificuldade que envolve o processo de autoidentificação com a imagem do velho, torna-se importante trazer elementos que permitam refletir sobre a morte, tendo em vista que, a partir da concepção linear que marca o ciclo de vida, a velhice corresponderia à etapa que imediatamente a antecede. “Transitoriedade da beleza”, poema de Christian Hofmann von Hofmannswaldau (apud ELIAS, 2001, p. 16), datado do século XVII, introduz a reflexão.

Por fim a morte pálida com sua mão gelada, Com o tempo acariciará teus seios; O belo coral de teus lábios empalidecerá, A neve de teus mornos ombros será fria areia, O doce piscar de teus olhos/ o vigor de tua mão, Por quem caem/ cedo desaparecerão, Teu cabelo/ que agora tem o tom do ouro, Os anos farão cair, uma comum madeixa, Teu bem formado pé/ a graça de teus movimentos, Serão em parte pó/ em parte nada e vazio. Então ninguém mais cultuará teu esplendor agora divino, Isso e mais que isso por fim terá passado, Só teu coração o tempo durará, Porque de diamante o fez a natureza. (HOFMANNSWALDAU apud ELIAS, 2001, p. 16).

De acordo com Ariès (2003), em obra na qual discute a história da morte no ocidente, durante séculos a questão foi encarada como sendo algo da instância do natural e do cotidiano. Essa morte, para Ariès (2003), seria definida como “domada”, uma vez que não causava o espanto e o medo que causa contemporaneamente, momento no qual ela passaria a ser definida como selvagem.

Em outros tempos, no qual as ossadas afloravam à superfície dos cemitérios, tal como se percebe em Hamlet, de Shakespeare, ou então nos crânios humanos que ornavam os templos, tais como ocorre na Igreja de São Francisco, em Évora, Portugal, a presença da morte e a própria convivência com os restos mortais não soavam tão abjetas quanto soam hoje.

Sobre a transição, portanto, dessa morte familiar para a morte cujo próprio nome se evita, Ariès (2003) enumera uma série de fenômenos que a justificariam. Buscando referências sobre o cristianismo dos primeiros séculos, demonstra que de uma percepção do Apocalipse na qual, sem julgamento ou condenação, os mortos ressuscitariam, desde que os

seus corpos tivessem sido confiados à Santa Igreja, chega-se ao Juízo final, em que, mediante conduta individual, cada pessoa seria salva ou punida. De um dia em que todos os mortos se levantariam, chega-se, pois, ao julgamento no próprio quarto do moribundo, conforme expõem tantas imagens e gravuras de caráter religioso.

Outro fenômeno mencionado corresponderia ao aparecimento do “cadáver decomposto” nas artes. Antes ausente dos testamentos e da arte funerária, a posteriori, na poesia dos séculos XV e XVI, por exemplo, teria se tornado temática recorrente. As sepulturas, outrossim, que com o passar do tempo se tornam individualizadas, demarcadas por lápides e, não raras vezes, por máscaras modeladas a partir do próprio rosto do defunto, demonstram a passagem “do completo anonimato à inscrição curta e ao retrato realista” (ARIÈS, 2003, p. 58).

Chega-se então, nos séculos XVII e XVIII, a uma ruptura que faz com que, assim como o ato sexual, a morte passasse a ser vista como uma transgressão, como um arrebatamento que arrancaria o homem de seu cotidiano e o lançaria, no caso do óbito, a um mundo irracional. Do morrer de outrora, velado pelos familiares, chega-se à morte interdita, camuflada, da qual as crianças não devem saber, sendo poupadas mediante uma profusão de eufemismos, e da qual os parentes querem distância. Pode-se, então, retomar Ariès (2003, p. 100).

Na época moderna, apesar da aparente continuidade dos temas e ritos, a morte problematizou-se e, furtivamente, afastou-se do mundo das coisas familiares. No imaginário, aliou-se ao erotismo para exprimir a ruptura da ordem habitual. Na religião, significou, mais que na Idade Média [...] desprezo pelo mundo e imagem do nada. Na família, mesmo quando se acreditava na vida além da morte – ainda que num sentido mais realista, como uma verdadeira transposição da vida na eternidade – a morte foi a separação inadmissível, a morte do outro, do amado.

De certo modo, indo ao encontro dessa perspectiva, Norbert Elias (2001), ao discutir a solidão dos moribundos, afirma que a morte na contemporaneidade seria recalcada, em um sentido duplo do termo. O primeiro recalçamento, no plano individual, iria ao encontro da perspectiva freudiana, referindo-se, assim, ao conjunto de mecanismos psicológicos de defesa que bloqueariam o acesso a determinadas memórias demasiadamente dolorosas e que, apesar disso, não impediriam que sentimentos e comportamentos fossem reflexos dessas.

A incapacidade de dar aos moribundos ajuda e afeição, nesse sentido, pela relação que se estabeleceria entre a morte desses sujeitos e a própria morte do indivíduo em questão seriam, para Elias (2001) um reflexo dessa primeira esfera do recalçamento.

A segunda acepção possível para o recalçamento da morte, por outro lado, faria referência a um impulso civilizador que teria tendido a lançar para o campo do vergonhoso e do repulsivo todos aqueles aspectos elementares e animais da vida humana. Sob o signo do repulsivo, pois, a morte, como perigo biossocial, teria sido “empurrada mais e mais para os bastidores da vida social” (ELIAS, 2001, p. 19).

Tais proposições, portanto, que apontam a consolidação de um discurso sobre a morte que delega a essa um lugar longe do viver cotidiano, distante da normalidade das práticas diárias e das lembranças triviais, reforça uma necessidade crescente de postergar o fim da vida e, ao mesmo tempo, de tornar a velhice algo ainda mais distante. Avanços na área científica e tecnológica, bem como um aumento da expectativa de vida da população contribuem ativamente nesse processo.

O conhecimento da implacabilidade dos processos naturais é aliviado pelo conhecimento de que, dentro de certos limites, eles são controláveis. Mais no que nunca, podemos hoje esperar – com a habilidade dos médicos, a dieta e os remédios – o adiamento da morte. Nunca antes na história da humanidade os métodos mais ou menos científicos de prolongar a vida foram discutidos de maneira tão incessante em toda a sociedade como em nossos dias. O sonho do elixir da vida e da fonte a juventude é muito antigo, mas só assumiu uma forma científica – ou pseudocientífica – em nossos dias. A constatação de que a morte é inevitável está encoberta pelo empenho em adia-la mais e mais com a ajuda da medicina e da previdência, e pela esperança de que isso talvez funcione. (ELIAS, 2001, p. 56).

Veja, ancorando-se no discurso de especialistas e nas pesquisas mais recentes, continuamente indica aos seus leitores, passo a passo, as formas de se obter uma vida saudável. Isso está perceptível em Luz (2010), em texto no qual apontando o caráter publicitário das matérias de *Veja*, ressalta que tal postura favoreceria toda uma indústria em prol do bem-estar, da saúde e da beleza. Exemplos de sequências discursivas coletadas ao longo da pesquisa, bem como a capa da edição 2221, de junho de 2011, servem de ilustração.

Conhecer o funcionamento do organismo é o primeiro passo para a longevidade saudável e feliz. E nunca é tarde para começar a se cuidar: a partir dos 50 anos é possível controlar 80% do destino de sua saúde. Sim, até mesmo para quem foi relapso nas décadas anteriores. (LOPES; MAGALHÃES, 2009, p. 130). (T90 SD208).

Muitos cientistas se inibem diante da crença arraigada de que envelhecer é “natural” e “inevitável”. Eu me dei conta de que, para intervir no processo de envelhecimento, não é necessário entender a cadeia inteira de fenômenos relacionados a ele. Basta entender as lesões celulares e moleculares que enfraquecem os tecidos do corpo humano. É um atalho parcial, porém necessário. E suficiente. (OPPERMANN, 2011, p. 143). (T97 SD217).

Imagem 1: Capa da edição 2221, de 15 de junho de 2011



Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 24, ed. 2221, 2011

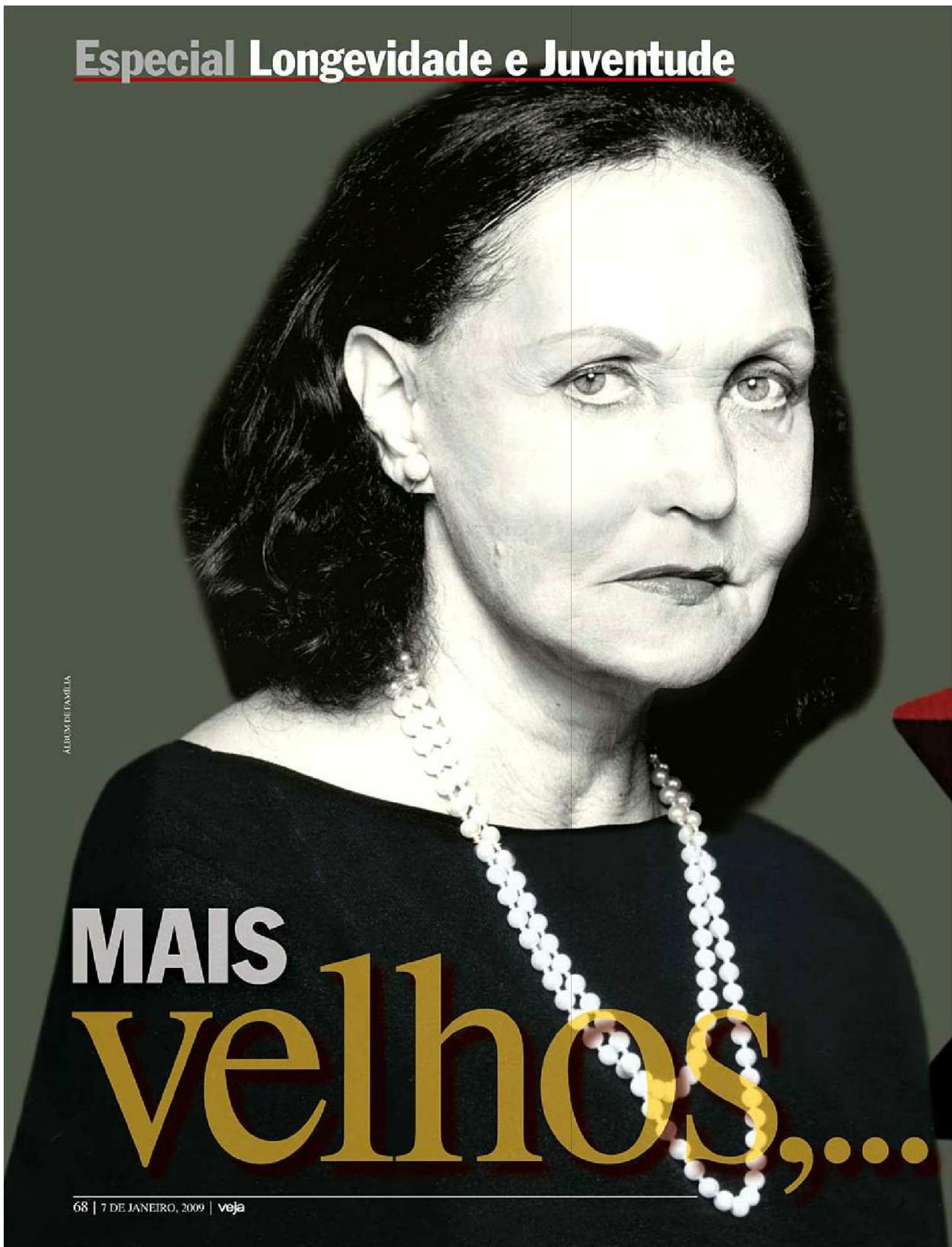
É também a partir dessa questão que as discussões acerca da problemática de identificação com a imagem do velho e da crise da meia idade tornam-se pertinentes e atualizadas. Sobre isso, Debert (1999) estabelece um paralelo entre um modelo social, pré-moderno, no qual as ideias de tradição e de continuidade estavam intimamente ligadas às gerações, e outro no qual, tendo adquirido um sentido de renovação, o ciclo da vida passaria a ser assinalado por uma sucessão de experiências abertas e não de passagens ritualizadas. Os velhos modelos, seguidos pelos pais e, antes desses, pelos avós, tornam-se, desse modo, caducos. “Cada fase de transição tende a ser interpretada, pelo indivíduo, como uma crise de identidade e o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases de crise” (DEBERT, 1999, p. 53). *Veja reitera.*

Nunca na história da humanidade foi tão fácil ter 40 anos. [...] A medicina garante cada vez mais aos quarentões a capacidade de fazer aniversário com os músculos rijos, o coração, saudável e a vida sexual em movimentada atividade. (QUARENTÕES..., 1992, p. 48). (T23 SD44).

Enquanto as mães das atuais quarentonas quase não tinham opções fora das reclusões do lar, cuidando de filhos e netos, fazendo tricô e assistindo à televisão, as pós-balzaquianas de hoje querem mais, muito mais. Na batalha por uma maturidade viçosa e útil, com bem-estar e saúde, boa aparência e sexo, lotam os horários matinais das academias de ginástica com shortinho e camiseta (muitas vezes tomado emprestado da filha), fazem a fortuna de cirurgões plásticos, abarrotam os cofres das indústrias farmacêuticas e de cosméticos. Tudo isso além de trabalhar (40% estão no mercado) e cuidar da casa. É uma luta danada, mas recompensada pela expectativa de que podem viver muito mais do que seus ovários. E viver bem. (CAPRIGLIONE; LEITE, 1995, p. 84). (T28 SD58).

Para o bem ou para o mal, a cobrança para não mostrar a idade é onipotente e onipresente. Antes o certo e esperado para uma mulher de 40 anos era ficar grisalha, meio flácida, largada e conformada. Hoje, essa mesma possibilidade, é motivo de angústia e pesadelos. “Existe um desconforto em envelhecer. Não é medo de morrer. É ter de enfrentar os limites que seu corpo vai lhe impor”, avalia a psicanalista paulista Eleonora Mendes Caldeira, 57 anos que nem olhando na certidão dá para acreditar. [...] Enquanto isso, é brilhar nas festas, ofuscar a concorrência, embasbacar quando se conta (se conta) a idade. Com sorte, dá até para comemorar os aniversários. (PINHEIRO, 2003, p. 88). (T61. SD122).

Imagem 2: Monah Delacy, exemplificando a velhice do passado...



Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 42, ed. 2094, 2009, p.68.

Imagem 3: E sua filha, Christiane Torloni, destacando um novo jeito de envelhecer



Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 42, ed. 2094, 2009, p.69.

Acerca da identidade geracional, como bem lembram diferentes pesquisas de caráter antropológico (ATTIAS-DONFUT, 2004; LINS DE BARROS, 2007; MOTTA, 2007), pela sua efemeridade, ela assume características ainda mais complexas. Modificando-se com o transcorrer dos anos, da infância, passando pela adolescência, pela fase adulta e pela maturidade, chega-se à velhice, a qual, conforme já exposto, coletivamente já é percebida de modo negativo. Pode-se, então, lembrar do que diz Ecléa Bosi (1994, p. 79), em texto sobre as lembranças dos velhos.

A velhice, que é um fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas de percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas.

É em face disso que é possível perceber nos cabelos que se tornam grisalhos, na pele que se torna menos viçosa e nos passos que se tornam mais lentos ecos daquilo que Erving Goffman (2008) chama de estigma, em obra na qual discute a identidade deteriorada.

Ao recuperar o termo, desde a Grécia antiga, Goffman (2008) ressalta que ele fazia referência às marcas que expunham uma condição negativa acerca do sujeito que as possuísse. Contemporaneamente, ainda, referir-se-ia àqueles atributos depreciativos relacionados a alguém, a partir de algo que é pejorativamente percebido pelo coletivo. O indivíduo estigmatizado, pois, seria aquele que se distinguiria daqueles sujeitos “normais”, que não carregariam esses sinais.

Vale tudo na tentativa de acabar com as rugas. Até mesmo usar uma substância produzida pelas bactérias que provocam o botulismo [...] Em pequenas doses, a toxina botulínica inibe a contração muscular, evitando a formação de rugas de expressão. A fisionomia, paralisada, também pode perder a capacidade de manifestar emoções, se o produto for mal aplicado. Mas quem liga para esse detalhe quando se trata de combater as rugas? (ATAQUE..., 1996, p. 91). (T30. SD64).

Pois é: cabelo branco pode ser chique, autêntico, e libertador, mas na maior parte do planeta continua sendo vetado, sinônimo de desleixo, preguiça ou, anátema supremo, velhice. As mulheres pintam os cabelos porque querem se ver e ser vistas como detentoras de pelo menos alguns traços de juventude. (MOHERDAUI, 2009, p. 129). (T89 SD207).

Noção que atravessa todo essa pesquisa, e sem a qual a própria concepção deste trabalho não seria possível, a identidade, vista como um ato de criação social e discursiva, é importante de ser discutida mais especificamente. Com base em Silva (2000), que aponta as identidades e as diferenças como produções linguísticas, torna-se possível concebê-las, não como algo naturalmente posto, mas como resultantes de disputas simbólicas e também materiais em torno do poder e do sentido e como variáveis, mediante os contextos nos quais essas estiverem inseridas.

Apesar de sua natureza ficcional, uma vez que surgem do processo por meio do qual o *self* é narrativizado, conforme salienta Stuart Hall (2000), o caráter político e social da identidade não é de modo algum diminuído. Mesmo que a sua constituição e a sua cristalização no imaginário coletivo e na história se dê no espaço da fantasia, ela adquire pregnância e é tomada pelo grupo.

A identidade aqui percebida, do mesmo modo, nunca é singular, nunca é fechada em si mesma, sendo constantemente significada e ressignificada ao longo dos movimentos dos sentidos e dos dizeres. Hall (2000, p. 109) ressalta que as identidades são construídas “dentro e não fora dos discursos”, sendo por isso, inclusive, que se faz necessário percebê-las levando em consideração o ambiente que propicia o seu desenvolvimento e a sua consolidação.

Baseando-se em uma perspectiva althusseriana, Hall (1995 apud HALL, 2000, p. 112) concebe as identidades também como sendo os “pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”. Desse modo, assumir a identidade de negro, homossexual e velho, por exemplo, corresponderia, pois, à aceitação do chamamento e da interpelação feita pela ideologia, a qual se materializaria via discurso.

Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais dos discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. (HALL, 2000, p. 111-112).

Mais do que o resultado de processos que assinalam uma unidade e uma mesmidade sem costuras que a tudo inclui, todavia, as identidades e as diferenças seriam relativas à exclusão. A delimitação daquilo que se é ou, tão importante quanto, daquilo que não se é, consiste em um processo mais complexo do que pode parecer em um primeiro instante.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer ‘o que somos’ significa dizer também ‘o que não somos’. A identidade e a diferença, se traduzem

assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e sobre quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem, e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam as relações de poder. ‘Nós’ e ‘eles’ não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder. (SILVA, 2000, p. 82).

Como bem lembra Hall (2000), sendo prática de significação, a identidade está naturalmente sujeita ao jogo da *differancé*, obedecendo à lógica do mais-que-um. A identificação, pois, ante essa perspectiva, necessita de operações discursivas que delimitem as suas fronteiras, que demarquem os seus limites e, invariavelmente, ao longo desse processo, requer aquilo que lhe é exterior e, justamente por isso, constitutivo.

As concepções de Butler (2000), então, são de grande relevância. Ao perceber o sexo como parte de uma prática que, inscrevendo-se nos corpos dos sujeitos, os governa e os controla, sendo desde sempre de uma instância normativa, Butler (2000) discute como suas normas regulatórias atuam em um sentido de corroborar para a delimitação de um imperativo heterossexual.

Nesse sentido, afirma que aquilo que é de fora, que não corresponde ao que é englobado pela norma vigente – a homossexualidade, no caso – é tomado como um exterior abjeto, digno de repulsa e, justamente por isso, constitutivo daquilo que é da ordem do adequado, do normal e do hegemônico. Tratar-se-ia, pois, de uma oposição binária, na qual um elemento seria não só o contrário, mas também aquilo que dá forma ao outro. Desse modo, a homossexualidade seria um parâmetro para a estruturação da heterossexualidade, assim como, estabelecendo um paralelo com questão geracional que aqui é relevante, aquilo que próprio da velhice constituiria as demarcações daquilo que é próprio da juventude. É assim que, quando aí percebidos, os corpos e as vidas ganham pesos diferentes, sendo dignos ou indignos de pranto.

Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo do tempo, os sujeitos vêm sendo indicados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura. (LOURO, 2004, p.75).

Contemporaneamente, mais do que em outros períodos, o corpo, em um sentido não apenas material, mas também simbólico, corresponde, de acordo com Durkheim (apud LE BRETON, 2007), a um fator de individualização, sendo a fronteira que, em última instância, distingue os sujeitos. “Sendo moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2007, p. 07).

Configurando-se, assim, como o traço mais visível dos atores sociais, deixa de ser mera coleção de órgãos e de tecidos, podendo ser percebido como questão cultural, como uma superfície de projeções e de disputas simbólicas. Conforme lembra David Le Breton (2007, p. 07-08),

[...] do corpo nasce e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo o homem apropria-se da substância de sua vida, traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. [...] Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural.

Justamente pela clara importância que assume, o corpo, tomado como esse lugar, ao mesmo tempo, “da biologia, das expressões psicológicas, dos receios e dos fantasmas culturais” (SANT’ANNA, 2005, p. 12), como esse marco que, perante os outros, expõe o sujeito, lhe pré-estabelece características e definições e lhe atribui espaços e sentidos, deve ser apagado, não deve gerar incômodos e tampouco transtornos, nem para si, nem para os outros. “O corpo estranho se torna corpo estrangeiro e o estigma social funciona então com maior ou menor evidência conforme o grau de visibilidade da deficiência” (LE BRETON, 2007, p. 50).

De acordo com Lipovetsky (2005), o culto ao belo, a valorização demasiada da forma e da aparência e um narcisismo exacerbado corroboram para o surgimento de um novo perfil de sujeito, com relações diferentes consigo mesmo, com o seu corpo, com os que o cercam e com o mundo, de maneira geral. O capitalismo autoritário, aí inserido, teria cedido lugar ao “capitalismo hedonista e permissivo” (LIPOVETSKY, 2005, p. 32). E, nesse sentido, tudo se tornaria válido para combater aquilo que tenta atingir esse corpo, tudo aquilo que tenta expô-lo de modo negativo, salientando suas deficiências, seus traços estigmatizantes.

Sem a menor sombra de dúvida, a representação social do corpo sofreu uma mutação cuja profundidade pode ser posta em paralelo com o abalo democrático da representação do outro; o narcisismo resulta do advento desse novo imaginário social do corpo. Do mesmo modo que a apreensão da alteridade do outro desaparece em benefício do regime de identidades entre os seres, o corpo perde o seu status de alteridade, de *res extensa*, de materialidade muda, em proveito da sua identificação com o ser-indivíduo com a *pessoa*. O corpo não designa mais uma abjeção ou uma máquina, mas designa nossa identidade profunda da qual não mais se tem motivo para sentir vergonha; podemos exibi-lo nu nas praias ou em espetáculos, em toda a sua verdade natural. Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade; deve-se respeitá-lo, quer dizer, cuidar constantemente do seu bom funcionamento, lutar contra a sua obsolescência, combater os sinais de sua degradação por meio de uma reciclagem permanente (cirúrgica, esportiva, dietética, etc.); a decrepitude física tornou-se uma torpeza. (LIPOVETSKY, 2005, p. 42).

É em face deste contexto, portanto, que velhice, estando eminentemente relacionada à decrepitude, à senilidade e à perda de papéis sociais, é concebida não mais como um estágio natural do desenvolvimento biológico, mas como uma característica negativa a qual o sujeito não quer estar relacionado. A juventude, por outro lado, transforma-se em um valor a ser buscado, em um troféu a ser conquistado e em um trunfo a ser empregado, não mais apenas aos vinte ou trinta anos, mas em qualquer etapa da vida.

Elege-se a juventude como idade-padrão da sociedade contemporânea, e nesta eleição podemos ver associadas as categorias de desenvolvimento, mudança social, tempo linear e os padrões estéticos definidores da beleza a ponto de se estabelecer certa contigüidade entre as ideias de jovem, belo, moderno e progresso. (LINS DE BARROS, 2004, p. 16).

Desse modo, dietas específicas, exercícios físicos, cirurgias reparadoras e hábitos de consumo, envolvendo vestuário, música e viagens, por exemplo, combinam-se, contribuindo para que a velhice não chegue, para que os sinais daquele corpo decrépito, estigmatizado e mesmo deficiente sejam repelidos. A partir de um discurso que prescreve uma série de práticas, conforme será destacado mais detalhadamente no momento da análise, a velhice é convertida em uma responsabilidade de cada um e, conforme define Debert (1999), é reprivatizada.

Se não garantem o frescor insubstituível da juventude, todos esses tratamentos [tratamentos estéticos e cirúrgicos de rejuvenescimento] contribuem para uma maturidade digna e conservada. O objetivo é reparar uma injustiça biológica, detectada por Montaigne, no século XVI: 'Ensinamos a viver quando a vida já passou'. Que homem não gostaria de enfrentar seus anos outonais com um jeito de Tarcísio Meira ou o charme sacudido de Sean Connery? Que mulher não acharia ótimo entrar na faixa dos 50 como o corpinho de bailarina de Betty Faria, a beleza atemporal de Catherine Deneuve ou a figura implacável de Lauren Hutton, a modelo americana de

dentes separados que renasceu para a carreira, tornando-se o símbolo da redescoberta do encanto das coroas numa indústria dominada por adolescentes de 16 anos e 45 quilos? (VIVER..., 1993, p. 92). (T25 SD52).

Para os adeptos da reposição hormonal masculina, a testosterona representa uma espécie de fonte da juventude. Na adolescência é ela que cumpre o papel de propiciar o desenvolvimento de caracteres sexuais masculinos. É a testosterona, por exemplo, que provoca o aparecimento da barba e o engrossamento da voz. Produzido basicamente nos testículos, o hormônio também comanda a libido. E são os resultados nesse campo, concretamente observáveis, os que mais costumam empolgar os homens submetidos à reposição hormonal. (MEZAROBBA, 1997, p. 91). (T31 SD65).

Retomando Ortega (2002, p. 159-160), em texto no qual discute a perspectiva ascética proposta por Foucault, bem como as reflexões acerca do bio-poder e do cuidado de si, pode-se perceber como, entre uma série de imagens negativas e, ao mesmo tempo, mediante a necessidade de novos modelos, a velhice constitui-se em um paradoxo pós-moderno.

No caso da velhice, o modelo bio-médico dominante define o envelhecimento exclusivamente em termos de declínio à idade adulta, como um estado patológico, uma doença a ser tratada. Os sinais da velhice tornaram-se marcas de aversão e patologia. Como resultado, os problemas sociais são neutralizados e os idosos são marginalizados em instituições de saúde. Ao mesmo tempo, a velhice é 'reconstruída como um estilo de vida mercadológico que conecta os valores mercadológicos da juventude com técnicas de cuidado corporal para mascarar a aparência da idade' (KATZ apud MORRIS, 2000, p. 236). Os idosos da atualidade são apresentados como saudáveis, joviais, engajados, produtivos, autoconfiantes e sexualmente ativos.

2.4 Os novos sentidos para os velhos dizeres

Os lares para a terceira e quarta idades, essas benfazejas instituições criadas em atenção à tranquilidade das famílias que não têm tempo nem paciência para limpar os ranhos, atender aos esfínteres fatigados e levantar-se de noite para chegar a arrastadeira, também não tardaram, assim como já o haviam feito os hospitais e as agências funerárias, a vir bater com a cabeça no muro das lamentações [...] Habitados até agora, tal como os seus queixosos parceiros da injeção intravenosa e da coroa de flores com fita roxa, à segurança resultante da contínua e imparável rotação de vidas e mortes, umas que vinham entrando, outras que iam saindo, os lares da terceira e quarta idades não queriam nem pensar num futuro de trabalho em que os objectos dos seus cuidados não mudariam nunca de cara e de corpo, salvo para exhibi-los mais lamentáveis em cada dia que passasse, mais decadentes, mais tristemente decompostos, o rosto enrugando-se, prega a prega, igual que uma uva passa, os membros trêmulos e duvidosos, como um barco que inutilmente andasse à procura da bússola que lhe tinha caído ao mar. (SARAMAGO, 2005, p. 29-30).

Em “As intermitências da morte”, José Saramago, expoente da literatura portuguesa, cria, em um país fictício, uma realidade que, conforme exposto acima, diz muito das posturas de nossa sociedade em relação à vida e à morte e, sobretudo, dos modos de gestão da velhice. Em um contexto no qual, a partir da entrada do ano novo, a morte interrompe as suas atividades, hospitais, agências funerárias e abrigos de idosos passam a não saber mais como agir. O número de idosos tende a crescer, uma vez que a expectativa de vida passa a ser infinita, sem que o sistema estivesse preparado para tal fenômeno. Milagre da vida eterna, enfim, que se reveste em caos ante a fragilidade de um modelo de agrupamento que necessita, conforme brilhantemente expõe Saramago (2005), da rotação das vidas e da substituição dos corpos.

Torna-se pertinente retomar o texto, acredita-se, pelas semelhanças que a descrição guarda com o contexto atual, de crescimento constante do número de idosos, de temor frente à possibilidade de um colapso do sistema público e, principalmente, pela inépcia que assinala tão fortemente a população no que tange as relações com aqueles que, seguindo o curso natural da vida, envelhecem.

Dados de estudos realizados pela Divisão de População da Organização das Nações Unidas mostram que, em 1975, o número de pessoas com mais de 60 anos girava em torno de 300 milhões e estimativas apontam que, em 2025, o número de pessoas com mais de 60 anos alcançará o número de 1 bilhão e 120 milhões de pessoas, sendo que 72% dessas estarão em países em desenvolvimento (RODRIGUES, 2006, p. 53).

Para além das páginas de Saramago (2005), então, observa-se contemporaneamente uma inversão das pirâmides demográficas, a qual, globalmente, expõe uma diminuição do número de nascimentos e uma ampliação da longevidade. Aliado a essas questões demográficas, uma revolução comportamental, uma mudança significativa no que diz respeito a um conjunto de dogmas e de valores e, claro, um aumento do poder aquisitivo dos idosos passam a exigir novas imagens referentes ao envelhecimento, à velhice e aos velhos.

‘Essa é a melhor geração de velhos que o Brasil já produziu’, diz o professor Veras [diretor da UERJ]. ‘Mais de 80% deles vão muito bem’, informa. [...] segundo uma pesquisa recente realizada em dez regiões metropolitanas, mais de 70% dos velhos têm pelo menos uma casa. Segundo a Seade, com base em dados do IBGE, as famílias chefiadas por homens e mulheres com mais de 60 anos na Grande São Paulo têm renda per capita de quase quatro salários mínimos – meio salário a mais que as famílias encabeçadas por homens de até 44 anos. (CRUZ; CARVALHO, 1996, p. 55). (T29 SD61).

Voltar a estudar, fazer esportes e até namorar são atividades plenamente aceitáveis para quem está na terceira idade. Antes, poucas pessoas achavam

que valia a pena se separar na terceira idade. Agora existe a ideia de que ainda se pode fazer muita coisa depois dos 60 anos. (A VIDA..., 2003, p. 60). (T63 SD130).

Se, durante muito tempo, as teorias e as perspectivas sobre a velhice que prevaleceram foram aquelas relativas ao desengajamento dos idosos da vida pública, a partir de então outros sentidos passaram a se fazer necessários. As teorias com foco no papel ativo desses sujeitos ganharam fôlego e outra categoria etária passou a se materializar (RODRIGUES, 2006).

O surgimento da categoria da 'terceira idade' é considerado, pela literatura especializada, uma das maiores transformações por que passou a história da velhice. De fato, a modificação da sensibilidade investida sobre a velhice acabou gerando uma profunda inversão de valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hobbies e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família. (SILVA, 2008, p. 161).

De maneira mais específica, de acordo com Lenoir (1979), a terceira idade teria surgido na França, em um movimento que teria culminado na elaboração de políticas públicas específicas em relação à velhice, em mudanças na forma de perceber a questão e, dessa maneira, na concepção do envelhecimento não só como uma série de perdas.

Apesar disso, Lenoir (1979) ressalta que a terceira idade, ao invés de uma negação propriamente dita da velhice, corresponderia a uma nova faixa etária que se interporia entre essa e a maturidade. Em relação aos termos pejorativos relacionados à velhice, surgiriam novos termos, de fato opositivos, mas que, ao invés de substituí-los, superá-los, passaram a conviver com esses, referindo-se a realidades diferentes. Fala-se então, em velhice e em terceira idade, em velhos e em idosos e em aposentadoria ativa ou não-ativa, como aspectos importantes, de estágios díspares, de momentos diferentes.

Indo ao encontro dessa perspectiva, e retomando Lenoir, Clarice Peixoto (2007) lembra que o trabalho de classificação tende a ser, de modo invariável, um trabalho de eufemização, que permite tornar público aquilo que vinha, até então, sendo interdito, proibido. Empregam-se novos termos, enfim, para dizer, efetivamente, coisas pouco diferentes. Tem-se, é claro, na terceira idade, discursos outros que propiciam novos lugares aos sujeitos. A questão a ser colocada, entretanto, é que mais uma vez não se trata de sujeitos de todas as idades e, tampouco, sujeitos de todas as classes sociais.

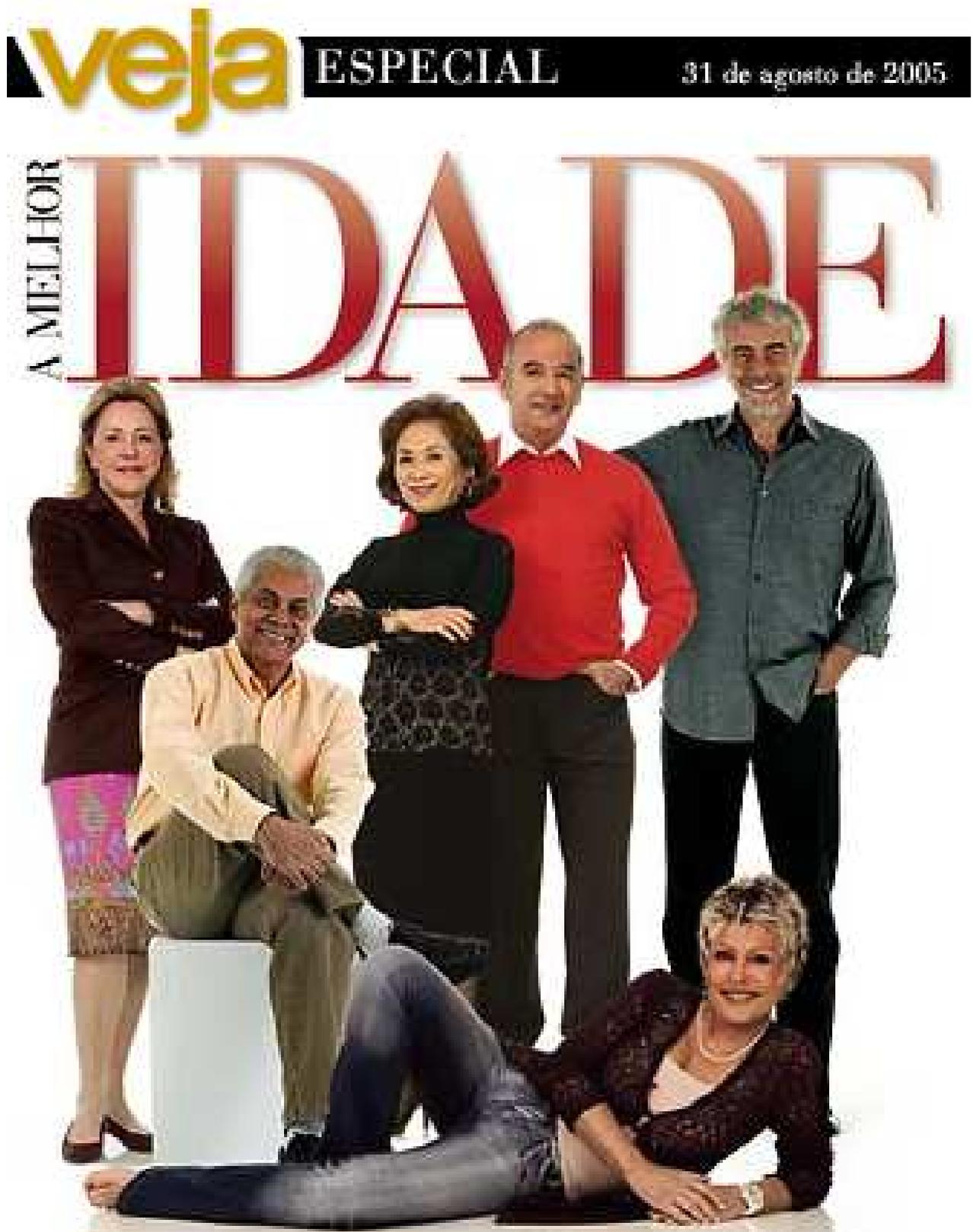
Quanto à noção ‘terceira idade’, ela constitui simplesmente um decalque do vocabulário francês adotado logo após a implantação das políticas sociais para a velhice na França. E se o movimento de transformação da imagem do velho foi bem sucedido, a criação de um sistema de proteção à velhice ainda é um esboço inacabado. A proposição de uma política pública para a velhice ainda está engavetada em um ministério qualquer. E um país onde reinam a desnutrição, o analfabetismo, o desemprego, a habitação precária e tantas outras misérias, a velhice não entra na lista das ações políticas. A rubrica da terceira idade é fundamentalmente empregada nas proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas. *Idoso* simboliza sobretudo as pessoas mais velhas, ‘os velhos respeitados’, os aposentados dinâmicos, como a representação francesa. E não é por acaso que surge um novo mercado para a terceira idade: turismo, produtos de beleza e alimentares, bem como novas especificidades profissionais, gerontólogos, geriatras, etc. A terceira idade passa assim a ser a expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. De fato, essa noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande. (PEIXOTO, 2007, p. 80-81).

A capa do especial sobre a melhor idade, publicado em *Veja*, em 2005, dá o tom, ao expor como representantes da categoria sujeitos saudáveis e joviais. As profissões daqueles que ilustram o encarte (advogada, cantor e compositor, empresária, empresário, designer de jóias e apresentadora de TV), do mesmo modo, enquadram esses indivíduos como ativos e, ainda mais do que isso, como economicamente favorecidos.

‘As pessoas se cuidam muito mais. Ficam jovens, atraentes e desejáveis por mais tempo. É claro que para isso é preciso ter acesso a muita informação e dinheiro sobrando’ explica o psiquiatra Ronaldo Pamplona da Costa, da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. (A MELHOR, 2005, p. 14). (T71 SD147).

Segundo os especialistas, continuar trabalhando é bom para o bolso, mas ainda melhor para a mente. [...] Estar no auge e vestir o pijama passou a ser um baque para a maioria dos profissionais. Sobretudo para aqueles que trabalham desde a juventude. É uma mudança que inclui redução da renda e sensação de ociosidade e de perda de importância social, o que abala profundamente a auto-estima. (A MELHOR, 2005, p. 28). (T71 SD149).

Imagem 4: Capa do encarte especial “A Melhor Idade”, publicado junto à edição 1920 de *Veja*.



Fonte: http://veja.abril.com.br/especiais/melhor_idade_2005/index.html

Pode-se, então, retomar aquilo que fala Debert (1999, p. 65), acerca da multiplicação de categorias que postergam ao máximo à velhice, bem como sobre, nesse contexto, uma diluição das próprias idades, tendo em vista ideais estéticos e comportamentais, historicamente, relativos à juventude.

Mas uma das marcas da cultura contemporânea é, sem dúvida, a criação de uma série de etapas no interior da vida adulta ou no interior desse espaço que separa a juventude da velhice como a ‘meia-idade’, a ‘idade da loba’, a ‘terceira idade’, a ‘aposentadoria ativa’. É próprio de cada uma dessas novas etapas desafiar comportamentos convencionalmente considerados como expressão da maturidade, como um estágio claramente definido que deve ser conservado ou ao qual todos devem ascender. Trata-se, antes, de encorajar a variedade de experiências em um contexto no qual a idade cronológica é pura maleabilidade, receptáculo de um número praticamente ilimitado de significações e, por isso, um mecanismo extremamente eficiente na constituição de novos mercados de consumo e de atores políticos.

Moody (1993 apud DEBERT, 1999), por sua vez, ao discutir as mudanças que caracterizam a experiência contemporânea do envelhecimento, emprega a expressão “curso de vida pós-moderno” para referir-se à crescente e perceptível relativização das “normas” condizentes com cada estágio da vida e, em função disso, ao desenvolvimento de um contexto no qual a idade passaria a ser irrelevante.

A partir dessa perspectiva, pois, o curso de vida dito moderno, reflexo de um modelo social fordista, o qual teria tido como princípio a subordinação do indivíduo à ordem social vigente e a burocratização dos ciclos de desenvolvimento, teria definido claramente três segmentos: a juventude, o mundo adulto e a velhice, estando, cada um deles, relativos à vida escolar, ao mercado de trabalho e à aposentadoria (DEBERT, 1999).

Em um contexto pós-moderno, todavia, mediante um borramento das fronteiras entre a juventude, a maturidade e a velhice, fruto, de acordo com Moody (1993 apud DEBERT, 1999), dentre outros fatores, de modificações políticas, econômicas e comportamentais e de um modelo mais de consumidores do que de produtores, faz-se a promessa de que “é possível escapar dos constrangimentos e dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamento baseado nas idades” (DEBERT, 1999, p. 57). Viver, enfim, “sem idade”.

VEJA perguntou a seis personalidades de áreas diversas, todas com uma estampa surpreendente para a idade que têm, quais os segredos de sua juventude. Desse painel, pode-se tirar uma lição: mesmo quando a genética é favorável, elas não fazem milagre. É preciso suar a camisa nos exercícios físicos, tempo para cuidar da pele, cabeça no lugar para combater o stress e vontade de ser feliz. (LONGEVIDADE..., 2009, p. 84). (T87 SD199).

Imagem 5: Capa da edição 2121, de 15 de julho de 2009.

MUITO A EXPLICAR

Documentos descobertos no Banco Santos mostram uma conta secreta de 870000 dólares movimentada em favor de José Sarney

Editora ABRIL
edição 2121 - ano 42 - nº 28
15 de julho de 2009

www.veja.com.br

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA
R\$ 9,90

veja

ESPECIAL
36 páginas

A GERAÇÃO SEM IDADE

Mulheres e homens maduros que já desfrutam dos formidáveis avanços da medicina na conservação da juventude

A ciência anuncia uma certeza: comer pouco (mas pouco mesmo) prolonga a vida, a saúde e a beleza

6 receitas de pessoas entre 35 e 50 anos que parecem ter parado de envelhecer

“Dr. Hollywood”, o cirurgião plástico das estrelas, diz qual a hora certa para recorrer ao bisturi

A FILHA
Daniella Sarahyba,
25 anos

A MÃE
Mara Lúcia Sarahyba,
52 anos

Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 42, ed. 2121, 2009

CAPÍTULO 03 - DOS DISCURSOS E DOS REAIS QUE SE TECEM

3.1 Um real que se constrói e que se efetiva

O chapéu-coco se tornara o motivo da partitura que era a vida de Sabina. Esse motivo voltava ainda e sempre, assumindo cada vez um outro significado; todos esses significados passavam pelo chapéu-coco como a água pelo leito de um rio. E era, posso assim dizer, como o leito do rio de Heráclito: ‘Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio!’. O chapéu-coco era o leito de um rio e Sabina via a cada vez um novo rio correndo, um outro *rio semântico*: o mesmo objeto suscitava a cada vez um outro significado, mas esse significado repercutia (como um eco, um cortejo de ecos) todos os significados anteriores. Cada experiência nova que viviam ressoava com uma harmonia mais rica. Em Zurique, no quarto do hotel, tinham se emocionado diante do chapéu-coco e se amaram chorando, porque aquele objeto negro não era somente uma lembrança de seus jogos amorosos, era também uma recordação do pai de Sabina e do avô, que viveram numa época sem automóveis e sem aviões. (KUNDERA, 2008, p. 87-88).

Sentidos que são múltiplos, compreensões que se ramificam, signos que se apresentam de diferentes formas, mediante contextos que são variados, conforme o tempo, conforme o sujeito, conforme o discurso. Construções e arbitrariedades, mas que são, tanto na esfera pessoal quanto na esfera coletiva, efetivas. Tal como o chapéu-coco de Sabina, de Tomas e de Milan Kundera. Tal como a linguagem.

Indo ao encontro dessa perspectiva, a realidade, que desde um primeiro momento é dotada de sentidos e de significados, é aqui compreendida como um *constructo*, como algo que, apesar de fundamental para a organização de um grupo, pode ser questionado. Conforme bem lembram Peter Berger e Thomas Luckmann (2009) o real, quando assim encarado, corresponderia à qualidade pertencente aos fenômenos que, de maneira geral, são tomados como independentes da volição dos sujeitos e que, portanto, tendem a parecer como criações que antecederiam o homem, como dados imutáveis, apesar de não sê-los.

À sociologia do conhecimento, então, caberia a tarefa de, tendo em vista a relatividade daquilo que parece naturalmente definido como concreto e irrevogável, questionar tais certezas e permitir que outras repostas possam surgir para aquilo que é da esfera do cotidiano, para aquilo que diz respeito ao homem da rua.

Por exemplo, o homem da rua pode acreditar que possui ‘liberdade da vontade’, sendo por conseguinte ‘responsável’ por suas ações, ao mesmo tempo em que nega esta ‘liberdade’ e esta ‘responsabilidade’ às crianças e aos lunáticos. O filósofo, seja por que métodos for, tem que indagar o status ontológico e epistemológico destas concepções. *O homem é livre? Que é a responsabilidade? Onde estão os limites da responsabilidade? Como se*

pode conhecer estas coisas? E assim por diante. Não é necessário dizer que o sociólogo não tem condições para dar respostas a estas perguntas. O que pode e dever fazer, contudo, é perguntar por que a noção de ‘liberdade’ chegou a ser suposta como certa em uma sociedade e não em outra, como sua ‘realidade’ é mantida em uma sociedade e como, de modo ainda mais interessante, esta ‘realidade’ pode mais de uma vez ser perdida por um indivíduo ou uma coletividade inteira. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 12-13).

Perguntar-se, então, “[...] como é possível que significados subjetivos se tornem facticidades objetivas” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p.33) consistiria, logo, na primeira questão a ser colocada frente àquilo que diariamente apresenta-se ao sujeito. Perceber que um mundo de coisas, outrossim, é produzido pelo fazer social, dessa maneira, corresponderia a uma premissa fundamental.

Nesse ínterim, é pertinente refletir acerca do modo como, ao longo do tempo, determinados significados se cristalizam no imaginário coletivo e, ideologicamente, passam a operar de modo a se tornarem aspectos integrantes da realidade vivida. Conforme, mais uma vez, lembram Berger e Luckmann (2009, p. 35) “[...] a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente”.

É desse modo que a realidade cotidiana consolida-se como a realidade por excelência e, estando nessa posição privilegiada, impõe-se de modo maciço à consciência do sujeito. “É impossível ignorar e mesmo é difícil diminuir sua presença imperiosa” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 38). E é por meio da linguagem, enfim, tendo em vista a importância que essa ocupa no seio de uma sociedade que a toma, historicamente, como o principal sistema de significação e de transmissão de conhecimento e de cultura, que o real se objetiva perante os indivíduos.

Apreendo a realidade da vida diária com uma realidade ordenada. Seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem à minha apreensão. A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetivos que foram designados *como* objetos antes de minha entrada em cena. A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. [...] Desta maneira a linguagem marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 38).

É a linguagem cotidianamente aprendida e empregada, compreendida e passada adiante, que constrói, conforme Berger e Luckmann (2009, p. 59), “[...] imensos edifícios de

representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo”. Para inserir-se no grupo, entretanto, e para partilhar desse sistema de signos comuns, faz-se necessário submeter-se às regras, é preciso seguir as normas.

Encontro a linguagem como uma facticidade externa a mim, exercendo efeitos coercitivos sobre mim. A linguagem força-me a entrar em seus padrões. Não posso usar as regras da sintaxe alemã quando falo inglês. Não posso usar palavras inventadas por meu filho de três anos de idade, se quiser me comunicar com pessoas de fora da família. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 57).

Dessa maneira, comunicar-se e colocar-se em relação de troca com o outro não requer apenas submissão às normas da sintaxe, exige também um comprometimento político tendo em vista aquilo que o sujeito visa a comunicar. Em relação à velhice, por exemplo, a escolha dos termos já envolve uma tomada de posições. Nas palavras cruzadas, conforme bem lembra Ramos (2006), melhor idade com cinco letras pode ser sábio, mas também pode ser velho ou mesmo chato. É indo ao encontro dessa perspectiva que Eni Orlandi (2009, p. 09) dirá que “a entrada no simbólico é irremediável”.

3.2 “Movimento dos sentidos...

... errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios” (ORLANDI, 2009, p. 10). Trata-se do discurso, da movência e da estabilidade, do já-dito e também daquilo que não pode e também não deve ser dito, tendo em vista dada conjuntura, do transitar dos sentidos, do ritual da palavra, da incompletude, do silêncio necessário, da folga que é exigida.

Considero o discurso (M. Pêcheux, 1969) não como transmissão de informação, mas como *efeito de sentido entre interlocutores*, enquanto parte do funcionamento social geral. [...] Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro alguém também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação. Como é exposto por Pêcheux, há nos mecanismos de toda formação social, regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações dessas situações no interior do discurso. É o lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, que é constitutivo da significação discursiva. É preciso dizer que todo discurso nasce de outro discurso e reenvia a outro, por isso não se pode falar em um discurso, mas em estado de um processo discursivo, e esse estado deve ser compreendido como

resultante de processos discursivos sedimentados, institucionalizados. (ORLANDI, 1996, p. 26).

No dicionário em que abordam importantes verbetes para a Análise de Discurso, Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2008) apresentam uma longa discussão acerca do termo discurso. Apresentando-o como uma noção em uso desde a filosofia clássica – na qual o conhecimento discursivo opunha-se ao conhecimento intuitivo -, e como tendo sido, na linguística, proposto por Guillaume, em um contexto de declínio do estruturalismo e expansão de correntes pragmáticas, ele é definido, em um primeiro momento, a partir daquilo que lhe é opositivo.

Desse modo, por exemplo, em relação à frase, o discurso será percebido, a partir de Harris (1952 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008), como a unidade linguística constituída por uma sucessão de frases; já em relação à língua, tendo como base Benveniste (1966 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008), ele estará próximo daquilo que se percebe como enunciação, sendo tomado como a língua assumida pelo homem que fala; Ainda em relação à língua, compreendida como um sistema amplo e partilhado, o discurso configura-se como um uso restrito desse sistema, aproximando-se, inclusive, da oposição *langue/parole* saussuriana e, para além dela, do conceito foucaultiano de Formação Discursiva, que será exposto posteriormente.

Ainda sobre o discurso, é referindo-se a ele que Michel Foucault dá início a sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1970

Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nos que deverei pronunciar aqui, talvez durante anos. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, o acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 2007, p. 05-06).

A vontade de ter atrás de si uma voz que indicasse a necessidade de proferir as mesmas palavras e de materializar os sentidos já há muito em curso, de não precisar entrar na ordem dos discursos e de, facilmente, encontrar as verdades já prontas são também questões levantadas então por Foucault (2007, p. 07), ao expor o diálogo que se daria entre o desejo e a instituição.

O desejo diz: “Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”. E a instituição responde: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém.

É então que, ao apontar o discurso como sendo não apenas aquilo que oculta ou que manifesta o desejo, mas como sendo o próprio objeto do desejo, e, do mesmo, como também não apenas a tradução dos sistemas de dominação, mas como a própria motivação e como o próprio poder pelo qual se travam batalhas, Foucault (2007, p. 07-08) propõe que, talvez,

[...] essa instituição e esse desejo não sejam outra coisa senão duas réplicas opostas a uma mesma inquietação: inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tempo reduziu as asperidades.

3.3 A Análise de Discurso francesa (AD)

Conforme lembram Charaudeau e Maingueneau (2008), a história dos estudos de caráter discursivo é de difícil traçado, em função de uma convergência e de uma justaposição de distintas perspectivas que visavam a compreender e a analisar diversas manifestações textuais. Perceber, portanto, dentre essa multiplicidade de enfoques e de Escolas um ato fundador, um marco inicial que tornasse, a partir de então, o caminho linear, não seria possível. Apesar disso, o rótulo Análise de Discurso francesa (AD) serviria de designação a uma corrente específica, datada de um contexto histórico, político e social específico e herdeira de determinadas tradições.

Surgido na metade dos anos 60, esse conjunto de trabalhos foi consagrado em 1969 com a publicação do número 13 da revista *Langage*, intitulado ‘A Análise do Discurso’ e com o livro *Análise Automática do Discurso* de Pêcheux (1938-1983), autor mais representativo dessa corrente. Essa problemática não permaneceu restrita ao quadro francês; ela emigrou para outros países, sobretudo para os francófonos e para os de língua latina. O núcleo dessas pesquisas foi o estudo do discurso político conduzido por lingüistas e historiadores com uma metodologia que associava a lingüística estrutural a uma ‘teoria da ideologia’, simultaneamente inspirada na releitura

de Marx pelo filósofo Louis Althusser e na psicanálise de Lacan. Tratava-se de pensar a relação entre o ideológico e o linguístico, evitando ao mesmo tempo, reduzir o discurso à análise da língua e dissolver o discurso no ideológico. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 202).

O contexto que a Análise de Discurso francesa se desenvolve, conforme destaca Maria do Rosário Gregolin (2007), é de grande importância para uma aceção plena daquilo que, como corrente teórica, ela passa a propor. A “aventura estruturalista”, tal como pode ser chamada, e que ainda no final dos anos 50 do século XX, teria arrebatado figuras proeminentes como Jacques Lacan, Louis Althusser e Roman Jakobson, décadas antes, teria marcado outros pensadores e influenciado toda uma forma de refletir sobre a sociedade, a consciência, a inconsciência, e a cultura.

O êxito crescente experimentado pela noção de *sistema* e depois de *estrutura* encontra-se vinculado ao conjunto de mutações das disciplinas científicas do final do século XIX, principalmente à sua capacidade para explicar a interdependência dos elementos constitutivos dos objetos de estudo. [...] Presentes nas instituições de vários estudiosos na virada dos séculos XIX-XX (Marx, Freud, Durkheim etc), a noção de “estrutura” foi difundida, na França, pela interpretação das formulações saussureanas sobre o *sistema linguístico*. Por isso, costuma-se atribuir a Saussure o gesto fundador do estruturalismo, expresso no seu *Curso de Linguística Geral* (1916). (GREGOLIN, 2007, p. 18).

As teses propostas por Ferdinand de Saussure, ao encontrarem na Antropologia de Claude Lévi-Strauss possibilidades de ampliação, e ao chegarem à França, geram uma grande revolução que, inicialmente, atinge disciplinas tais como as Ciências Sociais, mas que, posteriormente, volta-se também à linguística.

A herança linguística, a partir de Saussure; as discussões acerca da estrutura, da superestrutura e da própria noção de ideologia, a partir de Marx, e a presença do inconsciente, não delegando mais ao indivíduo uma responsabilidade plena e absoluta, a partir de Freud, geraram releituras, fizeram emergir novos conceitos e, então, novas perspectivas para que fosse possível pensar o discurso, o real, a língua, o sujeito e a história. Pode-se, então, retomar Orlandi (2009, p. 20), para perceber mais claramente o que isso representaria para a Análise de Discurso, que então era consolidada.

Desse modo, se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões do conhecimento – Psicanálise, Linguística e Marxismo - não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando,

pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialidade relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

Michel Pêcheux (2008, p. 45), ao falar sobre as origens da Escola a que dava início, aponta que “o efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure foi um desafio intelectual, engajando a promessa de uma revolução cultural, que colocava em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social”. E cita então Althusser.

Foi a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo do que falar (e calar) quer dizer: que este ‘quer dizer’ do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade determinada de um fundo duplo, o ‘quer dizer’ do discurso do inconsciente – este fundo duplo do qual a linguística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e as condições formais. (ALTHUSSER apud PÊCHEUX, 2008, p. 45).

Ao retomar a tese da *Ideologia Alemã*, de que a esta não tem história, Louis Althusser, tenta ampliá-la, para além de uma visão positivista-historicista. É com base nos laços estabelecidos com a perspectiva freudiana de inconsciente que ele afirmará que, assim como o inconsciente é eterno, não tendo uma história, também o é a ideologia.

Se eterno não quer dizer transcendente a toda a história (temporal), mas omnipresente, trans-histórico, portanto imutável na sua forma ao longo da história, retomarei, palavra por palavra, a expressão de Freud e direi: *a ideologia é eterna* como o inconsciente. E acrescentarei que esta aproximação me parece teoricamente justificada pelo facto de que a eternidade do inconsciente tem uma certa relação com a eternidade da ideologia em geral. (ALTHUSSER, 1974, p. 75-76).

É a partir daí que será formulada uma das teses que embasarão os trabalhos pecheutianos e os da Análise de Discurso de matriz francesa: a de que a ideologia, concebida nos termos expostos acima, “representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência” (Althusser, 1974, p. 77) e que, desse modo, é pelo viés da ideologia que os indivíduos são interpelados em sujeitos.

Dizemos: a categoria de sujeito é constitutiva de toda a ideologia, mas ao mesmo tempo e imediatamente acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) ‘constituir’ os indivíduos concretos em sujeitos. É neste jogo de dupla constituição que consiste o funcionamento de toda a ideologia, pois que a ideologia não é mais que o seu próprio funcionamento nas formas materiais de existência desse funcionamento. (ALTHUSSER, 1974, p. 94, grifo do autor).

Ao discutir o desenvolvimento e a estruturação da Análise de Discurso de matriz francesa, convém retomar o texto que, ao falar sobre as três épocas da AD, Michel Pêcheux discute as mudanças de ordem estrutural e pragmática pelas quais a perspectiva foi passando, ao mesmo tempo em que expõe a evolução de seu pensamento e de sua obra.

A primeira época (AD-1), portanto, é definida por Pêcheux (1997, p. 311) como sendo marcada pela concepção da produção discursiva como “uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma”, ressaltando desde já, desse modo, o assujeitamento linguístico como uma premissa básica. Sobre a noção de assujeitamento vale retomar aquilo que destaca Orlandi (2009, p. 49).

Não é vigente, na Análise de Discurso, a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo. Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso à parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e sujeito a. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos.

É nesse sentido que Pêcheux (1997, p. 311) destaca as recusas de “qualquer metalíngua supostamente inscrita no inatismo do espírito humano e de toda suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu discurso” como algo que perdurará nas demais fases da AD. E é também a partir dessa perspectiva que serão desenvolvidas, posteriormente, já na segunda fase, as duas formas de esquecimento, noções importantes para a continuidade dos trabalhos pecheutianos: o ideológico, número um, e o enunciativo, número dois.

De acordo com Pêcheux (1975 apud ORLANDI, 2009) o esquecimento número um é da instância do inconsciente, estando relacionado à noção althusseriana de ideologia, anteriormente abordada. É com base nesse esquecimento que o sujeito acredita, tem a ilusão, de ser a origem daquilo que diz quando, na realidade, retoma e coloca em trânsito sentidos que já estariam em movimento antes de sua entrada em cena. “Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos” (ORLANDI, 2009, p. 35).

O esquecimento número dois, por sua vez, sendo da instância da enunciação, refere-se ao fato de que, ao falar, o sujeito o faz de dado modo e não de outro, selecionando palavras, expressões e, por conseguinte, tomando posições. Opta por dizer “idoso”, ao invés de “velho”, ou por falar em “terceira idade” e não em “velhice”, estabelecendo muitas vezes algo que

considera uma relação natural entre o termo e a coisa a que ele se refere, sem lembrar, entretanto, que o sentido depende da forma do dizer.

Em relação aos procedimentos que assinalam esse primeiro momento, eles já pressupõem um *corpus* fechado de sequências discursivas, as quais, no momento da análise, poderiam ser relacionadas entre si para, em relação àquilo que chama de “sítios de identidades parafrásticas intersequenciais” (PÊCHEUX, 1997, p. 312), tornar-se possível perceber as proposições de base que marcam esse processo discursivo.

A segunda época da Análise de Discurso (AD-2) é caracterizada por um deslocamento teórico, ocasionado pelo estabelecimento de uma relação com o conceito foucaultiano de Formação Discursiva (FD) e com a noção de interdiscurso, propiciando, por um lado, uma ruptura com a ideia de “máquina estrutural fechada”, e por outro, a percepção da contínua retomada dos já-ditos.

De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2008), o conceito de FD, ao ser introduzido por Michel Foucault e, depois, reformulado por Michel Pêcheux, apesar da importância que representa nos trabalhos discursivos, conserva grande instabilidade¹. Foucault (2012, p. 47) afirma que

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência” ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”.

Em Pêcheux, contudo, a noção de Formação Discursiva ganha relevância na medida em que estabelece uma relação com aquilo que lhe é externo. É nesse sentido que será dito que, não sendo um espaço estrutural fechado, uma FD é constituída pelos elementos que vêm de outro local, por outras FDs, as quais nela se repetiriam, “fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de ‘pré-construídos’ e de ‘discursos transversos’)” (PÊCHEUX, 1997, p. 314).

¹ Em relação ao desenvolvimento e a relevância do conceito de Formação Discursiva, Baronas (2004) apresenta uma perspectiva um pouco diferente. Depois de retomar a noção foucaultiana de FD – a partir de Arqueologia do Saber, cuja primeira publicação data de 1969 - e com base em artigo de Culioli, Pêcheux e Fuchs, datado de 1968, Baronas (2004) ressalta que de fato há uma paternidade partilhada do conceito, embora assevere que ele teria surgido em Pêcheux, como uma derivação do paradigma marxista de formação social, depois teria sido proposto, a partir de outro lugar, por Foucault e, então, reformulado por Pêcheux. De qualquer maneira, e isso é mais relevante nesse momento, concorda com a importância do conceito e com o fato de seu desenvolvimento atrelar-se a ambos os autores.

Ainda nos trabalhos de Pêcheux, o conceito de Formação Discursiva relaciona-se àquilo que em condições específicas, em uma posição e em uma conjuntura dadas, determinada o que pode e deve ser dito em relação àquilo que não pode e não deve ser dito.

Isso equivale a afirmar que as palavras, as expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] as formações discursivas representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes. (PÊCHEUX, 1988 apud BRANDÃO, 2012, p. 23).

Nesse contexto, é com base em Marx e em Althusser que se consolida a ideia de Formação Ideológica, a qual faria referência às

[...] posições políticas e ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação [...] podendo incluir uma ou várias *formações discursivas* interligadas. (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 241).

Importante, ainda, para o desenvolvimento dessa segunda fase, é a concepção de interdiscurso (bem como de intradiscurso) que, inclusive, quando associado à noção de Formação Discursiva, a reconfigura.

Desenvolvido por Jean Jacques Courtine, o interdiscurso refere-se à propriedade de um discurso estar em relação multiforme com outros (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). Nesse sentido, corresponde a um espaço discursivo, podendo reunir discursos complementares ou divergentes entre si, relativos à mesma ou, conforme lembra o próprio Courtine (1981 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008), a diferentes Formações Ideológicas.

Para Pêcheux (1997, p. 314) consiste naquilo que chama de “exterior específico” de uma FD, sendo responsável, simultaneamente, pelo fechamento da máquina discursiva (uma vez que representa o retorno aos mesmos espaços do dizer) e o contato com aquilo que, em relação àquele discurso, lhe é externo. Orlandi (2009, p. 34) lembra, ainda, que o interdiscurso pode ser visto como o “conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, estabelecendo laços com a memória discursiva e, ainda, com o caráter muitas vezes inconsciente do sujeito do discurso.

Para além dessa memória e do constante retorno àquilo que antes já foi dito, e que constituem, de acordo com Courtine (1984 apud ORLANDI, 2009) o eixo vertical do discurso – no qual estariam contidos todos os já-ditos – existe também, sendo caro à Análise de

Discurso francesa, o intradiscurso, o qual constituiria o eixo horizontal, o eixo da formulação, daquilo que se diz em determinado contexto, em dadas condições.

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2009, p. 33).

Vale salientar, ainda, que é a noção de interdiscursividade que permite que os discursos sejam vistos como constitutivamente heterogêneos, sendo invariavelmente tomados como um “tecido de vozes ou citações” (PINTO, 1999, p. 27), que vem de outro momento, de outro lugar.

A heterogeneidade constitutiva dos discursos pode, nesse sentido, ser relacionada à perspectiva de dialogismo que, conforme lembram Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 160), apesar da pluralidade de sentidos que envolve, é pega de empréstimo pela Análise de Discurso do Círculo de Bakhtin.

Mikhail Bakhtin (2006, p. 124), ao afirmar que “o subjetivismo individualista está errado em tomar, da mesma maneira que o objetivismo abstrato, a enunciação monológica como seu ponto de partida básico”, expõe a importância que existe em perceber, no diálogo, em seu sentido amplo, para além da interação verbal entre dois indivíduos, um ato de enunciação – que aqui pode ser tomado como discurso – que é reflexo daquilo que lhe é exterior, que é do meio social no qual esse sujeito (da enunciação ou do discurso) está imerso.

Enfatizando a orientação social e caráter apreciativo dessa relação, Bakhtin recusa um ‘eu’ individualizado cuja atividade mental tende para a autoeliminação e perda da sua modelagem ideológica e, conseqüentemente, do seu grau de consciência, e propõe um nós, sujeito social que se marca por uma atividade diferenciada. Esta diferenciação se dá no nível ideológico, no grau de consciência em relação à orientação social. Esse nós, sujeito social, unidade que se constitui na multiplicidade, fruto da interação conflitual entre o “eu e outro”, é o sujeito inserido na memória e na história, diferente do sujeito transcendental, abstrato, fora de qualquer orientação histórica, social e política. (BRANDÃO, 2012, p. 32-33).

É nesse sentido que Bakhtin (2006) considera a existência de uma cadeia ideológica, a qual se estenderia de consciência individual em consciência individual, e assevera que, em tal contexto, os signos só emergiriam no ato da interação. “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 2006, p. 32).

Da mesma maneira, indo ao encontro de tal perspectiva, Bakhtin (2006, p. 125) propõe que a verdadeira substância da língua não seria um sistema abstrato de formas e tampouco a enunciação monológica, mas sim o “fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*.”

Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura e não ideologicamente marcada. Pelo contrário, a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (BAKHTIN, 2006, p. 124).

A paráfrase e a polissemia, conceitos também importantes, do mesmo modo, desenvolvem-se indo ao encontro da ideia de que o discurso e de que os sentidos que estão em trânsito, são consolidados a partir de um contínuo retorno aos já-ditos e, simultaneamente, por um movimento de ruptura com essa estabilidade. Os processos parafrásticos, então, corresponderiam àquilo que se mantém a cada dizer, sendo relativos à memória discursiva e ao interdiscurso. Os processos polissêmicos, por outro lado, operariam com o equívoco, com o rompimento da significação.

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (ORLANDI, 2009, p. 36).

A relevância que adquirem tais noções na AD, bem como o contexto no qual elas se desenvolvem, são responsáveis pela chegada à terceira e última fase (AD-3). Vale lembrar, a partir de Gregolin (2007, p. 179), que, desde o seu projeto inicial, as questões políticas foram centrais para a Análise de Discurso francesa, definindo-a inclusive como, ao mesmo tempo, “intervenção política e intervenção científica”.

Em suas bases, a AD propunha um sofisticado dispositivo de leitura, considerando que poderia reverter e superar os defeitos daquelas práticas “naturais” (e subjetivas, comprometidas) de ler os textos. Era marcada, portanto, por uma ambiguidade clara: apesar da busca meticulosa por uma pretensa objetividade, trazia em seu âmago teses políticas e

ideológicas cientificamente sustentadas (GREGOLIN, 2007). Conforme destaca Courtine (1990 apud GREGOLIN, 2007, p. 179) tratava-se de conciliar o inconciliável, uma vez que objetivava em seus primeiros tempos

[...] consolidar a aliança de uma teoria marxista do discurso, de uma leitura política dos textos de um lado e de uma análise automática de outro, concebida como um dispositivo neutro de reconhecimento de frases, espécie de ‘máquina de ler’ da qual se esperava que produzisse informaticamente uma ‘leitura não-subjetiva’.

O descontentamento de Michel Pêcheux, entretanto, no que diz respeito aos rumos que tomavam o Partido Comunista Francês e a prática da AD, criaram o contexto propício para que ocorresse um “deslocamento das posições althusserianas em direção às propostas foucaultianas” (GREGOLIN, 2007, p. 178) e para que se propusesse que os espelhos começassem a ser partidos².

Especificamente sobre a AD-3, Pêcheux (1997, p. 315) fala sobre a acentuação do “primado teórico do outro sobre o mesmo”, tornando ainda mais frágil a noção de máquina discursiva estrutural. Questões, portanto, como a heterogeneidade que constitui os dizeres, o fator da interpretação e o caráter de acontecimento do discurso ganham força.

É nesse sentido que Pêcheux (2008, p. 56) alertará para o risco existente na inscrição de dado discurso em dada série, da incorporação desse discurso a determinado *corpus* e para o risco de, nesse processo, “absorver o acontecimento desse discurso na estrutura da série, na medida em que esta tende a funcionar como transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão”.

Pêcheux (2008, p. 56) dirá, ainda, que não se trata de compreender o discurso como “um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe”, mas de tentar percebê-lo como possibilidade de desestruturação e de reestruturação, de aproximação e de afastamento, tendo sempre em vista que, em vias de análise, sempre haverá um movimento interpretativo, o qual, reforça, deve ser visto como uma “questão de ética e política: uma questão de responsabilidade” (PÊCHEUX, 2008, p. 57).

² No texto “O estranho espelho da Análise de Discurso”, Pêcheux (1981 apud GREGOLIN, 2007) recorre a uma metáfora que relaciona a AD a um estranho espelho, em função do fato de, por um lado, tratar de temas eminentemente políticos e de ter sido originada a partir da confluência de questões de caráter científico e político. Com o trabalho de Jean Jacques Courtine – que propõe o conceito de interdiscurso – Pêcheux propõe que o espelho seja desfeito, partido.

3.4 Do jornalismo cujas tramas costuram o presente

Poeticamente podia-se dizer que o jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários vê a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte, aos livros, aos *media*, à televisão, e cobre o planeta com a divisão do mundo em local regional, nacional (onde está essencialmente a política do país) e internacional. Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante/ou interessante. Isso inclui praticamente a vida, o mundo e o *outer limits*. (TRAQUINA, 2005, p. 19).

Nelson Traquina (2005), ao tentar responder o que é jornalismo, confere diversas pistas que permitem refletir acerca daquilo que seria essa prática e essa atividade, que é intelectual e também criativa, que também é discurso e que também é fazer, enfim, sem a qual se torna difícil conceber uma sociedade democrática e livre.

Conforme bem lembra Traquina (2005), em um regime totalitário, no qual a liberdade de expressão é obviamente tolhida, definir o jornalismo seria tarefa mais simples: “propaganda a serviço do poder instalado” (TRAQUINA, 2005, p. 23). Em um contexto no qual a forma de governo coexiste com o direito de dizer aquilo que se pensa, tornando possível problematizar a realidade cotidianamente vivenciada, contudo, o jornalismo assume o papel de agente empenhado em informar o cidadão sobre aquilo que efetivamente importa, sobre aqueles temas cujo conhecimento é imprescindível.

Entretanto, o que realmente importa? Quais tópicos devem estampar primeiras páginas, agendar as conversas triviais, pautar os demais veículos midiáticos e, portanto, constituir-se em notícia? As notícias são como são, tal como ensina Traquina (2005), em função de uma conjunção de fatores que se articulam: as rotinas produtivas, as pressões mercadológicas, as subjetividades inescapáveis a todo fazer social.

As raízes do jornalismo contemporâneo, vale salientar, remontam ao século XIX, período assinalado pelo desenvolvimento da mídia massiva e, em função da expansão desse novo nicho, de um mercado cujo objetivo, a partir de então, passava a ser eminentemente informar. E lucrar.

A vertiginosa expansão dos jornais do século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda. Este novo paradigma será a luz que viu nascer valores que ainda hoje são identificados

com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, objetividade e uma noção de serviço ao público – uma constelação de ideias que dá forma a uma nova visão do “pólo intelectual” do campo jornalístico. (TRAQUINA, 2005, p. 34).

Sobre essa questão, conforme lembra Bucci (2003, p. 11) o jornalismo, ao mesmo tempo, “crê e ainda faz crer no relato positivista”. Baseando-se nos fatos, assegurando-se de sua imparcialidade por meio da recorrência a um número abrangente de fontes e comparando versões, o discurso jornalístico faz parecer possível que os eventos aconteçam e tomem forma narrativa sem que a presença do observador influencie em seus contornos. (BUCCI, 2003).

O caráter comercial do jornalismo, do mesmo modo, presente desde a sua concepção, torna-se ainda mais flagrante mediante o desenvolvimento da *penny press* norte-americana que, visando essencialmente a um crescimento das audiências e, por consequência, das margens de lucro, confere novos tons à prática.

Para Adelmo Genro Filho (1987), contudo, apesar de historicamente circunscrito ao desenvolvimento do capitalismo, o jornalismo, quando visto como forma de conhecimento, torna-se dotado de características que não se restringem às funcionalidades desse modo de produção. Genro Filho (1987, p. 27), a partir daí, define o jornalismo como um

[...] produto histórico da sociedade burguesa, mas um produto cuja potencialidade a ultrapassa e se expressa desde agora de forma contraditória, à medida que se constituiu como *uma nova modalidade social de conhecimento cuja categoria central é o singular*. Porém, o conceito de *conhecimento* não deve ser entendido na acepção vulgar do positivismo, e sim como momento da *práxis*, vale dizer, como dimensão simbólica da apropriação social do homem sobre a realidade. (grifos do autor).

Ao propor que o jornalismo seja percebido a partir de um enfoque dialético-materialista, que leve em consideração tanto o capitalismo que o gerou quanto a totalidade humana de sua autoprodução, Genro Filho (1987, p. 27) afirma, retomando Sartre, que “a notícia é uma mercadoria, mas não uma mercadoria qualquer”. Nesse sentido propõe que se considere sua gênese histórica, mas que não se perceba na ideologia de uma classe as suas únicas possibilidades e esperanças.

A ambivalência do jornalismo decorre do fato de que ele é um fenômeno cuja essência ultrapassa os contornos ideológicos de sua gênese burguesa, em que pese seja uma das formas de manifestação e reprodução da hegemonia das classes dominantes. (GENRO FILHO, 1987, p. 27).

Em face dessa discussão, a já clássica designação do jornalismo como sendo o quarto poder, proposta inicialmente por McCaulay na primeira metade do século XIX, torna-se

atualizada (TRAQUINA, 2005). Gomes (2003) discute o poder no jornalismo tendo em vista a perspectiva de que pelo próprio ato de selecionar dados acontecimentos e de, cotidianamente, convertê-los em notícias, a prática jornalística já possui um papel privilegiado no que tange a tarefa disciplinar.

Enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira de mostrar, enquanto mostra ela controla pelo próprio mostrar. É em relação à disciplina que se diz que se não passou pelas mídias, não há poder de reivindicação; é em relação a controle que se diz que se não passou pelas mídias não existe. (GOMES, 2003, p. 77).

Esse poder do jornalismo também decorre, naturalmente, do fato de ele ser coletivamente sancionado a falar sobre outros setores, de possuir autoridade para tanto e de poder levar tais discussões à esfera pública. Ao ser capaz de enunciar o visível e, portanto, o vivível (GOMES, 2003) ele torna-se detentor de uma credibilidade que lhe confere grande relevância.

Indo ao encontro dessa perspectiva, retomando agora Pierre Bourdieu (1997), pode-se conceber o jornalismo como sendo um campo que possui legitimidade para falar de outros campos, sendo cultural e socialmente outorgado para asseverar o quê, onde, como, por que e com quem aquilo que é relevante aconteceu.

Quando então empregado, campo corresponderia ao espaço socialmente estruturado, marcado por disputas ideológicas, assinalado pela presença de dominantes e de dominados e também por relações de desigualdade. O campo jornalístico, em específico, poderia ser encarado como marcado por dois pólos (o econômico e o intelectual), sendo somente em relação a eles que a prática do profissional dessa área e o discurso daí proveniente poderiam ser consolidados.

O mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por uma posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre de outros microcosmos. Dizer que ele é autônomo, que tem sua lei própria, significa dizer que o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos. (BOURDIEU, 1997, p. 55).

Berger (1996; 2003), ao recuperar as propostas de Bourdieu, e ao considerar que o discurso jornalístico corresponderia “ao discurso revelador/plasmador da sociedade contemporânea” (BERGER, 1996, p. 188), cuja função prioritária consistiria em textualizar a realidade, estabelece relações que se tornam promissoras e que embasam a reflexão sobre o campo jornalístico, o capital simbólico a ele atrelado, o papel central da credibilidade nesse contexto e, naturalmente, sobre o poder simbólico que daí advém.

A nossa hipótese é que o campo do jornalismo detém, privilegiadamente, o capital simbólico, pois é da natureza do jornalismo fazer crer. O capital do campo do jornalismo é, justamente, a credibilidade. É ela quem está constantemente em disputa entre os jornais e entre estes e os demais campos sociais. E está sendo constantemente testada, através de pesquisas, junto aos leitores. A credibilidade é construída no interior do jornal assim como um rótulo ou uma marca que deve se afirmar, sem, no entanto, nomear-se como tal. Credibilidade tem a ver com persuasão pois, no diálogo com o leitor, valem os “efeitos de verdade” que são cuidadosamente construídos para servirem de comprovação, através de argumentos de autoridade, testemunhas e provas. (BERGER, 2003, p. 21-22).

O poder simbólico, conceituado por Bourdieu, pode ser compreendido como o poder que constrói ao passo que enuncia, que ratifica e que também pode mudar as compreensões do real, que torna crível aquilo que expõe. (BOURDIEU, 1989). Conforme ressalta Berger (2003, p. 22) “algumas passagens em que Bourdieu descreve o poder simbólico poderiam ser a descrição do poder atual da comunicação”. Retomando Bourdieu (1990 apud BERGER, 2003, p. 22) a afirmação é confirmada.

O poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. E somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem. Isso significa que ele não faz nada? De fato, como uma constelação que começa a existir somente quando é selecionada e designada como tal, um grupo – classe, sexo, religião, nação – só começa a existir enquanto tal, para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido, segundo um princípio qualquer dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento.

Atravessado, portanto, pelas disputas em torno da significação e do sentido, uma vez que pode ser tomado como discurso, bem como dotado de um poder simbólico que lhe confere acesso, credibilidade e aceitação, o jornalismo segue, conforme lembra Traquina (2005) contando, a cada dia, a cada semana, a cada mês, “estórias”.

Poder-se-ia dizer que jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ de vida, ‘estórias das estrelas’, ‘estórias’ de triunfo e de tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação, como ‘estórias’? [...] Poder-se-ia dizer que os jornalistas são os modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea, parte de uma tradição mais longa de contar ‘estórias’. (TRAQUINA, 2005, p. 21).

O jornalismo, da mesma maneira, pode ser percebido a partir de um ponto de vista discursivo. Nesse aspecto, em texto no qual aborda a construção de sentidos sobre a AIDS em diferentes jornais impressos, Fausto Neto (1999) observa que a mídia atua como agente que é, ao mesmo tempo, leitor de outros tantos discursos e “hiperprodutor dessa grande

conversação” (FAUSTO NETO, 1999, p. 23), na medida em que caberia a ela a oferta das condições por meio das quais tais dizeres deveriam ser lidos e, então, compreendidos.

É nesse contexto que podemos dizer que a AIDS compõe um fenômeno institucional-comunicativo, mas, ao mesmo tempo, midiático. Isso porque, de um lado, ela resulta das diferentes falas que foram e são produzidas por diferentes instituições, falas essas que são anunciadas e disputadas em meio às estratégias discursivas que as instituições mobilizam para, a partir de determinados lugares e competências, semantizarem a AIDS. Mas, ao mesmo tempo, também se apresenta como uma questão midiática não só pelo papel que esses dispositivos dão à sua visibilidade, mas também pelo trabalho discursivo com que vão construindo a própria AIDS. [...] Nessas condições, a AIDS se produz e se reproduz pelo menos em três corpos: o corpo das suas vítimas; o corpo social, enquanto corpo cultural e simbólico; e o corpo das mídias, que por ela é ‘invadido’ mediante uma ‘disseminação’ que, contudo, recebe junto às leis midiáticas as possibilidades de sua própria inteligibilidade. (FAUSTO NETO, 1999, p. 19-20).

Do mesmo modo, em pesquisa na qual, a partir de uma matriz foucaultiana, volta-se ao discurso sobre os marginalizados, presente em jornais gaúchos do século XIX, Marocco (2004) constata uma aproximação desses ditos com aqueles presentes em obras literárias, tais como “Os miseráveis”, de Victor Hugo, ou “O jogador”, de Fiodor Dostoievski. Em um fazer jornalístico em que os critérios de objetividade não eram tão fortemente marcados, Marocco (2004, p. 105) percebe um sistema de coação que se dirige aos corpos desses “sujeitos outros”, visando a integrá-los à ordem do discurso. Algo que, conforme será observado no momento de nossa análise, também pode ser percebido em nosso estudo.

Naquela região jornalística, aberta a observação e ao puro comentário do jornalista, uma infinidade de pequenas notas deram lugar ao fluxo dos dias e converteram as desordens públicas, os abusos de vinho e sexo, a insalubridade das moradias e os corpos perigosos dos indivíduos que viviam na pobreza em acontecimentos jornalísticos. Estes registros nos mostravam, desde o início, que os processos de formação do jornalismo excederam a história asséptica, que vincula o nascimento e os ciclos do progresso do jornalismo brasileiro aos fenômenos macroestruturais.

Ainda sob esse ponto de vista, o jornalismo pode ser compreendido como “um lugar de circulação e produção de sentidos” (BENETTI, 2008, p. 107) e como um discurso dotado de características específicas. Conforme lembra Benetti (2008), o discurso jornalístico poderia ser concebido como dialógico, polifônico e opaco, uma vez que apresentaria um caráter interdiscursivo e intersubjetivo, que seria composto, a princípio, por múltiplas vozes e que não seria transparente, apresentando possibilidades de interpretação por parte dos sujeitos. Seria, ainda, ao mesmo tempo, efeito e produtor de sentidos e condicionado as suas rotinas e condições produtivas específicas.

É baseando-se nessas perspectivas, e visando a perceber os sentidos que se movimentam e que se constroem a partir da análise de um veículo midiático, que se recorre às pistas deixadas por Bruno Leal e por Carlos Carvalho (2012) acerca dos meios e da possibilidade de percebê-los em suas especificidades, narrativas, discursivas e materiais.

Se as notícias são a face mais visível e considerada do fenômeno jornalístico, elas certamente não constituem a única dimensão que os constitui. Há um outro produto jornalístico, portador de relações peculiares, que ao mesmo tempo se articulam e se distinguem daquelas observadas no âmbito da notícia. Ao longo de três anos e meio de acompanhamento das notícias sobre homofobia, esse outro produto se fez ver, em toda a sua força: a mídia jornalística. (LEAL; CARVALHO, 2012, p. 85).

Eric Landowski (1992), em texto no qual discorre acerca da sociedade refletida e, mais especificamente, no momento em que se debruça sobre os diários franceses *Le Monde* e *Libération*, propõe que o jornal seja tomado como uma pessoa, como um sujeito. Institucionalmente, conforme destaca, trata-se de algo óbvio: assim como qualquer indivíduo, o veículo, sendo uma empresa, possui uma personalidade jurídica, um estatuto e uma razão social que o distingue e o define perante os demais. Mas isso não é tudo.

Há mais, porém: o jornal precisa possuir o que se chama uma imagem de marca, que o identifique no plano da comunicação social. Para lá do simples reconhecimento jurídico, isso implica que uma entidade figurativamente reconhecível tome corpo detrás do seu título: é preciso que o jornal se afirme socialmente como um sujeito semiótico. (LANDOWSKI, 1992, p. 118).

A partir desse ponto de vista, Landowski (1992) discorre sobre como, ao contrário da maioria dos bens de consumo, dos quais se exige uma renovação constante, do jornal se solicita a repetição da forma e a manutenção da matriz. Ao passo que do conteúdo se exige a inovação e o ineditismo, a constância de seus outros elementos é imprescindível para a fidelização da audiência.

Todos os leitores o sentem e muitas equipes redacionais trabalham nesse sentido: cada jornal tem um estilo, um tom, “um perfil” que o define e que por vias cuja análise ainda está apenas esboçada, dele fazem uma *figura social* capaz de cristalizar duradouramente atitudes de atração ou de repulsão. (LANDOWSKI, 1992, p. 118).

De algo, pois, que pode soar paradoxal em um primeiro momento, chega-se àquilo que Landowski (1992) aponta como sendo uma dupla temporalidade do jornal (ou de qualquer outro veículo midiático, enfim): a episodicidade da narrativa, manifesta nos relatos cotidianamente descritos e construídos em suas páginas, e a periodicidade do discurso, expressa pela recorrência dos modos de enunciação. Faz-se necessário, portanto, conforme

propõe Landowski (1992, p. 119) que sejam deslindadas as tramas que imbricam os tempos daquilo que é dito e da identidade do sujeito.

Num primeiro plano, o jornal dá as ‘notícias do dia’; produz, então, um tempo social objetivado relatando os ‘acontecimentos’ que o marcam. É essa sua parte referencial e ‘informativa’, no sentido usual do termo, sua maneira de construir, no modo do verdadeiro ou do ‘atestado’, uma história do presente. Mas, simultaneamente, num outro plano, também constrói, pela simples recorrência da sua enunciação, identidades sociais. Ao tempo contado, ‘enunciado’, o da narrativa dos acontecimentos noticiados, se superpõe, assim, um tempo ‘vivido’, tempo da enunciação (e da recepção) do discurso que serve de suporte para a constituição da imagem própria do jornal como sujeito coletivo enunciante, e, correlativamente, à formação de um certo hábito próprio da clientela da qual se alimenta e, sem dúvida, satisfaz a expectativa diariamente.

Tendo em vista tal discussão, as reflexões de Maurice Mouillaud (2012a; 2012b) acerca do dispositivo tornam-se pertinentes de serem retomadas. Para Mouillaud (2012b, p. 101), “os dispositivos não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material. O dispositivo não é o suporte inerte do enunciado, mas um local onde o enunciado toma forma”. Perceber isso, tal qual exposto, corresponde a tomar como básica a ideia de que os sentidos também dependem do local no qual estiverem sendo materializados. Determinado veículo, enfim, produz sentidos específicos não apenas em função daqueles discursos que aciona, mas também em função de uma imagem e de uma forma que lhe é constante.

Quero mostrar neste livro, dedicado ao jornal diário, que o discurso do jornal não está solto no espaço; está envolvido no que chamaria de ‘dispositivo’ que, por sua vez, não é uma simples entidade técnica, estranha ao sentido. Os estudos a respeito da mídia dão, frequentemente, a impressão de estarem divididos entre uma descrição do jornal em sua materialidade de papel, seu formato, sua diagramação, etc. (o ‘suporte’) e aquilo que, durante muito tempo, foi chamado de os ‘conteúdos’. [...] Transpusemo-nos por um instante para um campo que parecerá trivial e distante da mídia, a embalagem, ou em termos de marketing, o acondicionamento de um produto (não estaria o jornal, à sua maneira, embalado em papel; e o texto de um romance, em um volume?). A primeira vista a embalagem e o objeto podem ser separados sem que o objeto perca sua identidade; entretanto, um perfume continua a ser um perfume sem seu frasco? O limite material está evidente, e o limite simbólico? O presente permanece um presente sem as fitas e as graças que o envolvem (e sem o gesto de oferecimento que faz parte de seu dispositivo)? (MOUILLAUD, 2012a, p. 47-48).

De um ponto de vista genético, conforme ressalta Mouillaud (2012a), dispositivo e texto desempenham de forma alternada o papel de gerador. Se, por um lado, tem-se no dispositivo uma matriz que imprime uma forma regular aos textos, podendo ser dito que é o dispositivo quem “prepara para o sentido” (MOUILLAUD 2012a, p. 48), por outro, os textos

que aí não se enquadram podem gerar uma pressão e deformar o dispositivo, gerando a sua implosão.

Descrevemos os dispositivos como sendo matrizes (muito mais do que suportes) em que se vinham inscrever os textos. Neste sentido, o dispositivo (livro, jornal, canção, disco, filme, etc.) existe antes do texto, ele o precede, comanda sua duração. (a duração de uma canção ou de um filme é um *a priori* de sua produção) e a extensão (um romance se inscreve entre um número mínimo e um número máximo de páginas que, evidentemente, variaram ao longo da história). A antecipação do dispositivo não significa, contudo, a passividade do texto. Se o jornal gerou os títulos, como a cidade gerou as vitrines e as tabuletas, os títulos ‘fazem’ o jornal e as tabuletas a cidade, da qual elas são a receita. (MOUILLAUD, 2012a, p. 51).

Dentre uma multiplicidade de enunciados tagarelas, um enunciado em específico assume grande relevância ao empreender uma análise que se volte a um jornal diário ou, no caso, a uma revista semanal. Trata-se do nome desse veículo que, conforme ressalta Mouillaud (2012b), constitui-se em uma região de sentido que, simultaneamente, o fecha em si mesmo (uma vez que se trata dessa mídia, especificamente nominada) e o coloca em relação com aqueles que lhe são opositivos (considerando que o nome também gera distinção por meio da comparação que se estabelece).

Se o nome constitui a região pela qual cada jornal entra em contato com os demais, ele é, ao mesmo tempo, o local de um corte no interior de cada um deles. Seu regime se opõe ao de todos os outros enunciados. Poder-se-ia dizer que o nome do jornal só é percebido quando está em concorrência com o ‘outro jornal’; a partir do momento em que ele é extraído do paradigma, torna-se ‘o jornal’ e perde seu nome, o nome que lhe é próprio. O nome-de-jornal não é mais objeto de leitura, torna-se seu envelope. Ele se retira acima de todos os outros enunciados. A partir dessa posição destacada, assegura a coerência e a continuidade de todos os enunciados à maneira de uma pressuposição. Constituiu o princípio de uma espera, por parte do leitor, de certos enunciados. Firma um pacto com leitor que, por ser implícito, não é, do mesmo, menos significativo. (MOUILLAUD, 2012b, p. 102).

Estabelecendo vínculos entre as propostas de Landowski (1992) e Mouillaud (2012a; 2012b), e indo ao encontro também daquilo que assinalam Leal e Carvalho (2012), pode-se observar que, dentre as diferentes temporalidades que marcam os *media*, entre a narrativa dos novos fatos e a continuidade de um discurso que se mantém, o nome do jornal atua, ainda, no sentido de “anular as diferenças dos exemplares” (MOUILLAUD, 2012b, p. 103), permitindo um retorno aos mesmos significados.

O nome de um veículo, outrossim, lhe confere uma identidade que lhe é própria, lhe assegura, nos termos de Landowski (1992), a possibilidade, por parte do público, de tomá-lo como um sujeito semiótico. Para além das notícias, conforme sugere Leal (2009),

circunscreve a narrativa e o discurso a uma só voz, assim como tenta circunscrever o olhar do leitor a sua visão.

O nome do jornal seria um olho, um local de onde parte a visão? O nome, na realidade, o leitor de um jornal não o vê; ele é seu pressuposto. O nome-de-jornal empresta seu olho ao leitor para ver o mundo. O olho do leitor enxerga, em seu lugar, como um olho mágico, um buraco cujo lugar qualquer olho pode ocupar. O nome-de-jornal é, deve ser, o olhar de todo e qualquer um. O olho do leitor, a partir desse nome, difrata-se sobre o mundo que se torna sua própria visão. (MOUILLAUD, 2012b, p. 113).

3.4.1 O jornalismo de revista e a Revista *Veja* como veículo indispensável

Para começar, atire a primeira pedra quem não tem dó de jogar revistas fora, quem nunca guardou uma publicação, quem nunca pensou em colecionar um título. É isso: em primeiro lugar, revistas são objetos queridos, fáceis de carregar e de colecionar. São também boas de recortar, copiar: vestidos, decorações, arrumações de mesa, receitas de bolo, cortes de cabelo, aulas, pesquisas de escola, opiniões, explicações... (SCALZO, 2008, p. 12).

Dados do Índice Verificador de Circulação (IVC), presentes no site da Associação Nacional dos Editores de Revistas (ANER), apontam que, das 2.243 revistas veiculadas periodicamente no Brasil, em 2001, chegou-se, em 2011, ao marco de 5.779 veículos. (ASSOCIAÇÃO... [s.d.]).

Em face desses números expressivos e crescentes, acredita-se, é cabível questionar, ainda que de maneira breve, quais as especificidades desse veículo e, mais do que isso, do jornalismo ali praticado. Com esse intuito, pode-se retomar Scalzo (2008, p. 11-12), que define revista como

[...] um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento. Nenhuma das definições acima está errada, mas também nenhuma delas abrange completamente o universo que envolve uma revista e seus leitores. A propósito: o editor espanhol Juan Caño define “revista” como uma história de amor com o leitor. Como toda relação, essa também é feita de confiança, credibilidade, expectativas, idealizações, erros, pedidos de desculpas, acertos, elogios, brigas, reconciliações.

Uma revista, para além disso, possui outras características. Em uma primeira instância, se comparada ao jornal diário impresso, por exemplo, constata-se, também pelas próprias rotinas produtivas, textos maiores, mais complexos, muitas vezes com um tom mais opinativo e a existência de um cuidado maior com a estética e com a diagramação. Em um contexto no qual os “furos” são dados pelas redes sociais dos principais veículos, cabe à revista impressa a análise detalhada do fato, as vozes dos especialistas e, naturalmente, conforme já discutido, o tom que lhe é próprio e que já é reconhecido pelo seu leitor.

[...] por que ler uma notícia que já se conhece de véspera? O escritor colombiano Gabriel García Márquez é autor de uma frase lapidar, que serve especialmente para as revistas: “A melhor notícia não é a que se dá primeiro, mas a que se dá melhor”. Hoje, até os meios eletrônicos começam a prestar maior atenção a isso. Enquanto editores de *sites* e portais da Internet disputam segundos e, na prensa, correm o risco de veicular notícias imprecisas ou mesmo erradas, os consumidores parecem cada vez mais interessados na informação correta e não no ineditismo. (SCALZO, 2008, p.13).

Pode-se, nesse sentido, recuperar Tavares (2012, p.04-05) que, ao falar sobre as especificidades e complexidades da revista em si, afirma que

historicamente, a revista consolidou-se como um produto jornalístico cuja identidade foi elaborada não só no diálogo e concorrência com os outros meios, principalmente impressos, mas também no amadurecimento de um patrimônio de processos editoriais ligados a aspectos jornalísticos e também a outros institucionais e sociais. Tanto na abordagem de acontecimentos quanto na “tradução” de temáticas da vida social, a revista segmentou-se e passou a ser desenvolvida por grandes empresas e corporações, trazendo para a sua elaboração editorial um complexo fazer.

A existência de um público consumidor que é segmentado, como ressalta Mira (2001), ao falar sobre o mercado de revistas no Brasil, também se constitui em uma importante marca do setor. De uma revista voltada à família em geral, tal como *O Cruzeiro*, na primeira metade do século XX, passados menos de cem anos, constata-se, atualmente, a veiculação de publicações com periodicidades variadas, atravessadas e constituídas por critérios que envolvem o gênero, a geração, a orientação sexual e a classe social de seus públicos alvos. De acordo com Scalzo (2008), tem-se aí a essência desse veículo. A revista, conhecendo bem o seu leitor, interpela-o por você.

Em informações disponibilizadas por *Veja*, o leitor para o qual a revista fala é, em sua maior parte, composto por mulheres, as quais corresponderiam a uma média de 57% de quem a acompanha. Em se tratando de faixas etárias, 52% dos leitores teriam entre vinte e quarenta e nove anos, enquanto 27% teriam ultrapassado os cinquenta. Em relação ao perfil econômico desse público, classes A e B agregariam, respectivamente, 20% e 53% dos leitores, enquanto outros 24% estariam na classe C e 3% na D. (INFORMAÇÕES ... [s.d]).

O leitor exige verdade e sabe que quando o assunto é política, VEJA denuncia e fiscaliza incansavelmente o que está sendo feito com o dinheiro dos brasileiros. O leitor busca credibilidade, item essencial nas reportagens e análises semanais que VEJA faz da economia mundial e do Brasil. O leitor quer novidade e está constantemente atento a tudo que VEJA fala sobre as descobertas e pesquisas da ciência com relação à saúde. O leitor reconhece a importância de ter informação de qualidade sobre atualidades e sabe que VEJA é o lugar certo para encontrar a notícia com profundidade. O leitor

precisa de conhecimento e encontra em VEJA não só dicas sobre cultura e entretenimento, mas comentários de especialistas e recomendações de livros, shows, cinema, televisão e muito mais. O leitor, seja qual for sua área de interesse maior, quer VEJA. (MEDIA... [s.d.], p. 8).

O jornalismo de revista, conforme lembra Tavares (2011) pode ser percebido, enfim, como um tipo de jornalismo, realizado em um produto em específico. É nesse sentido que propõe que a revista seja percebida por ela mesma, levando em consideração elementos seus, intrínsecos e constitutivos de sua singularidade.

‘Ser revista’ (TAVARES, 2011), pois, implica na composição de uma processualidade que traz, entre outras coisas, ações que dão a ver, a todo o momento, ‘uma revista dentro da outra’ ou a ‘revista dentro de si mesma’ e sua dinâmica infinita rumo à formulação de uma identidade. Trata-se não apenas do uso de recursos textuais ou imagéticos, mas, também, da incorporação de uma particularidade editorial ligada a uma singularidade jornalística ali formada e praticada. Um ‘infinito particular’, que aciona e é acionado por um ‘jornalismo singular’. (TAVARES, 2012, p. 05).

É dessa maneira, por tomar o jornalismo como essa prática, como esse discurso e como esse campo que, sendo outorgado e legitimado para tanto, amarra dizeres e sentidos e corrobora para que o real seja tecido, que se propõe o desenvolvimento dessa pesquisa. A Análise de Discurso francesa, então, funciona como perspectiva teórica e metodológica que inspira e que anima o trabalho.

É por compreender *Veja* como um produto jornalístico específico, singular, como uma mídia detentora de uma voz, de uma identidade e de um nome próprios, constituindo-se em um sujeito semiótico (LANDOWSKI, 1992) frente ao seu público, que se propõe, então, refletir sobre como tal revista movimenta e constrói significados acerca da velhice.

Conhecer *Veja*, em face disso, desde o princípio dessa proposta, constituiu-se em um objetivo importante e, ao mesmo tempo, em uma necessidade. A recuperação de elementos de sua história, a partir de diferentes trabalhos que se debruçaram sobre ela (principalmente CONTI, 1999; HERNANDES, 2004; MIRA, 2001), assim como a coleta, edição a edição, da maior parte das reportagens aqui analisadas, visaram a alcançar, dentro do possível, essa meta.

Historicamente, há mais de quatro décadas, mais especificamente em 1968, *Veja* foi publicada pela primeira vez. Tanto pela alta tiragem que atingiria com o passar dos anos, quanto pelas polêmicas geradas constantemente, encarada por alguns como um veículo influente e respeitável, ou mesmo, por outros, como uma mídia a ser criticada e combatida, o fato é que a publicação veio se constituindo, ao longo dos anos, como a principal revista semanal de informação brasileira.

Os planos para a sua publicação remontam aos anos de 1950 quando, recém chegado dos Estados Unidos, Roberto Civita, filho de Victor Civita, fundador da Editora Abril, sonhava em desenvolver aqui uma revista que, seguindo o exemplo da norte-americana *Time*, fizesse mais do que expor histórias em quadrinhos e fotonovelas.

Em agosto de 1960, tendo como diretor de publicidade Roberto Civita e como chefes de redação Mino e Luis Carta, foi lançada a revista *Quatro Rodas*, cuja temática central eram os automóveis. Produzida de modo quase que artesanal, com uma máquina de escrever e com uma câmera fotográfica, conforme afirma Carta (apud PEREIRA, 1972), ela teria tido seus 30.000 exemplares esgotados no primeiro dia de vendas.

Em 1965, com equipe muito semelhante a de *Quatro Rodas*, foi publicado o primeiro número de *Realidade*, lembrada como uma revista de grande qualidade editorial, com reportagens profundas e contextualizadas e com vendas que atingiam quase meio milhão de exemplares. *Realidade* foi produzida e circulou por mais de uma década, até 1976, quando, com cerca 120.000 números vendidos, foi encerrada, cedendo lugar a outra revista que já vinha ganhando espaço.

O crescimento do Grupo Abril, assim como a percepção de que haveria um público interessando em uma revista semanal com menos imagens e com mais textos, a qual manifestasse seus posicionamentos e que primasse pela busca da verdade e da informação, transformaram aquilo que parecia um sonho distante em uma necessidade e em um anseio.

Depois de seis meses de testes, envolvendo treze edições números zero, o *Projeto Falcão* delimitou que a tiragem da nova publicação seria de 250.000 exemplares, podendo variar entre 150.000 e 300.000. O custo de capa seria de um cruzeiro e, de publicidade, existiriam vinte e cinco páginas. Em meio à seleção de jovens universitários de todo o país, treinou-se e formou-se um grande “time de repórteres” e, com altos investimentos, em oito de setembro de 1968 a Abril lançou o primeiro número de *Veja*. As aspirações eram ousadas, podendo ser percebidas na primeira carta do editor, reproduzida abaixo.

Imagem 6: Primeira Carta do Editor de *Veja*, publicada na primeira edição da revista



Revista Semanal de Informação

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretor de Publicações: Roberto Civita

REDACÇÃO
Diretor: Mino Carta

Editores: José Roberto Guzzo, Roberto Muggliati, Sebastião Rubens G. Pinto, Sérgio Pompeu, Ulysses A. de Souza
Secretária de Redacção: Henrique Caban
Chefe de Arte: George B. J. Dubeu Estrada
Editores Assistentes: Carmo Chagas, Geraldo Mayrink, J. Salomão D. Amorim, José Ramos Tinhorão, K. Matsumoto, Leo Gilson Ribeiro, Luis Gutemberg, Luiz Lobo, Paulo Cotrim, Paulo Mendonça, Raimundo R. Pereira, Renato Pompeu, Roberto Pereira, Sérgio Oyama
Repórteres Especiais: Antônio E. Teixeira, Armando Salim, Alice Nogueira de Gama, Carlos Soule do Amaral, Fernando Semedo, Hamilton de Almeida, Nilo Martins, Norma Freyre, Roberto Muller, Silvio Sena
Redatores: Beatriz Hora, Dorrit Harazin, Eduardo Kugelmass, Gabriel Matzaro, Harry Lira, Hansch Schachter, José Maria Mayrink, José Carlos Abade, Luis Adolfo Proença, Pedro Cavalcanti, Silvio Lancalotti
Repórteres: Adilson Pereira, Antonio C. Augusto, Anthony de Christo, Antônio de Alcântara Gabriel, Arthur Ramirez, Celso Fernando Abreu, Cecilia Finger, Chiao Ming, Claudio Lachini, Dirceu Brisoia, Edg. Maria Romio, Eliana Machado, Elio Squetti, Geisa Mello, Glaucio M. Carneiro, Guilherme Veloso, Guioner Rogé Ferreira, Heyla Gadelma, Hélio Nogueira da Gama, Isa Basbaum, J. A. Dias Lopes, Laerth Pedrosa, Lta Ancona Lopez, Magno Daóanos, Maria Alice Machado, M. da Penha Della, Mariana Correa, Mario T. Carneiro, Neide Martins, Nello P. Candara, Pedro Maria Soares, Raul Cruz Lima, Sônia Beatriz, Tavaní Guedes da Fonseca, Tank de Souza, Theresia Linhares
Fotógrafos: Amilton Vieira, Bettina Scheier, Cristiano Mascara, Geraldo Guimarães
Arte: Ademar Assaola, Américo Ietto Filho, Hélio de Almeida, José Bigatti, Pedro de Oliveira, Gilberto Pascoal (mapas)
Produção: Alexandre Daunt Coelho, Carlito Nuoci, Edgard M. Catóira
Colaboradores: Arte: Clival Prado Valladares. Cinema: Ely Azeredo, Jean-Claude Bernardes, José Rubens Fonseca, Marco Antônio Meneses, Maurício Capovilla, Maurício Ritterer, Valério Andrade. Livros: Bruna Becherucci, Dirceu Nogueira Magalhães. Música: Eurico Nogueira França, Júlio Macagnia. Rádio & TV: Maria Alice Barroco. Medicina: Irany Noah Moraes
Diretor de Fotografia: Lew Parreira
Gerente de Produção: Arno Laniger / João J. Noro

Bureau
Rio — Diretor: Odilo Costa, filho / Chefe de Redacção: Luiz Garcia / Repórteres: Carlos Leonam, Godeiro de Oliveira, Christina Aufran, Estela Polanah, Gastão F. Patuaco Filho, Jaime Martins, Marcos de Sá Correa, Maria Helena Estela Leichter, Nelson Silva, Oliveira Bastos, S. Proença Lealho, Sílvia Thora, Yllen Kerr / Fotógrafos: Antonio Andrade, Darry Trigo Ar. Presidente Vargas, 502, 15º. Fone: 23-6933. Telex: 031-451
Brasília — Diretor: Pombal de Souza / Chefe de Redacção: Amíl Galjaroni / Repórteres: Afonso de Souza, Evandro Paranaquá, Fernando Syles, J. Carlos Bardaveli, Renato V. Soares / Fotógrafo: Luiz Humberto Ed. Central, salas 1201 e 1202 — Ed. Comercial Sul, fones: 23-977 e 23-608. Telex: 041-254
Belo Horizonte — Chefe: Alcebino Souza Cruz / Repórter: Geraldo Augusto dos Reis / Fotógrafo: Guindino Nitzkyevsky R. Espírito Santo, 666, salas 707 e 708 — Fone: 23-3720. Telex: 037-224
Curitiba — Chefe: Elmar Boves da Costa Ed. Galeria Tijuca, R. Cândido Lopes, 11, sala 1211 — Fone: 45599
Porto Alegre — Chefe: Paulo Totti / Repórter: José Antonio Severo Ar. Osório Rocha, 115, sala 511. Fone: 44-778
Recife — Chefe: J. Carlos Rocha / Repórteres: Franklin Campos, José Saffioti Filho, Gilberto Pavietti / Fotógrafo: Clodomir Bezerra R. da Condição, 153 — Ed. Cidade de São Salvador, salas 502 e 503. Fone: 4-627
Salvador — Chefe: Arthur A. Ikisima, Hesio A. Passali Travessa Bonifácio Godá, 1 — Ed. Martins Catolino, sala 1302 Nova York — Paulo Henrique Amorim, 11 W. 42nd Street, Telex: 423-063

Correspondentes
Arecáiz: Raimundo L. da Silva / Fortaleza: Sérgio S. Telles / Florianópolis: L. Carlos de Bem / João Pessoa: Marinho M. França / Macaé: J. Otávio Rocha / Natal: Berto Wanderley / Ribeirão: Carlos C. Rangel / São Luís: Edson Vidigal / Teresina: Decidônio Dantas / Livramento: Osmar Trindade

Departamento de Documentação
Samuel Dirceu (Chefe), Antonio Zago, Elói Jacobina, Fernando Rios, Irene A. Campos, Irena Hirschberg, João Guizzo, Lucia D. Brito, Regina Viana, Marilda Catti, Sérgio Caspary, Ubirajara Forte, Viviane V. Dias, Waldemar N. Galvão
Assessor do Diretor Responsável — J. R. Franco de Fonseca

Serviços Internacionais
Newsweek/Paris-Match/Associated Press/Matérias Internacionais Via Varig

ADMINISTRAÇÃO
Diretor, Divisão Revistas: Domingo Alzugarsy
Diretor de Publicidade: Salviano Nogueira
Diretor Comercial, VEJA: J. R. Whitaker Penteado Filho
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Oscar Colucci
Gerente de Publicidade, Rio: Ricardo Tóth
Gerente de Promoções: Paulo Augusto de Almeida
Gerente de Serviços Editoriais: Roger Karman
Representantes: São Paulo: L. A. R. Frota, Paulo Dias Pinó, Pêrsio Brit Piani, Gianfranco Dal Bianco / Rio: Hermâni D. Maia, F. Paula Freitas / Porto Alegre: Rubens Molino (Gerente) e Elicenno Engel / Belo Horizonte: Sérgio Porto / Curitiba: Edson Helm / Recife: Antônio Lyra Filho

Diretor de Operações — Richard Civita
Diretor Editorial — Luis Carta
Diretor de Relações Públicas — Hermâni Donato
Diretor — Escritório Rio — André Raccach

Diretor Responsável — Edgard de Sílvia Faria

VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / Redacção: Av. Otaviano Alves de Lima, 800, fone 82-1171 Telex n.º 211-111 / Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, n.º andar, fone 219-143 / Adm. e Correios: R. Emílio Guedes, 171, São Paulo / Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preço exemplar: tabela NCB 1/60. Anuário anual: NCB 24/60. Anuário anual: NCB 12/60. Ninguém possa criar credulidade e seguir qualquer coisa por ficção. Se for procurado por algum, denunciado ou acusado de lesão. Número assinado no Rio, R. República de Libano, 19. São Paulo: A. Bagnuolo. Telex: 771. Póla correio: C.P. 7391 / Toda a edição reservada / Impresso em oficinas próprias e na da S.A.B. — Sociedade Anônima Imprensa Brasileira, São Paulo.

CARTA DO EDITOR

Prezado leitor:

Onde quer que você esteja, na vastidão do território nacional, estará lendo estas linhas praticamente ao mesmo tempo que todos os demais leitores do País. Pois VEJA quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros.

Há quase vinte anos, a Editora Abril lança sua primeira publicação, *O Pato Donald*, apresentando — para jovens de todas as idades — as histórias maravilhosas das personagens de Walt Disney.

Nos anos seguintes, com o sucesso de uma série de lançamentos (e o insucesso de alguns), crescemos e aprendemos muito.

Publicações foram surgindo. Entre outras, *Capricho*, em 1952, *Manequim*, em 1959. Em 1960 — junto com a implantação da nossa indústria automobilística —, *Quatro Rodas*. No ano seguinte, *Claudia*. Em 1963, *Intervalo*. E, há pouco mais de dois anos, *Realidade*.

Agora nasce VEJA. Para fazê-la, selecionamos 100 entre 1 800 candidatos universitários de todos os Estados e realizamos um inédito Curso Intensivo de Jornalismo. Ao término do Curso, com cinquenta desses moços e outros tantos jovens “veteranos”, formamos a maior equipe redacional já reunida por uma revista brasileira. Enviamos editores e redatores para o exterior a fim de observar as principais

Indice

INTERNACIONAL 86	
ARTES PLÁSTICAS	130
BRASIL	22
CINEMA	58
CINEMA	112
EDUCAÇÃO	42
ESPORTE	55
LITERATURA	127
MEDICINA	46
MÚSICA	110
NEGÓCIOS	44
RELIGIÃO	116
TEATRO	123
TELEVISÃO	132
VIDA MODERNA	81
INDICAÇÕES	
Calendário	4
Cinema	19
Discos	138
Galerias	15
Gente	53
Livros	134
Música	12
Teatro	17

20

VEJA

Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 01, ed. 01, 1968, p. 20.

Imagem 7: Continuação da primeira Carta do Editor, de 11 de setembro de 1968

revistas congêneres em ação. Abrimos ou ampliamos escritórios regionais em tôdas as grandes cidades do País e montamos uma complexa rede de telecomunicações para mantê-los em contato constante com a redação em São Paulo.

Para a cobertura internacional, contratamos os serviços de agências noticiosas e revistas de prestígio mundial: "Paris-Match", da França; "Newsweek", dos Estados Unidos; "Epoca", da Itália; e "Der Spiegel", da Alemanha. Finalmente, no decorrer dos últimos três meses, preparamos treze edições experimentais completas — com capa, texto, fotos e anúncios —, a fim de treinarmos para a grande jornada que hoje se inicia.

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de VEJA.

Devemos esta revista — em primeiro lugar — aos milhões de leitores que através dos anos têm prestigiado nossas publicações. Às classes governantes, produtoras, intelectuais que reclamaram

da Abril este lançamento. Aos jornalistas, que com dedicação e espírito profissional o tornaram possível. Aos quase mil gráficos que participam, entusiasticamente, de seu complexo esquema de produção semanal. Aos distribuidores, jornalheiros e transportadores que aceitaram o desafio de vencer as enormes distâncias nacionais na corrida até as bancas toda segunda-feira. E às agências e aos anunciantes que tomaram todo o nosso espaço disponível sem sequer conhecerem o projeto final da revista, numa comovedora prova de confiança. Conscientes da responsabilidade assumida ao editar VEJA, dedicamos a revista a tôdas essas pessoas. Ao Brasil de hoje e de amanhã.

Victor Civita



Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 01, ed. 01, 1968, p. 21.

Para alcançar o objetivo de integrar o território nacional, os esforços não foram medidos, conforme pode ser observado em reportagem comemorativa aos quatro anos da revista, publicada em edição especial de setembro de 1972.

Apenas no Domingo que antecedeu a saída de VEJA nas bancas foram gastos, em moeda de 1972, perto de 1,5 milhão de cruzeiros. Durante doze minutos, às 22 horas, quase todas as emissoras de TV do país, numa rede só formada anteriormente para grandes declarações de chefes de Estado brasileiros, transmitiram imagens da produção da revista e do trabalho experimental de seus repórteres. Desfilaram pelo vídeo, sendo entrevistados para ajudar a lançar a imagem de VEJA, personalidades variadas que iam de Agnaldo Rayol ao presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas. (PEREIRA, 1972, p. 9-10).

Tamanha publicidade fez com que 650.000 exemplares do primeiro número fossem vendidos. O segundo, contudo, teria atingido apenas 230.000 pessoas e, sucessivamente, as vendas despencariam, até chegarem aos 20.000. Em dezembro de 1968, Raymond Cohen, diretor de planejamento da Abril e um dos responsáveis pelo *Projeto Falcão*, em bilhete à Victor Civita, era incisivo ao afirmar que, conforme era perceptível, a questão de ordem consistia em ou mudar radicalmente ou fechar a nova revista. O prejuízo anual era estimado em um milhão de dólares.

O fracasso era atribuído, principalmente, à decepção dos leitores em face daquilo que era proposto pela revista. Muitos esperavam que o Grupo Abril lançasse a sua *Manchete*, com muitas imagens e fotografias em cores, uma revista semanal ilustrada. O próprio nome sugeria isso. *Veja*. Nome esse, inclusive, que tendo esbarrado no registro internacional da norte-americana *Look*, precisou ser alterado para *Veja e Leia*. A revista voltou a se chamar *Veja* apenas após o desaparecimento de *Look*, no início dos anos setenta.

Os leitores rejeitaram *Veja*. Pela campanha publicitária, parecia que a revista da Abril teria alguma semelhança com *Manchete*, da Editora Bloch. Em pouco tempo a tiragem caiu para 100 mil exemplares. No carnaval de 1969, as vendas estavam no fundo do poço: menos de 70 mil exemplares [...] A cada três meses, a diretoria de Abril se reunia para discutir o que fazer com *Veja*. Gordiano Rossi, sócio de Victor Civita, era o encarregado do Departamento Financeiro. Trazia num papel os números dos prejuízos provocados pela revista e o passava a Richard Civita, o diretor da gráfica, e a Roberto Civita, responsável pelo conteúdo editorial da revista. Rossi explicava que todo o lucro da Abril era consumido por *Veja*. 'Essa revista vai acabar com a empresa, Victor, vai nos levar à bancarrota', dizia Rossi ao sócio. 'Não podemos ganhar de um lado e perder tudo de outro. Victor dava uma olhada nos cálculos de Rossi, porque não era de se deter em números, e perguntava: 'Roberto, o que você acha?'. Roberto Civita reconhecia que as coisas iam mal, mas achava que os números poderiam melhorar. Invariavelmente, durante mais de quatro anos, encerrava a sua resposta com

a frase: ‘Preciso de mais três meses’. Victor Civita prontamente concordava em concedê-los. (CONTI, 1999, p. 77-78).

Pesquisa realizada pelo Ibope, em 1969 (apud MIRA, 2001), com empresários e universitários do Rio de Janeiro e de São Paulo, acerca da circulação de revistas com periodicidade semanal, quinzenal e mensal, apontava que 32% dos entrevistados preferiam revistas como *O Cruzeiro* e *Manchete* (16% cada) e 9% *Fatos e Fotos. Veja*, nesse contexto, atingia apenas 3% das pessoas ouvidas. As queixas atinham-se principalmente à grande quantidade de textos e à pequena quantidade de imagens.

A censura instaurada pelo regime militar que governava o país, naturalmente, constituía-se em outro obstáculo a ser transposto pela publicação. O Ato Institucional número cinco, lançado três meses após o lançamento de *Veja*, concedeu poderes absolutos ao governo, permitiu o fechamento do congresso e, tendo em vista o fazer jornalístico, cerceou a liberdade de expressão e limitou aquilo que poderia ser veiculado pela mídia.

‘No mesmo dia, 13 de dezembro de 1968, um coronel se apresentou a Roberto Civita no sexto andar do prédio da Abril e disse que estava lá para censurar VEJA’. Mino Carta contou que o ‘AI-5 foi um complicador terrível para a revista, pois inicialmente ela deveria ter forte inclinação política’. A censura à VEJA durou oito anos. Duas edições foram apreendidas. O governo militar cortou toda e qualquer verba de publicidade, inclusive das estatais. Foi na luta contra a censura, as apreensões da revista, prisões de jornalistas, que Mino Carta acabou saindo de VEJA. A autonomia do diretor de redação estava prevista em contrato, o que dificultava o controle das edições. Ministros do presidente Ernesto Geisel detestavam Mino. Quatro deles exigiram tirá-lo da direção da revista. Na mesma época, Victor Civita queria construir hotéis e os pedidos de empréstimos encahavam nas mesas dos ministros. Mino Carta foi demitido em setembro de 1975 e contou que foi ‘oferecido pelos senhores Civita ao ministro da Justiça, Armando Falcão, como prova de que eles queriam se livrar de quem, na opinião deles, provocava a censura’. No mesmo ano a censura de VEJA acabou. (HERNANDES, 2004, p. 31).

Sobre as coberturas políticas, em específico, conforme lembra Conti (1999, p.77), elas somente consolidaram-se como o “coração editorial” de *Veja* a partir do último semestre de 1969, momento em que Raimundo Pereira era editor da seção Brasil.

Da trombose de Costa e Silva, no início de setembro, até sua morte, no final de dezembro, *Veja* publicou uma memorável sequência de dezessete capas. Só três não estavam ligadas à crise política – uma teve como tema as relações entre o Brasil e os Estados Unidos, outra o futebol, e a terceira a seca no Nordeste. Catorze foram sobre assuntos espinhosos, difíceis de averiguar, ainda mais sob censura. A revista focalizou o seqüestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick, a disputa entre os militares pela Presidência, a candidatura e a posse do general Emílio Garrastazu Médici, a reabertura do Congresso, a morte do líder terrorista Carlos

Marighella e a adesão de alguns frades à luta armada. No final, houve duas capas históricas. Na primeira, a sucursal de Brasília descobriu uma notícia exclusiva: o presidente Médici estava irritado com a tortura e com os torturadores. Numa entrevista com o ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, Dirceu Brisola obteve uma declaração em que ele se comprometia, no caso de torturas, a ‘intervir dentro dos seus limites para preservar a ordem jurídica interna’. Mino Carta deu capa com a chamada ‘O presidente não admite torturas’. Usou a vaga declaração de Buzaid a Dirceu Brisola como pretexto para apurar a capa da semana seguinte, sobre o mesmo assunto, dizendo que o ministro da Justiça havia afirmado que era preciso investigar as denúncias de maus-tratos em presos políticos. Logo, concluiu, levando o sofisma adiante, *Veja* estava ajudando Médici a preparar um dossiê sobre a tortura política. Não estava: durante a semana, a Censura ordenou aos jornais que parassem de dar notícias, repercutindo a capa de *Veja* e especulando se Médici iria acabar com a tortura. Na sexta-feira, dia em que chegavam as ordens da Censura à redação, Mino Carta mandou bloquear os telefones para evitar receber vetos à capa. O expediente deu certo. A capa sobre tortura foi publicada em plena ditadura, com *Veja* sob censura e os torturadores seviciando presos políticos em quartéis e delegacias. (CONTI, 1999, p. 73-74).

Teria sido, de acordo com Conti (1999), da química entre Mino Carta e Raimundo Pereira que nasceria um modo de fazer uma revista semanal de notícias, tendo na editoria de política um ponto central. Apresentar-se como corajosa e independente frente às crises, nesse mesmo sentido, corresponderia a uma estratégia para, finalmente, driblar as baixas vendas e conquistar o público.

Diferentes razões costumam ser atribuídas à reversão dos empecilhos que impediam o crescimento de *Veja*. Cortes de funcionários e diminuição de verbas fizeram parte das medidas emergenciais, bem como uma intensa campanha que buscava aumentar o número de assinaturas, tendo sido esta última a ação mais eficaz.

Veja começou a sair do buraco quando se passou a vender assinaturas. Não se vendiam assinaturas de revistas porque os jornalheiros do Rio e de São Paulo não permitiam. Se uma publicação dava início a uma campanha de assinaturas, os jornalheiros escondiam nas bancas, colocando-as embaixo de pilhas de concorrentes [...] Os donos de várias bancas, ou controladores das bancas de uma região, eram chamados de ‘capatazes’. Roberto Civita organizou duas reuniões com capatazes, uma no Rio e outra em São Paulo. [...] Aí fez a proposta: queria a autorização deles para vender assinaturas de *Veja*, a única maneira de salvá-la. Se a venda de assinaturas não a salvasse, fecharia a revista. Em troca da permissão, prometeu aos capatazes que nos dez anos seguintes não venderia assinaturas de nenhuma outra publicação da Abril. [...] A abril começou a vender assinaturas de *Veja* em cursinhos vestibulares. Depois, em universidades. Conseguiu uma base de leitores e passou a dar lucro. Durante dez anos Roberto Civita não deixou que se vendessem assinaturas das outras revistas da Abril. (CONTI, 1999, p. 78-79).

Ainda em 1968, conforme destacou Pompeu (apud PEREIRA, 1972), editor de reportagem na época, às vésperas da veiculação do número seis de *Veja*, chegou à redação informações relativas ao cerco e à captura de participantes de um congresso da União Nacional dos Estudantes que, clandestinamente, ocorria no interior de São Paulo. A informação, dali a dois dias, foi capa e reportagem principal da revista. Esse fato particular teria desencadeado o primeiro crescimento do número de exemplares vendidos: de 131.000 para 143.000. Os leitores estariam percebendo, ressalta Pereira (1972, p. 12) “que a revista tinha princípios especiais dentro da imprensa brasileira”. Efetivamente, entretanto, a revista só veio a dar lucro a partir de 1974.

Toda uma série de mudanças de ordem editorial e gráfica, também, indo ao encontro daquilo que vinha sendo historicamente solicitado pelo público – ampliação das imagens, leveza dos textos – corresponderia às razões do crescimento. Um trecho da carta ao leitor, da edição de 29 de março de 1989, período em que mais modificações foram feitas, torna isso mais claro.

Desde o início do ano VEJA realizou estudos e experiências para modificar aspectos de sua apresentação visual. Ao longo desses meses, algumas dessas mudanças foram sendo incorporadas às páginas da revista, mas só nesta edição a reforma é concretizada. Com as modificações, pretende-se atualizar os recursos gráficos de VEJA, torná-la mais arejada, bonita e simples de ler. O que se busca, em suma, é facilitar a vida dos leitores – apresentando as notícias de maneira clara e ordenada, complementando-as com gráficos e tabelas e ilustrado-as com fotos e com desenhos. Realizar esse objetivo implica hierarquizar e filtrar toda uma série de informações escritas e visuais até que, a cada edição, se publique, em média, cinquenta reportagens, 120 fotografias e vinte quadros explicativos. (CARTA..., 1989, p. 27).

É indo ao encontro das perspectivas propostas por Landowski (1992) e por Mouillaud (2012a; 2012b), e considerando *Veja* como esse sujeito semiótico, percebido e reconhecido como tal pelos seus leitores e também pelos seus pares, e ancorados em elementos que dizem de sua trajetória e de seu lugar de fala, que se pode falar, pois, em um “estilo *Veja*”, tal qual sugere Hernandes (2004, p. 178).

A pauta circular, marca de suas rotinas produtivas, seria um dos elementos que assinalariam o modo *Veja* de ser. Conforme ressalta Furtado (2000), em trabalho no qual percebe as lacunas de sentido dos textos que passam dos repórteres aos editores de *Veja*, as reportagens são escritas e reescritas sucessivamente, por mais de duas mãos, tornando difícil, em função disso, perceber uma autoria nesses textos. O relato presente na obra de Conti (1999, p.63) ilustra muito bem essa questão.

O ciclo poderia começar com um repórter querendo fazer uma matéria. Ele tinha de convencer o seu editor de que a ideia, a pauta, era boa. Se conseguisse, o editor a encaminhava ao editor executivo, que a conduzia ao seu chefe, e assim sucessivamente. No caminho, a pauta ia sendo burilada e completada. Na apuração, eram feitas quantas fotografias e entrevistas fossem necessárias, onde fosse preciso, inclusive Europa e Estados Unidos, pelos correspondentes. Depois de percorrer pilhas de fotos, para escolher as melhores, e de fazer tabelas, mapas ou gráficos com a editoria de Arte, o repórter diagramava a matéria, que era repaginada pelo editor e depois pelo editor executivo. O encarregado escrevia o texto, o editor pedia complementos e determinava que fosse reescrito. A cada degrau na hierarquia a reportagem era reescrita novamente. [...] O repórter que teve a ideia original saía da redação às nove horas da manhã, com sol alto, e chegava em casa massacrado. Apenas uma das oito pessoas que entrevistara durante horas fora citada. Do seu texto original, não sobraram nem as vírgulas. Tivera de refazer a legenda cinco vezes. Como de praxe em VEJA, a reportagem não era assinada. Nem a família, nem os amigos saberiam que algumas semanas da vida do repórter estavam impressas naquela matéria que se lia em 10 minutos.

A rotina descrita refere-se a 1987. De acordo com Hernandes (2004), contudo, apesar das muitas décadas passadas, pouco disso teria se alterado. As reportagens, por outro lado, passaram a levar o nome do repórter que a sugeriu, o “autor inicial” do texto, com o intuito de, segundo Júlio César de Barros (apud HERNANDES, 2004), tornar esse jornalista responsável por aquilo que estava sendo dito e pelo foco da matéria.

Coberturas específicas, do mesmo modo, atuaram no sentido de tornar perceptível o tom de *Veja* quando o assunto era a política e economia, por exemplo. Sobre a alçada do então governador Fernando Collor de Mello à presidência da República, episódio descrito longamente por Conti (1999) e também por Silva (2009), são percebidos, por parte de *Veja*, diferentes posturas, em diferentes momentos. Do caçador de marajás construído nas páginas amarelas e em suas capas, enfim, *Veja* teria constatado que o governo era, de fato, um engodo. Uma forma própria de narrar, a despeito disso, é mantida.

Parte-se da constatação inicial de que a revista, a exemplo da grande imprensa como um todo, apoiou a candidatura de Fernando Collor de Mello, buscando atrelá-lo ao projeto neoliberal. Em nome desse apoio, ela atuou como base política do presidente, inclusive no período de crise que precedeu a seu impeachment. O fato de *Veja* ter contribuído para posterior queda de Collor, muitas vezes oculta seu apoio irrestrito, em nome da governabilidade, mas sobretudo em torno do projeto, que foi elaborado com apoio e participação da própria revista [...] A posição de *Veja* com relação ao governo de Collor é entendida tendo como eixo a sua relação com o programa neoliberal. Disso depende o apoio da revista, que se mantém sempre apontando caminhos. Há três momentos com relação a isso. A construção da candidatura e do político Collor. O segundo, as tentativas de entendimento entre o governo, seu projeto de abertura, os empresários nacionais, e o Congresso Nacional. E os conflitos aqui existentes

permanecem no período de crise política do impeachment. Somente ao final se dá a terceira fase, em que a revista ajuda a derrubar o mito político de Collor, contribuindo para o seu impedimento, mas cuidando para que tudo se mantivesse em ordem na sucessão. (SILVA, 2009, p. 29-30).

Definida, a partir de Silva (2009), como o indispensável partido neoliberal, *Veja* teria também agido de acordo com seus interesses e suas perspectivas políticas mais caras em diferentes momentos da história brasileira. Em face dos mandatos de Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, Silva (2009) constata um apoio ao governo, apesar de uma vigilância constante com o intuito de cobrar as medidas e as posturas propostas. Em relação ao Plano Real, conforme destaca Silva (2009, p. 123), “a cobertura é demarcada por seu caráter propagandístico, tendo um peso forte a própria figura de FHC”.

Na corrida presidencial de 2002, mediante um desgaste do Plano Real, contudo, e tendo em vista a tendência eleitoral de se eleger um candidato que concedesse novos rumos ao país, *Veja* teria tentado “amenizar a tendência oposicionista” (SILVA, 2009, p. 240). A partir de uma ampla análise da cobertura de então, Silva (2009) percebe que, apesar de apresentar a campanha de Lula como fantasiosa e utópica, sendo recorrentemente sarcástica com as suas propostas, a tendência é, mediante crescimento da popularidade do candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), integrá-lo a seu discurso.

A postura de *Veja* se manteve a mesma, apesar de distinta: inicialmente de crítica total, a partir da explicitação de seu próprio programa, definindo a diferença com relação ao que era proposto pelo PT. Depois, apontando a divisão interna do partido, buscando resgatar aqueles que lhe pareciam próximos ao seu próprio programa, e fazendo o possível para que se alinhassem, o que é feito também em outros lugares, como na atuação do Fórum Nacional. Finalmente, alertando para a necessidade de promover o expurgo daqueles que insistissem em manter um ‘discurso radical’. (SILVA, 2009, p. 247).

Nunomura (2012), em dissertação em que analisa a cobertura do escândalo político-midiático do mensalão, a partir das páginas do jornal *Folha de São Paulo* e da Revista *Veja*, constata, de maneira geral, que na revista semanal o mensalão serviu ainda para responsabilizar Lula, tratando-o como deflagrador da crise política que se apresentava. A cobertura do governo de então teria não apenas se tornado “mais intensa e combativa, como tornou pública sua antipatia pela figura do presidente” (NUNOMURA, 2012, p. 153).

Mas nem só de política e de economia sobrevive uma revista semanal de informações. Ancelmo Góis, então chefe da sucursal de *Veja* no Rio de Janeiro, aponta (apud HERNANDES, 2004, p. 23) as necessidades que existiriam de um veículo em crescimento

realizar concessões. “Você não pode ter esse tamanho todo só falando de coisas pesadas, de assuntos densos. É preciso realmente abrir um pouco mais o leque, dar espaço para comportamento, televisão, show business, porque isso é uma exigência do mercado”.

Indo ao encontro daquilo observado por outros pesquisadores (AUGUSTI, 2005; HERNANDES, 2004), bem como a partir daquilo que pode ser percebido ao longo da coleta das reportagens sobre a velhice, Júlio César de Barros aponta (apud HERNANDES, 2004, p.23) o crescimento do espaço concedido às matérias de comportamento e de saúde ao longo da história da revista.

Isso surgiu da própria sensibilidade da redação em perceber mudanças sociais. Até metade dos anos 80, a política era o assunto predominante. A economia estava sempre aos sobressaltos: inflação alta, calote, quebra do Banco do Brasil em NY. Você tinha um tumulto na vida das pessoas muito grande. Dos anos 80 para cá, a sociedade se sofisticou um pouco, liberou a política. Há mais gente incorporada à sociedade de consumo que passou a ler. Deu-se mais enfoque a assuntos que interessam ao leitor. Brasileiro gosta, por exemplo, de carro. Dento do conjunto de leitores de VEJA, por mais que a revista não seja da área, há um número significativo que quer ver esse tipo de matéria.

Para além das pautas de política e de economia, de modo mais específico, Augusti (2005) constata, a partir de matérias de caráter comportamental, que saúde, prazer, beleza e inteligência corresponderiam aos valores dominantes no discurso de *Veja*. A autorrealização e o hedonismo, quando aí relacionados, tendo em vista o referencial então acionado por Augusti (2005), consistiriam nos tipos motivacionais hegemônicos.

A saliência da *saúde*, da *beleza*, do *prazer*, da *inteligência*, além da consequente evidência dos dois tipos motivacionais a que pertencem, e que demonstram claramente o individualismo, formam o eixo dominante a partir do qual funciona o discurso de *Veja* em relação aos valores que norteiam o comportamento contemporâneo. Aquele que almeja, alcança ou já detém esses quatro valores como condicionantes em sua vida está, no mínimo, no caminho certo para conquistar o sucesso através do *hedonismo* e da *autorrealização*. (AUGUSTI, 2005, p. 137) (grifos do autor).

Para Britto (2006) e para Luz (2010), em textos em que discutem, respectivamente, os limites entre saúde e beleza em *Veja*, considerando as relações econômicas que atravessam o seu discurso, e a “venda” da saúde e da longevidade nas páginas da publicação, percebe-se uma aproximação entre jornalismo e publicidade. De acordo com Britto (2006) o contexto dos textos analisador seria o de um culto à beleza, sancionado pela indústria farmacêutica. Luz (2010), cujas conclusões apontam na mesma direção, assevera que *Veja* exploraria as promessas dessa mesma indústria.

Conforme verificado neste estudo, *Veja* assume esse papel de anunciar aos seus leitores, formados pela classe média, o que há de novo no mercado farmacêutico e de equipamentos de saúde, dando às matérias de Jornalismo científico caráter publicitário, citando nomes comerciais de medicamentos e de seus fabricantes. A publicação explora as novas promessas da indústria farmacêutica para abordar enfermidades, estimulando, assim, a angústia de leitores ávidos pela pílula da longevidade e da juventude. Antes de ler as matérias da revista, o leitor deve lembrar-se das prováveis respostas a duas questões: quem tem interesse na notícia e quem vai lucrar com a divulgação da mesma. (LUZ, 2010, p. 275).

De maneira geral, vale salientar que tanto nas editoriais que trazem matérias sobre a política e a economia, quanto naquelas cuja ênfase é a saúde, o comportamento e o bem-estar, *Veja* opina o tempo todo, tal qual constata Hernandez (2004). Ancorada em uma grande quantidade de dados e nas vozes dos especialistas que corroboram com os sentidos dominantes de seus textos, a publicação constrói uma imagem de objetividade, ao passo que vem delineando um discurso que lhe é próprio desde que foi concebida.

Fazendo-se dona de um saber abrangente, inclusive, questiona aquelas fontes autorizadas que não reafirmam o seu ponto de vista. Um discurso que poderia soar autoritário, mas que tende a se tornar pedagógico, assumindo um tom didático que ensina o leitor a perceber a realidade que o cerca. Um jornalismo que é performativo, como sugere Prado (2009), e que diz, passo a passo, as maneiras por meio das quais os indivíduos devem se comportar.

Uma pesquisa no acervo da revista [revista *Veja*] mostra que nos últimos anos, principalmente a partir da segunda metade dos anos 1990, há uma impressionante quantidade de edições que trazem como chamada de capa reportagens do tipo ‘como fazer isso’, ‘o que você deve fazer quando’, ‘como se livrar de’, ‘o guia para’. É significativo o aparecimento de chamadas com o uso de vocativos ou com listas como ‘as 10 lições de quem...’ ou ‘as 10 atitudes que você deve...’. Outra tendência desse movimento se traduz na frase ‘o que a pode te ensinar sobre...’. ‘A’ em questão é normalmente associada aos avanços das pesquisas na área de Neurologia e do chamado campo ‘psi’ (Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise, Psicopedagoga). A ascendência dessa área do saber dentre os discursos normalmente mobilizados é bastante expressiva em todos os tipos de mídia. (CASTELLANO, 2012, p. 02).

Um jornalismo, enfim, que parece ter dado certo, ao menos tendo em vista o público já alcançado em 1995.

Imagem 8: Carta ao leitor da edição 1390, quando *Veja* ultrapassa a marca de um milhão de exemplares vendidos.



Contemporaneamente, dados do Índice Verificador de Circulação (IVC), apontam que, tanto em 2009 quanto em 2010, *Veja* apresentou uma circulação média de um milhão e noventa mil exemplares por semana (ASSOCIAÇÃO... [s.d.]).

De acordo com *Veja* (MEDIA..., [s.d.]) sua circulação semanal é de 1.066.195 exemplares, sendo que 922.417 desses seriam comercializados em assinaturas e outros 143.778 em vendas avulsas. Considerando seu efeito multiplicador (mais de uma pessoa lendo o mesmo exemplar), entretanto, atesta que seus leitores ultrapassam a marca de dez milhões de pessoas.

Como a maior revista semanal de informação do país e como a terceira do mundo, apenas atrás de *Time* e *Newsweek*, *Veja* anuncia-se como indispensável ao cidadão brasileiro. A questão que se coloca então, frente a essa trajetória e a esses números é se, considerando o seu discurso acerca da velhice, efetivamente ela movimenta sentidos amplos, plurais e abrangentes sobre tal temática, a ponto de ser definida, efetivamente, como necessária àqueles que desejem conhecer a realidade de seu país e suas reais preocupações.

CAPÍTULO 04 - OS MOVIMENTOS DE ANÁLISE

4.1 Seleção dos observáveis

Interpretar um jornal é tentar resolver os problemas que nos colocamos a seu respeito [...] Se nos colocamos esses problemas, é porque o jornal não se apresenta de si mesmo como um objeto transparente. É um enigma a resolver, é ele que nos põe questões. (BRAGA, 2012, p. 299).

Desde a sua concepção, o objetivo central deste trabalho tem sido perceber como a revista semanal *Veja* movimentou sentidos e, tendo em vista a materialização de seus discursos, corrobora para a consolidação de um imaginário coletivo acerca da velhice. Em face dessa meta, torna-se perceptível, a nosso ver, a importância, e mesmo a necessidade, que há em empreender uma pesquisa de caráter histórico, que não fique restrita a um curto período de tempo, mas que, ao invés disso, atravesse um largo espaço.

Concebendo, pois, nesse contexto, a velhice como uma categoria que é biológica, social, cultural e discursivamente produzida, pode-se percebê-la não como algo fixo e imutável, mas como um *constructo* que está em trânsito constante. O discurso dos especialistas, as disputas ideológicas e de poder em torno do significado e as modificações pelas quais passa toda uma sociedade, que assiste, por exemplo, a uma inversão de sua pirâmide demográfica e a uma revolução comportamental, definem novas velhices, novas categorizações e, assim, delimitam novos espaços para esses corpos e para esses indivíduos.

Observar como tais questões, cronologicamente, articulam-se nas páginas de *Veja*, modificando-se mediante novos contextos, novas configurações, permitindo que dada velhice seja constituída, enquanto tantas outras são relegadas, não seria possível, tampouco, sem que nosso olhar se detivesse sobre a publicação em específico, de modo exaustivo.

Indo ao encontro das proposições de Braga (2011), é possível constatar a importância de se considerar, no momento da seleção dos observáveis, a coerência existente entre esses e o objetivo a ser alcançado por meio da pesquisa, bem como em relação às perspectivas teóricas e metodológicas acionadas.

Desse modo, com o intuito de responder à questão norteadora dessa dissertação, optamos por restringir o nosso olhar às reportagens que, veiculadas entre setembro de 1968, início da revista, e dezembro de 2012, quando encerramos nossa coleta, trouxessem como um de seus temas centrais a velhice.

Dessa maneira, aqueles textos, como entrevistas e editoriais, ou mesmo reportagens, que tangenciassem a temática, mas que não lhe dessem uma posição central, foram desconsideradas no momento da análise.

Assim sendo, por exemplo, as reportagens *O suor está na moda*, veiculada em outubro de 1979, que discutia o culto ao corpo perfeito e à forma física ideal, fazendo com que um número cada vez maior de brasileiros fosse aos parques, às orlas e às academias em busca de uma satisfação em relação à própria aparência, bem como o texto *O lobo não é tão mau*, de março de 1994, que apontava aspectos positivos no contexto da meia idade masculina, apesar de em alguns pontos aproximarem-se da temática da velhice, não lhe deram a atenção devida para serem integradas ao *corpus* que optamos por reunir nessa pesquisa. Em função disso, portanto, foram desconsideradas, assim como outras, no momento de nossa análise.

Por outro lado, em situações em que reportagens discutissem procedimentos estéticos de combate às rugas ou mesmo questões ligadas à aposentadoria, tendo na velhice um cerne, foram inseridas na amostra aqui apresentada e discutida. *A busca do happy end*, de setembro de 1980, que tinha como núcleo as dificuldades enfrentadas pelos idosos no momento da saída do mercado de trabalho, assim como *Juventude química*, de janeiro de 1991, que trazia uma discussão sobre a capacidade rejuvenescedora de cremes contendo ácido retinóico, integraram nosso conjunto de textos.

Sobre a coleta desses textos, ainda, torna-se importante salientar que, apesar da disponibilidade de todos os exemplares de *Veja* na página online da revista, optamos pela análise sistemática e material de cada edição. Levando em consideração que a biblioteca central da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, instituição na qual essa pesquisa foi acolhida e desenvolvida, possui uma assinatura completa de *Veja* desde julho 1975, consideramos que seria mais pertinente e interessante, uma vez que o movimento dos sentidos era o nosso foco, observar, número após número, página após página, como a discussão em torno da velhice vinha sendo articulada.

As reportagens presentes nos primeiros exemplares (de setembro de 1968 até junho de 1975) foram coletadas por meio do sistema de buscas presente na página da revista, valendo-se de palavras-chaves que consideramos como essenciais em textos sobre a temática – velhice; envelhecimento; idosos; idoso.

4.2 Primeiros movimentos

Em duas mil trezentas e uma (2301) edições, envolvendo um período de quarenta e quatro anos, chegamos a um total de cento e seis (106) reportagens nas quais a velhice se constituísse em um dos temas centrais. Tendo em vista esse material, nossos observáveis, torna-se interessante salientar o modo como, quantitativamente, a velhice aparece ao longo da história de *Veja*. Para isso, a tabela abaixo se mostra útil.

Tabela 1 – Seções de publicação e ocorrência das reportagens por décadas.

Seção na qual o texto foi publicado	Período de tempo e ocorrência			
	1968-1979	1980-1989	1990-1999	2000-2012
Beleza			03	11
Ciência, medicina ou saúde	06	04	08	17
Comportamento	02		03	02
Especial		02	01	15
Previdência ou Aposentadoria		01	01	
Vida moderna, sociedade ou população/demografia	02		05	06
Outras			05	12
Total de textos	10	07	26	63

Fonte: Elaborada pelo autor

Inicialmente pode-se perceber que, com exceção dos anos oitenta, nos quais há uma diminuição em relação ao número de textos publicados no período anterior (1968-1979), há um crescimento do número geral de reportagens cuja temática central envolvesse a velhice. Separando, então, essas quatro décadas em dois grandes grupos, com base em uma questão temporal, é possível constatar que em seus primeiros vinte anos de existência *Veja* publicou apenas dezessete reportagens nas quais a velhice correspondesse a um ponto de destaque. Todas as outras oitenta e nove, que corresponderiam a 84, 76% dos textos coletados, foram publicadas no espaço de tempo 1990-2012.

Mais do que um movimento próprio do veículo que tende, conforme foi discutido por outros pesquisadores, a dar uma maior ênfase às questões de saúde, de estética e de comportamento nos últimos anos, em detrimento da política e da economia, ênfase no período

inicial de sua trajetória (AUGUSTI, 2005; CONTI, 1999; HERNANDES, 2004; MIRA; 2001), as justificativas para tais proporções extrapolam meras questões editoriais.

Socialmente, a velhice, conforme lembra Debert (1999), vem passando por intensas modificações, chegando a ser reinventada. Ser velho, ou mesmo ser idoso, ser um representante da meia-idade, da maturidade, da melhor idade, ou de qualquer outra categoria mais recentemente inaugurada, envolve aspectos muitos distintos, os quais se tornam ainda mais enfáticos e relevantes em um modelo de coletividade que é assinalado por uma preocupação exacerbada com a forma, com a estética, podendo ser delimitado como narcisista ou mesmo hedonista (LIPOVETSKY, 2005).

As editorias nas quais a velhice vem sendo enquadrada também dão o tom dos textos produzidos e veiculados, dos discursos materializados, bem como dizem muito dos movimentos desempenhados pela sociedade e por *Veja*, em específico, sobre a questão. No período 1968-1979, dos dez textos publicados, seis deles, portanto mais da metade, foram sob os rótulos de “Ciência, Medicina ou Saúde”. Nessas matérias, em específico, discutia-se, a partir de um viés clínico e biológico, no que consistiria a velhice e como, talvez, ela pudesse ser retardada ou mesmo superada. Algumas sequências coletadas nesse período exemplificam a questão.

‘Prefiro me preocupar com as modernas pesquisas em torno de substâncias como o Seleneto de Metronina, uma espécie de detergente que dissolve a gordura das paredes dos vasos circulatorios. Elas é que vão tornar o enfarte e a trombose duas doenças de um passado distante. Por enquanto, o melhor para os velhos é o cuidado regular e constante’ [Mario Filizolla, geriatra]. (JUVENTUDE..., 1969, p. 47) (T01 SD02).

Em 145 clínicas espalhadas pela Romênia, sob orientação da Dra. Ana Aslan, procura-se retardar a velhice. Como método de diagnose usam-se a bioquímica do sangue, os raios X, dosagem das gorduras sanguíneas e a oscilometria – nada de operações. Depois, algumas injeções de procaína, e os velhos se sentem rejuvenescer. (CERCO..., 1973, p. 49) (T05 SD10).

Futuramente, acredita o médico, em lugar dos asilos, ‘meros depósitos de velhos’, o Brasil deverá ter verdadeiras cidades para idosos, como acontece em outros países. Por enquanto esses são sonhos muito aquém de realização. Segundo o Dr. Mattar, só foi possível reformar e montar adequadamente o pavilhão [então Hospital Piloto de Geriatria] graças a doações particulares, ao apoio da direção do Juqueri [Hospital do Juqueri] e a ‘muito dinheiro tirado do próprio bolso’. (HOSPITAL..., 1974, p. 70) (T06 SD11).

O homem continua buscando o seu ‘elixir da longa vida’, só que agora em refinados laboratórios científicos. E as pistas para encontrar essa droga miraculosa começam a surgir. Recentemente, uma pesquisa feita pela editora nova-iorquina McGraw-Hill entre cientistas ligados à área revelou que, por

volta do ano 2000, o processo de envelhecimento já estará sendo quimicamente controlado. (VENCENDO..., 1979, p. 60) (T09 SD18).

As outras reportagens, veiculadas nesse período, então sob as editorias de vida moderna (02) e comportamento (02), vendo na velhice uma questão de interesse e de importância coletiva, discutiam, de modo geral, a integração dos velhos à sociedade e, ainda, a perspectiva da terceira idade, em um contexto em que sua aceção, tal qual a percebemos hoje, ainda era recente.

No entanto, no Brasil, o simples número absoluto dos velhos vai fazer alardear seus problemas. No estado de São Paulo, por exemplo, cerca de 700 000 pessoas estão com mais de sessenta anos. Mas apenas 38 000 recebem pensão de aposentadoria por velhice (em média NCr\$ 170,00 por mês) e 142 000 por tempo de serviço (média mensal de NCr\$ 240,00). A maior parte, assim, depende da assistência da família. Mas quase três quintos dos habitantes da região centro-sul do país têm menos de 25 anos. Isto é, a maioria da população ainda não chegou a uma situação econômica estável que lhe permita ajudar os membros da família que passaram da idade de trabalhar. (VELHOS..., 1970, p. 69) (T02 SD03).

‘Se a sociedade encarasse a união matrimonial entre velhos com mais naturalidade, sem considerá-la como um ato ridículo, os casamentos seriam mais freqüentes e as pessoas idosas teriam menos solidão’ [Irmã Maria Luiza, diretora de uma instituição asilar]. Roman e Ludmilla [asilados que se casaram] estão mais felizes do que antes: a mulher engordou, e o marido deixou de fumar. (SEXO..., 1971, p. 65) (T03 SD08).

Essas discussões [discussões em grupos de idosos], em especial, recebem marcado estímulo das assistentes sociais que orientam os grupos, preocupadas em devolver aos idosos uma importância que lhes é progressivamente negada, a ponto de muitas vezes terminarem a vida como estorvos familiares. (PARA..., 1976, p. 61) (T07 SD12).

Mas tanto em Maringá como no Rio Grande do Sul ou em São Paulo [...] esses homens e mulheres [sexagenários], geralmente aposentados, com rendimentos que não lhes permitem grandes opções no emprego de seu tempo livre, tentam a mesma façanha: a de sair da marginalidade em que sua idade os coloca. Marginalidade, aliás, de grandes dimensões. Segundo estimativas feitas pelo IBGE, ainda para o ano de 1975, os idosos ultrapassavam no Brasil a casa dos 5 milhões. (VIVENDO..., 1976, p.93) (T08 SD13).

Entre os anos 1980-1989, *Veja* publicou, baseando-se em nossa coleta e seleção, o menor número de textos tendo na velhice um de seus temas centrais. Ao longo dessa década foram veiculadas apenas sete reportagens sobre a questão, das quais quatro, sob as editorias de “Ciência, Medicina e Saúde”, discutiram as suas causas e os modos por meio dos quais seus males pudessem ser prevenidos.

‘Se eu posso cuidar de minha longevidade desde já, por que vou deixar para quando ficar velho?’, indaga [Jair, paciente]. Essa preocupação [...] pode ajudar a elevar a média [de vida] brasileira, atualmente em torno de 63 anos. E, segundo Azevedo [Eduardo Gomes de Azevedo, geriatra], contribuirá para derrubar um mito, o do “país jovem”, com mais da metade da população com menos de 20 anos. (AÇÃÃO..., 1982, p. 72) (T14SD28).

Segundo Ângulo [presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia] o envelhecimento e a morte de um ser humano dependem de fatores genéticos mas, igualmente, estão determinados por agentes exteriores. ‘As condições de vida, alimentação, a poluição e mesmo a própria tensão emocional têm influência’, diz Angulo. ‘O trabalho dos cientistas é o de ajudar o homem a enfrentar certos males e chegar o mais perto possível da idade limite da espécie’. (ROTA..., 1986, p. 59) (T15 SD29).

Até o começo dessa década, ir ao geriatra e submeter-se a um tratamento contra a velhice era para muitos uma atitude equivalente a declarar-se esclerosado e gagá. [...] Hoje, entretanto, a situação mudou radicalmente e um número cada vez maior de pessoas que ainda não atingiram a velhice freqüente clinics de geriatria. O objetivo que perseguem é prolongar a fase mais vigorosa da vida e não mais protelar a morte. (CUIDADO..., 1987, p. 69) (T17 SD31)

Um desses textos, “A vida em pontos”, publicado em 1980, trouxe algo que se considerou muito significativo. Pela primeira vez, nas reportagens aqui coletadas e analisadas, que tiveram como foco a questão da velhice, houve um teste direcionado aos leitores da reportagem. O objetivo do questionário, um teste de longevidade, era calcular, com base em relações de soma e de subtração de pontos (tendo em vista as respostas “corretas” ou “incorretas”), a distância da morte.

Nas perguntas, questões variadas sobre a prática de exercícios físicos, alimentação diária, consumo de álcool e de tabaco, histórico pessoal e familiar e cuidados no trânsito davam a entender não apenas que a responsabilidade sobre os anos a serem vividos estaria, na maior parte dos casos, nas mãos do leitor, como também lhes apresentavam, didaticamente, o caminho apropriado a ser seguido.

Assim sendo, o tempo, em minutos, de exercícios mais densos, como caminhadas enérgicas e basquetebol, poderia render de zero a vinte e quatro pontos; fumar, entre um e cinquenta cigarros por dia, poderia causar uma redução variável entre treze e vinte e oito pontos do total acumulado até então e, para quem tivesse pais ou irmãos vítimas de infarto, antes dos quarenta anos de idade, a regra era clara: menos quatro pontos por familiar.

Imagem 9: Reportagem e teste de longevidade, publicado na edição 630, de 1º de outubro de 1980.

Medicina

Vida em pontos

Um sistema para calcular a distância da morte

Milhares de estudos específicos têm sido preparados sobre os males causados à saúde pelo fumo, a bebida alcoólica, a obesidade, a falta de ginástica e o desgaste emocional da vida moderna. Faltava, até agora, um estudo global mostrando como se altera a saúde de uma pessoa que, ao mesmo tempo, come de maneira descuidada, fuma, bebe, leva vida sedentária e se expõe com frequência a tensões. Recentemente, porém, começou a ser divulgado nos Estados Unidos um estudo que, finalmente, mede de forma quase aritmética as conseqüências dos pecados contra a saúde. Trata-se de uma tabela com a qual a pessoa pode fazer um cálculo aproximado de quanto tempo viverá.

A chave é o estilo de vida de cada um, avaliado segundo um sistema simples de contagem de pontos. A tabela, batizada como *LifeScore*, surgiu inicialmente num livro, "Life Plan for Your Health", de Donald Vickery, diretor do Centro para a Educação do Consumidor, com 40 000 membros. Ela leva em conta ainda a hereditariedade, a história de vida de cada um e a regularidade com que se procura médico ou laboratório para exames.

Mas não se trata de um trabalho com precisão matemática. Vickery adverte para o fato de que seu *LifeScore* é aproximativo e funciona mais como uma forma de motivar as pessoas a se preocuparem com os efeitos de seus hábitos de vida sobre a saúde — e, em conseqüência, sobre a expectativa de vida. "Minha esperança é de que as pessoas inclusive mudem de hábitos", afirma Vickery, "pois aí seus resultados no teste tenderão a mudar também."

Para elaborar o *LifeScore*, Vickery usou algumas dezenas de trabalhos sobre hábitos de vida e doenças. Com o auxílio de um computador, analisou o peso conjunto das diferentes estatísticas e produziu o seu teste. No momento, há cientistas trabalhando em tabelas mais completas, que ainda levarão alguns anos para ficar prontas. Mas o sistema de Vickery já dá uma idéia correta de como andam as perspectivas de vida daquele que faz o teste. Siga as instruções e marque seus pontos, nestas duas páginas.

O teste da longevidade

Exercício



Conte, em minutos por semana, o tempo que você faz exercícios. Não valem exercícios como bolche, golfe ou voleibol, que não alcançam 120 batidas do coração por minuto. Valem, porém, exercícios como andar energeticamente, basquetebol, teste de Cooper.

Minutos de exercício por semana	Total de pontos
menos de 15	0
15-29	+ 2
30-44	+ 6
45-74	+12
75-119	+16
120-179	+20
180 ou mais	+24

Peso



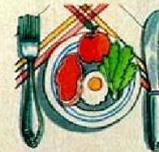
Compare seu peso com a tabela a seguir. Para descobrir se sua estrutura corporal é pequena, média ou grande, compare-se com as outras pessoas que você conhece com a sua mesma altura. Só marque pontos negativos se seu peso estiver acima do peso máximo para sua altura e estrutura.

Se você pesa acima da tabela veja qual é seu excesso em quilos	Marque os pontos
0-2kg	0
3kg-7kg	-2
7kg-11kg	-6
12kg-16kg	-10
16kg-24kg	-12
25kg ou mais	-15

HOMENS altura (em m)	Peso ideal (em kg)		
	Pequena estrutura	Média estrutura	Grande estrutura
1,55	50/54	53/58	57/64
1,57	52/55	54/60	58/65
1,60	53/57	56/61	60/67
1,62	55/58	57/63	61/68
1,65	56/60	58/64	62/70
1,67	58/62	60/66	64/72
1,70	60/63	62/68	66/75
1,72	61/65	64/70	68/77
1,75	63/67	66/72	70/78
1,77	65/69	68/74	72/81
1,80	67/71	70/77	74/83
1,82	68/73	71/79	76/85
1,85	70/75	73/81	78/87
1,87	72/77	75/83	80/90
1,90	74/79	78/86	82/92

MULHERES altura (em m)	Peso ideal (em kg)		
	Pequena estrutura	Média estrutura	Grande estrutura
1,42	42/45	43/48	47/54
1,44	43/46	44/46	48/55
1,47	44/47	46/51	49/56
1,50	45/48	47/52	50/57
1,52	46/49	48/53	52/59
1,55	47/50	49/55	53/60
1,57	48/52	51/57	54/62
1,60	50/54	52/58	56/64
1,62	51/55	54/61	58/66
1,65	53/57	56/63	60/68
1,67	55/59	58/64	62/70
1,70	57/61	60/66	64/71
1,72	58/63	61/68	65/73
1,75	60/65	63/70	67/76
1,77	62/67	65/72	69/78

Alimentação



Se você se alimenta racionalmente, com vegetais, frutas, pães e cereais, proteínas e laticínios **+4**

Se você evita gorduras saturadas e colesterol, mais encontrados nas gorduras animais **+2**

Fumo



Se você fuma apenas uma cachimbada por dia **-4**

Um charuto equivale a um cigarro

Cigarros por dia	Pontos
1-9	-13
10-19	-15
20-29	-17
30-39	-20
40-49	-24
50 ou mais	-28

Alcool



Calcule a quantidade de bebida alcoólica que você toma por dia. Conte como dose de uísque ou bebida equivalente a dose do medidor do barman — e como equivalente um copo de cerveja e uma taça de vinho.

Doses por dia	Pontos
1-2	+ 1
3-4	- 4
5-6	-12
7-9	-20
10 ou mais	-30

Imagem 10: Continuação do teste de longevidade, publicado em 1980.

Acidentes de carro



Faça um cálculo da proporção de tempo em que, no carro, você usa o cinto de segurança

menos de 25%	0
cerca de 25%	+2
cerca de 50%	+4
cerca de 75%	+6
cerca de 100%	+8

Stress



Um modo de medir o stress em sua vida é observar as mudanças que ela sofre. A Escala Holmes de Stress, a seguir, foi concebida para essa medição. Some os pontos para todos os acontecimentos na escala que lhe ocorreram nos últimos doze meses, mais os pontos para todos os acontecimentos que você prevê vão-se dar nos próximos doze meses.

Total na Escala Holmes	Pontos
menos de 150	0
150-250	-4
250-300	-7
mais de 300	-10

27. Começo ou fim de curso escolar 25

28. Mudança nas condições de vida 25

29. Mudança nos hábitos pessoais 24

30. Problema com o chefe 23

31. Mudança no horário ou condições de trabalho 20

32. Mudança de casa 20

33. Mudança de escola 20

34. Mudança na recreação 19

35. Mudança de atividades na Igreja 19

36. Mudança nas atividades sociais 18

37. Hipoteca ou empréstimo de pequeno valor 17

38. Mudança no sono 16

39. Mudança no número de reuniões de família 15

40. Mudança nos hábitos alimentares 13

41. Férias 13

42. Natal (todos devem contar esses pontos) 12

43. Pequenas violações da lei 11

Escala Holmes de Stress

1. Morte de cônjuge 100
2. Divórcio 73
3. Separação do cônjuge 65
4. Pena de prisão 63
5. Morte de parente próximo 63
6. Ferimento grave ou doença 63
7. Casamento 50
8. Perda do emprego 47
9. Reconciliação com o cônjuge 45
10. Aposentadoria 45
11. Alteração na saúde de membro da família 44
12. Gravidez 40
13. Dificuldades sexuais 39
14. Ganho de novo membro na família 39
15. Reajustamento no serviço 39
16. Mudança na situação financeira 38
17. Morte de amigo íntimo 37
18. Mudança de profissão 36
19. Mudança no número de discussões com o cônjuge 35
20. Hipoteca pesada 31
21. Execução de hipoteca ou fim de prazo de empréstimo 30
22. Mudança de responsabilidades no emprego 29
23. Filho ou filha sai de casa 29
24. Problema com parentes próximos 29
25. Grande conquista pessoal 28
26. O cônjuge começa ou pára de trabalhar 26

História pessoal



Se você esteve em contato estreito por um ano ou mais com alguém que sofresse de tuberculose -4

Se você sofreu radiação para tratamento de amígdalas, adenóides, acné ou micose do couro cabeludo -6

Se você trabalha com cloreto de vinil -10

Se você mora ou trabalha numa cidade -6

Se a sua atividade sexual tem sido freqüente e com muitos(as) parceiros(as) diferentes (com risco de doença venérea) -1

Só para mulheres (risco de câncer uterino) — se você começou atividade sexual regular antes dos 18 anos -1

Cuidados médicos



Se você cumpre regularmente os procedimentos abaixo, marque os pontos indicados

Medição da pressão uma vez por ano +4

Auto-exame dos seios mensalmente, mais exame médico a cada ano ou dois +2

Exame de manchas no mamilo a cada ano ou dois +2

Teste de tuberculose na pele a cada 5 ou 10 anos +1

Teste de glaucoma a cada 4 anos após os 40 +1

Teste para sangue oculto nas fezes a cada 2 anos após os 40 e a cada ano após os 50 +1

Proctossigmoidoscopia (exame proctológico) uma vez após os 50 anos +1

História familiar



Para pai, mãe, irmão ou irmã que tiveram ataque do coração antes dos 40 anos — cada um -4

Para cada avô, tio ou tia que teve ataque do coração antes dos 40 anos -1

Para pai, mãe, irmão ou irmã com pressão alta que exija tratamento — cada um -2

Para cada avô, tio ou tia com pressão alta que exija tratamento -1

Resultados

Some 200 ao número total de pontos positivo que você obteve. Desse total diminua os pontos negativos. O resultado dá seu índice de saúde. Um índice de 200 é um índice médio. Se seu total foi acima de 215, você tem uma excelente chance de desfrutar de uma saúde acima da média. Um total de 230 ou mais significa que as chances de uma vida saudável e longa estão muito a seu favor. Um total abaixo de 185 indica que sua possibilidade de uma vida saudável ficou diminuída. Abaixo de 170, a indicação é a de que você vai sofrer de uma doença grave.

Situação da saúde	Índice do teste	Esperança de vida em anos	homens	mulheres
Excelente	230 ou mais	81 ou mais	86 ou mais	
Boa	211-229	74-80	79-85	
Média	191-210	67-73	72-78	
Abaixo da média	171-190	60-66	65-71	
Má	170 ou menos	menos de 60	menos de 65	

Em relação aos outros três textos veiculados no período, o primeiro deles – *Em busca do happy end*, 1980 – discutiu a aposentadoria e a previdência social, em face de um contexto de baixas remunerações e pensões trabalhistas insuficientes. Já os outros dois, primeiros cadernos especiais que trouxeram a temática como um de seus enfoques – *A medicina da beleza*, 1981, e *A construção da beleza*, 1986 –, o fizeram sob um viés estético, discutindo a velhice que não podendo ser exposta, deveria ser combatida.

Os atuais trabalhadores – e portanto futuros aposentados – agradecerão decerto a ação de quem lhes garantir, no retiro, a manutenção do padrão de vida. Para não serem submetidos ao padrão que marca os últimos anos de vida de milhares de pessoas que com seu trabalho construíram o Brasil de hoje. “Eu, velho aposentado, já não espero nada” diz o paulista Antonio Cremasco, 72 anos, pensão de 4712 cruzeiros por 35 anos de trabalho com prensador. (A BUSCA..., 1980, p. 122) (T11 SD21).

Nesta faixa [dos 45 aos 55 anos], a deterioração age rapidamente, a qualquer descuido. O cabelo cai depressa, a postura tende a mudar e a pele exige mais. É o último momento para uma primeira cirurgia plástica rejuvenescedora e para o transplante de cabelos, para quem não pretende chocar amigos e conhecidos e pretende continuar em forma. (A MEDICINA..., 1981, p. 64) (T13 SD26).

A síndrome de julho não é o único fenômeno a aquecer esse ramo da medicina, impulsionado pela sábia vaidade de pessoas dispostas a retardar os sinais de ação do tempo sobre seus rostos e corpos e pelo desejo manifestado por outros de livrar-se de traços herdados cujos contornos considerem indesejáveis. A cirurgia plástica, no que diz respeito ao desenvolvimento de novas técnicas, vive um período de ouro. (CONSTRUÇÃO..., 1986, p. 60) (T16 SD30).

Ambos os cadernos especiais também receberam destaque sendo capa em suas respectivas edições. A respeito disso, vale salientar, que a capa representa, no jornalismo impresso, um espaço de grande importância material e simbólica. Em uma revista semanal, caso de *Veja*, que se propõe a apresentar em um intervalo de sete dias aquilo que de mais pertinente acontece no Brasil e no mundo, conferir à determinada questão esse espaço representa assumir que o assunto tem grande relevância, que é de interesse coletivo. Sendo “uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor” (SCALZO, 2008, p. 62), naturalmente também visa a vender a publicação.

São as capas que, conforme lembra Mira (2001), mostram a multiplicidade de assuntos que, tendo sido pautados por alguns dos principais veículos nacionais, devem ser levados adiante, tomados como sérios. Entre diferentes cores, diagramações, chamadas e manchetes, a capa é o lugar de destaque daquele número, que afirma que, naquela semana, esse é o assunto a ser discutido, sobre o qual reflexões e leituras, é claro, devem ser feitas.

Imagem 11: Capa da edição 658, de 15 de abril de 1981



Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 14, ed. 658, 1981

Imagem 12: Capa da edição 933, de 23 de julho de 1986



Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 19, ed. 933, 1986

Sobre essas capas, em específico, mesmo que de modo breve, torna-se interessante observá-las de modo crítico, tendo em vista as discussões que aqui são propostas. Na primeira delas observa-se um rosto dividido ao meio, expondo à esquerda um aspecto mais envelhecido, o que pode ser percebido pelas rugas e pelas marcas de expressão que o assinalam, bem como por um ar “senhoril”, ressaltado pelos cabelos mais curtos e pela ausência do brinco. À direita, no entanto, tem-se um meio rosto jovem, com a pele visivelmente mais viçosa, sem rugas, com cabelos longos e volumosos e com brinco. A chamada, “A medicina da Beleza”, dá o tom da reportagem e deixa claro que, dentre as meias faces expostas, com o auxílio da ciência e, claro, com as informações veiculadas pela revista, aquela que mais convier ao leitor (a jovem, sendo mais bela) poderá ser buscada.

A capa do segundo especial publicado por *Veja*, que trouxe a velhice como um ponto central, ao invés de comparações entre rostos em diferentes fases da vida, foi assinalada pela imagem de uma mulher jovem, tendo uma série de traços e de linhas coloridas lhe constituindo. A chamada de capa “A criação da beleza: como a cirurgia melhora seu corpo e retarda o envelhecimento” permite que seja apreendido que, para manter-se jovem e belo, tal qual a pessoa fotografada, basta recorrer aos procedimentos cirúrgicos que, certamente, serão expostos ao longo da reportagem.

Internamente, os cadernos especiais mencionados, do mesmo modo como o texto “A vida em pontos”, que trouxe o teste de longevidade, a partir de quadros e de tabelas, agiram no sentido de orientar o leitor no que diz respeito às formas apropriadas de ação, à modelo do que faria um manual. Nesse sentido, é possível pensar os meios de comunicação como instâncias que não apenas visam a informar, como também objetivam educar os indivíduos, mostrando-lhes as formas corretas e incorretas de comportamento.

Pode-se, pois, recorrer a Fischer (2002) que, ao discutir o dispositivo pedagógico da mídia, considera que para além do âmbito das práticas escolares a noção de educação deve ser ampliada para que se pense a aprendizagem referente aos modos de se viver e de existir no mundo. Desse modo, em tal contexto, os meios de comunicação desempenhariam um papel de grande relevância.

Estes [os meios de comunicação] não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e

assim por diante. Em suma: torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem- se também como lugares de formação – ao lado da escola, da família, das instituições religiosas. (FISCHER, 2002, p. 153)

O dispositivo pedagógico da mídia, portanto, baseado no conceito de dispositivo da sexualidade, de matriz foucaultiana, corresponderia ao aparato discursivo e também não discursivo, uma vez que envolveria tanto a produção de dizeres e de saberes quanto uma gama de práticas específicas, que propiciaria uma incitação do discurso sobre “si”, delimitando continuamente as formas de se estar na cultura (FISCHER, 2002).

Embora as pesquisas de Fischer sejam feitas tendo em vista a mídia televisiva, percebe-se, a partir das reportagens analisadas, que tais concepções são também aqui pertinentes. Essa pedagogização não apenas se observa em muitas matérias, tais como no exemplo dos anos oitenta que aparece abaixo, como também ela se torna cada vez mais presente, constituindo-se, parece, na principal forma de enquadramento para se discutir saúde, bem-estar e envelhecimento (ou não envelhecimento, em grande parte dos casos).

Nas páginas expostas a seguir (e no teste exposto anteriormente) acredita-se que, para além de meras informações acerca de procedimentos estéticos diversos, veicula-se um conjunto de práticas, as quais, se concretizadas, matematicamente contribuem para um aumento da longevidade e corroboram para um possível adiamento da velhice. Nas páginas de 1981 há, de fato, uma agenda para ser seguida em cada etapa da vida. Um passo a passo que, desde os quinze anos de idade, aponta as formas mais adequadas por meio das quais os sujeitos devem proceder para envelhecer bem ou, melhor dizendo, não envelhecer. Já no quadro de 1986, pode-se observar quanto custa cada procedimento cirúrgico de modo a permitir que, tendo em vista suas condições financeiras e seus anseios, o leitor e paciente em potencial possa optar, por exemplo, por operar as pálpebras ou lipoaspirar as coxas.

Para quem faz questão de ser bonita, manter a forma é uma luta que dura toda a vida. Mas existem alguns cuidados que devem ser tomados desde cedo e problemas que só surgem em determinadas etapas da existência. Fazer ginástica ajuda a manter o peso e a elasticidade da pele. Já foi criada até uma série de exercícios para manter o rosto sem rugas. Para fazê-los, basta articular, forçando os músculos da face, as cinco vogais nessa ordem: A, O, U, E, I. (A MEDICINA..., 1981, p. 64) (T13 SD 24).

Dessa idade em diante [55 anos], a luta pela beleza vira uma dura batalha que exige determinação e amor à vida. A decisão principal é se a pessoa vai deixar ou não que os outros cuidem dela: se está disposta a colaborar com isso e pagar o preço, agora caríssimo. É importante não sucumbir à tentação de abandonar a ginástica e outros cuidados sob o pretexto de já estar velho. Lembre-se: não há qualquer indignidade em uma pessoa velha querer continuar bonita. (A MEDICINA..., 1981, p. 65) (T13 SD27).

Imagem 13: Representação parcial do *box* “A agenda da beleza em cada etapa”, publicado na reportagem “A medicina da Beleza”, de 1981.

a evolução mais recente da luta contra a obesidade tem indicado o caminho da dieta e da ginástica, sempre que não se tratar de um problema endocrinológico que altere o comportamento da tiróide. Para se conseguir conservar um peso adequado vale praticamente tudo — do mais trivial regime, tipo bife com salada, ao hipnotismo e uma perigosa operação de encurtamento do intestino delgado de forma a diminuir a capacidade de absorção de calorias do paciente, recomendada só em casos extremos, como o de um cardíaco que não consegue cumprir dieta e portanto está ameaçado de morrer.

A unânime experiência recente recomenda que o peso e a silhueta sejam mantidos sob vigilância constante a fim de evitar maiores sacrifícios e, por isso, a dieta e os exercícios devem ser iniciados assim que os excessos forem notados.

O experiente médico paulista Geraldo Medeiros, um dos primeiros a dedicar-se primordialmente ao tratamento da obesidade, resolveu implantar em São Paulo uma clínica destinada a acompanhar de perto um grupo de pessoas que ele considera “a elite que lidera o país, potencial humano que deve ser conservado a qualquer custo”. Nessa clínica — cujo projeto será executado a partir do ano que vem e que se chamará Solarium —, ele pretende mudar hábitos alimentares, proporcionar exercícios físicos, realizar exames laboratoriais e pequenas cirurgias plásticas para cuidar da conservação de seus valiosos clientes. Esse acompanhamento minucioso do cliente é, segundo Medeiros, a melhor maneira de garantir a boa saúde e, naturalmente, a boa aparência dessa elite.

Ao lado da obesidade, outro habitual inimigo da beleza, mais especificamente da beleza feminina, é a celulite — que pode ser combatida no início, por meio de exercícios apropriados. A celulite é, no entanto, uma doença do tecido conjuntivo que se instala lentamente, o que a torna ainda mais perigosa. O mais recente método — entre numerosos outros mais antigos e variadíssimos — de eliminar a celulite é chamado crioterapia e foi desenvolvido pela geriatra romana Ana Aslan. Essa técnica consiste em envolver as pernas da paciente com faixas embebidas em solução à base de álcool e cânfora, de forma a resfriar a região para que os tecidos se contraíam. Usam-se também substâncias enzimáticas capazes de digerir a gordura através da pele. Todo o tratamento deve ser acompanhado de massagem e ginástica, e, de acordo com o Instituto Luciano's, os resultados positivos alcançam 70% dos casos.

Dos 35 aos 45 anos
É agora que a pessoa decide realmente se vai manter a forma. O preço da beleza sobrija. Descuidos com peso são pagos com sobretaxa porque depois do emagrecimento surge a flacidez. A pele exige tratamento dermatológico. É a faixa de idade mais conveniente para a primeira operação plástica de rejuvenescimento, principalmente ao redor dos olhos. É preciso não se deixar levar pela ilusão de que tudo continua bem.

Dos 45 aos 55 anos
Nesta faixa, a deterioração age rapidamente, a qualquer descuido. O cabelo cai depressa, a postura tende a mudar, e a pele exige mais. É o último momento para uma primeira cirurgia plástica rejuvenescedora e para o transplante de cabelos, para quem não pretende chocar amigos e conhecidos e pretende continuar em forma.

Dos 55 aos 65 anos
Dessa idade em diante, a luta pela beleza vira uma dura batalha que exige determinação e vai deixar ou não que os outros culdem dela: se está disposta a colaborar com isso e pagar o preço, agora caríssimo. É importante não sucumbir à tentação de abandonar a ginástica e outros cuidados e outros pretextos sob o pretexto de já estar velho. Lembre-se: não há qualquer indignidade em uma pessoa velha querer continuar bonita. Os dentes exigem muito cuidado porque começam a cair, as manchas da pele multiplicam-se e podem ser combatidas com neve carbônica. É o momento de repetir a plástica de rejuvenescimento.

DESENHO DE MILTON R. ALVES

Imagem 14: Box “Quanto custa o embelezamento”, publicado na matéria “A construção da beleza”, de 1986.

Especial

Construção da beleza

Com o progresso da medicina, a cirurgia plástica torna-se uma arma cada vez mais eficaz na luta pela melhoria estética e na busca da juventude

A “síndrome de julho” acometeu na semana passada a estilista paulista Zilda Borges Franco, 50 anos. Na segunda-feira, ela internou-se no Hospital São Luís, em São Paulo, e nas mãos do cirurgião plástico Juarez Avelar perdeu volume nos bustos e livrou-se do excesso de gordura que comprometia sua silhueta na altura da barriga. No ano passado, Zilda recorreu ao médico Avelar, que preside a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, para corrigir a curvatura do nariz, que julgava demasiadamente adunco. Gostou do resultado e bateu às portas do mesmo profissional para estender os benefícios do bisturi a outras partes do seu corpo. Escolheu o mês de julho tanto para retocar o nariz quanto, desta última vez, para cuidar dos seios e da cintura. “Este é o melhor período do ano para se operar”, diz a estilista.

Os cirurgiões plásticos brasileiros batizaram essa preferência dos pacientes pelo mês de férias escolares que marca a metade do ano como a síndrome de julho. A temperatura amena do inverno reduz os riscos de infecções pós-operatórias e alivia o incômodo das faixas e cintas que comprimem as incisões. O resultado é que as clínicas e hospitais lotam e se torna difícil conseguir uma vaga. “O número de operações quase dobrou este mês”, diz o médico carioca Artur Silva Neto, 36 anos.

Em São Paulo, o fenômeno se repete com a mesma intensidade. O centro cirúrgico do Hospital Albert Einstein, um dos mais conceituados da cidade, esgotou sua capacidade de atendimento, e dezenas de

operações corretivas tiveram que ser transferidas para outra data. No ano passado, os diretores do Hospital Albert Einstein já recolheram indícios de que a demanda crescia nessa época, embora ainda não a ponto de lotar todos os leitos. De noventa operações plásticas realizadas no hospital, em junho,

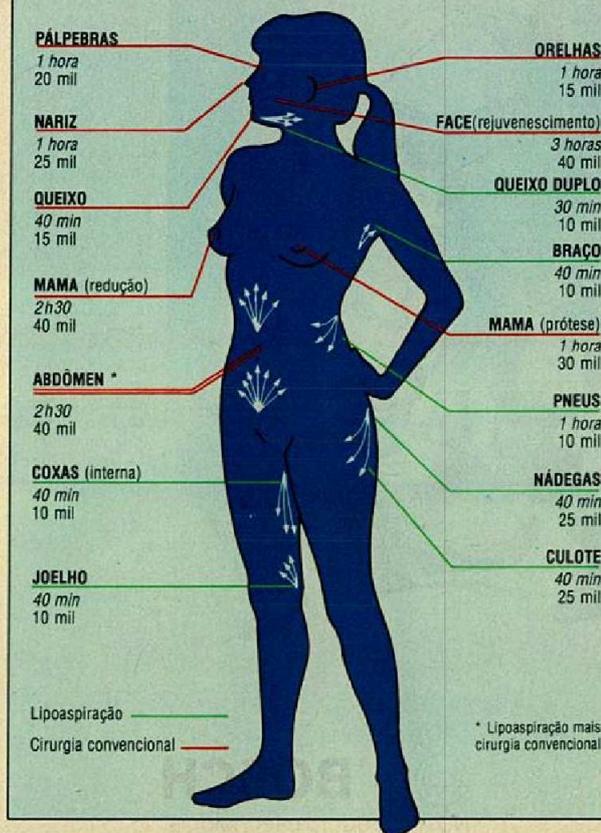
saltou-se para 194 no mês seguinte. A síndrome de julho não é o único fenômeno a aquecer esse ramo da medicina, impulsionado pela sábia vaidade de pessoas dispostas a retardar os sinais da ação do tempo sobre seus rostos e corpos e pelo desejo manifestado por outras de livrar-se de traços herdados cujos contornos consideram indesejáveis. A cirurgia plástica, no que diz respeito ao desenvolvimento de novas técnicas, vive um período de ouro.

SEM CICATRIZES — Cada vez mais as operações são menos devastadoras, provocam menor perda de sangue, são mais eficientes e resultam numa recuperação mais rápida e segura. “Os avanços não cessam de nos surpreender”, diz o cirurgião Luiz Paulo Barbosa, que acaba de instalar um valioso equipamento em seu consultório em São Paulo. Trata-se de um computador em cuja tela o paciente consegue visualizar, antes de submeter-se à cirurgia, os contornos que seu rosto vai ganhar após a operação. Ou seja, o candidato pode julgar se gosta ou não das modificações que o médico se propõe a realizar. “Não se passam dois anos sem que o cirurgião plástico necessite de uma reciclagem completa”, diz o médico Juarez Avelar. De todas as novidades a mais resplandecente e de fácil compreensão para o leigo é, positivamente, a lipospiração — ou simplesmente “lipo”, vocábulo que passou a dominar as conversas nos salões de beleza, nas academias de musculação ou à beira das praias e piscinas.

Criada na França há menos de dez anos, a lipospiração

Quanto custa o embelezamento

Os tempos referem-se à duração média das operações.
Os preços são as médias cobradas no Rio e em São Paulo



É tendo em vista tais pontos que se acredita ser possível estabelecer relações com as proposições de Fischer (2002). O jornalismo, visto como prática discursiva, manipula desejos, delimita espaços e atinge os indivíduos em pontos que têm se tornado cada vez mais caros, cada vez mais vitais: a vaidade, a beleza, a juventude. Para mantê-las, bastaria, pois, seguir as receitas trazidas por *Veja*.

Um receituário performativo, conforme sugere Prado (2009), a partir do qual os enunciadores-cartógrafos, sempre especialistas, por meio da mídia (e da mídia informativa semanal, nesse caso) delimitariam “os mapas do mercado de consumo para conduzir a melhor alimentação, qualidade de vida, vida saudável, moda, prazer, sexo, aparência, comportamento frente ao outro” (PRADO, 2009, p. 40).

Um discurso jornalístico que, nesses momentos em específico, mas para além deles (e com maior fôlego contemporaneamente), se aproxima daquele presente nos livros de autoajuda, repletos de dicas e de manuais que visam, prioritariamente, a dizer como as vidas devem ser vividas. De acordo com Ehrenberg (1991 apud CASTELLANO, 2012) vive-se em um contexto marcado pela “autonomia assistida”, no qual, apesar da reiteração constante das noções de autonomia e de liberdade, corrobora para a constituição de sujeitos inevitavelmente dependentes, invariavelmente em busca de respostas cada vez mais simplórias e padronizadas.

Entre os anos 1990-1999, dando continuidade à apresentação do *corpus*, foram veiculadas por *Veja* vinte e seis reportagens contendo na velhice uma de suas questões centrais. Aqui cabe ressaltar que, em relação às seções que aparecem na Tabela 01 (página 91), optou-se por seguir as definições dadas pela própria revista. Assim sendo, aquelas matérias produzidas mediante o marcador “saúde” fazem parte do grupo que denominamos “ciência, medicina ou saúde”, bem como aquelas que foram escritas sob o rótulo de “guia”, foram colocadas no grupo “outras”. Apesar disso, entretanto, pode-se observar que nem sempre o enquadramento dado ao texto em si foi condizente com essas seções, marcadores ou rótulos. No período em questão, em específico, apenas três matérias são definidas pela publicação como tendo como foco a beleza. Apesar disso, lendo os textos, analisando seus discursos, pode-se observar claramente que, na verdade, desse total de vinte e seis textos, metade deles (os oito textos de saúde, o texto da seção “especial”, um dos textos da seção “Comportamento” e três textos da seção “beleza”) trazem discussões que ficam restritas à estética.

Perceber que a principal revista de informação brasileira, vendida como essencial ao cidadão que se interessa pelas questões de relevância nacional, ao longo de uma década

inteira, ao abordar as relações entre saúde e velhice, por exemplo, o faz apenas pelo viés do “não envelhecimento” é, para dizer o mínimo, extremamente limitado.

Ignorar uma série de questões relevantes, tais como pesquisas que visam ao tratamento e à cura de doenças que, apesar de não serem exclusivas de idosos, atingem em maior proporção esses grupos, tais como os males de Alzheimer ou de Parkinson, ou mesmo um sistema público de saúde que, sabidamente, nem sempre dá conta dessa parcela da população, reduzindo tais questões ao corpo que deve ser mantido jovem é muito grave. Significa esquecer que, para a maior parte dos brasileiros, em especial durante a velhice, a luta diária, mais do que contra sinais do tempo que “teimam em aparecer” ou com a balança, que demonstra que o peso aumentou, é pela sobrevivência.

Acredita-se, portanto, que o conceito de *reprivatização* da velhice, proposto por Debert (1999), pode então ser novamente lembrado. Baseando-se nesses textos, que serão expostos a seguir, e ainda mais naqueles que virão nos próximos anos (2000-2012), pode-se observar claramente como saúde, bem-estar e longevidade passam a configurar-se, cada vez mais, como questões que dizem respeito quase que exclusivamente às posturas de cada um. Em face disso, pois, envelhecer corresponderia não a algo naturalmente esperado, mas ao desleixo e ao descuido dos sujeitos. *Veja*, pode-se observar, ignora em grande parte desses textos que

o envelhecimento ativo é uma ‘construção’, para o qual vão influir, além da herança genética, o meio ambiente, a educação, os hábitos de higiene e alimentação, os cuidados com a saúde, especialmente na prevenção de doenças, desde a infância, com as vacinações sistemáticas, a habitação, trabalho, seguridade social, cultura e lazer. Logo, o envelhecimento ativo não depende apenas da pessoa, de ela ter estilos saudáveis de vida. Depende também de políticas públicas, econômicas, de investimentos, por parte dos governos, tanto em nível municipal, como estadual e federal, em programas referentes às áreas acima citadas; de leis que impulsionem, por exemplo, a criação de empregos, onde possam trabalhar não só os jovens, mas também os idosos que os queiram. (RODRIGUES; 2006, p. 64).

Mais especificamente, então, no que tange as reportagens veiculadas nesse período, os oito textos sob o rótulo de “Ciência, Medicina ou Saúde”, conforme já mencionado, tinham como viés a estética, discutindo, dentre outros pontos, os cosméticos mais populares empregados na batalha antienvelhecimento, as práticas cotidianas e os procedimentos clínicos que, conjuntamente, poderiam parar o relógio e a idade real do organismo, definida a partir dos hábitos de cada sujeito.

Uma lei da natureza: por mais lisa que seja a pele de uma pessoa, um dia o tempo vai deixar ali as marcas de sua passagem. Uma lei de mercado: por

mais inevitável que seja essa situação, sempre haverá mulheres e homens dispostos a pagar para adiar ou minorar esses efeitos. (NA..., 1991, p. 42) (T20 SD40)

Os adeptos do culto ao corpo e da boa forma costumam alimentar-se mutuamente com informações sobre o melhor creme contra rugas, a ginástica aeróbica que menos agride as articulações ou qual o cirurgião plástico mais hábil com uma sonda de lipoaspiração. Essas pessoas têm agora um novo assunto para sustentar suas conversas. Discute-se animadamente nas festas, nas lanchonetes das academias de ginástica e nos intervalos das corridas na praia ou nos parques, qual é o tratamento mais moderno que o geriatra tem a oferecer. Essa especialidade médica, que há um bom tempo deixou de ser exclusiva dos velhos para entrar na agenda das pessoas que desejam adiar o envelhecimento, nunca esteve tão na moda entre a rapaziada da malhação. (CONTRA, 1991, p. 54) (T21 SD41)

Para quem se sente perdido em meio a tantas novidades, Dean [Ward Dean, vice-presidente da Academia Americana de Medicina Antienvelhecimento] dá, de graça, a lista básica de qualquer programa de manutenção da juventude. 'Em primeiro lugar, evitar as coisas que aceleram o envelhecimento: parar de fumar, beber pouco, fazer muito exercício, comer direito', diz ele. Atenção, repetindo: o exercício 'é o melhor remédio antienvelhecimento que existe' [...] 'Tenha uma dieta nutritiva e tome vitaminas e complementos minerais. Eventualmente, incorpore algumas drogas antienvelhecimento'. Quando dar o pontapé inicial no programa? 'As pessoas deveriam começar a pensar no assunto aí pelos 20 anos', aconselha Dean. (VIVER..., 1993, p. 89-90) (T25 SD 49)

Haja aeróbica. A academia Competition, uma das mais completas de São Paulo, avalia que uma em cada cinco clientes são mulheres na idade da loba. O índice sobe para 50% na lista de pacientes dos dermatologistas. Nos consultórios dos cirurgiões plásticos, elas são 60%. O corpo é reconstruído a bisturis, choques elétricos contra a celulite, aluviões de cremes, massagens e malhação. (CAPRIGLIONE; LEITE, 1995, p. 87) (T28 SD59).

Lendo-o [teste de longevidade, presente na reportagem], descobre-se que um homem solteiro de 50 anos que fuma um maço de cigarros por dia, não faz exercícios físicos e belisca um pacote de batata frita entre as refeições tem uma idade verdadeira de quase 70 anos. Se este mesmo homem praticar exercícios com assiduidade, mantiver uma vida sexual animada e ingerir vitaminas E e C em quantidade apropriada e na forma de alimentos ou suplementos, ele pode ficar parecido com alguém de 45 anos. (WEINBERG, 1999, p. 113) (T43 SD83)

Sobre a questão da corporeidade, para além daquilo que já foi exposto, pode-se retomar Michel de Certeau (1982 apud SANT'ANNA, 2005), quando esse afirma que, assim como sua língua, cada sociedade possui o seu corpo, estando ele, portanto, sendo vetor semântico, produtor e ao mesmo tempo produto de disputas simbólicas e materiais, submetido à administração social e submisso à batalha que marca o processo de significação.

Conforme lembra Courtine (2005), em um contexto no qual as práticas e as representações do corpo são atravessadas por tantas estratégias que visam a expô-lo como

maleável e passível de reconstituição, os sujeitos são naturalmente transformados em gestores de sua corporeidade, responsáveis absolutos por aquilo que ostentam e por aquilo que os define.

Costa (2005), por sua vez, define esse modelo social que vigora contemporaneamente como sendo somático, uma vez que nele o corpo teria transformado-se em um referente privilegiado no que tange a construção das identidades pessoais, ao mesmo tempo em que se configuraria como objeto de culto e de idolatria coletiva.

Como principais fatores responsáveis por essas modificações, são apontados (1) o remapeamento cognitivo do corpo físico, relativo ao fornecimento, por domínios específicos como os da ciência, da política e da espiritualidade, das justificativas racionais e legítimas para a redescrição daquilo que somos, e (2) a invasão da cultura pela moral do espetáculo, relativo ao conjunto de dogmas e de normas morais que definem como devemos ser. Tem-se, enfim, um corpo que já não é mais o mesmo daquele de outros tempos.

O corpo físico, até então reduzido ao silêncio da saúde ou ao ruído da doença, se mostra, agora, loquaz em suas demandas: ele intenciona, age, conhece, sente, julga e, se soubermos escutá-lo, ‘fala’. As minúcias de seu funcionamento impuseram-se às consciências e já fazem parte das regras de sociabilidade cotidiana. Hoje, em qualquer conversação urbana trivial, é comum a referência às taxas de colesterol ou triglicérides; às novas dietas; aos novos exercícios físicos; às novas técnicas de relaxação e alongamento muscular; aos ganhos ou perdas de ‘consciência corporal’. [...] O que estava confinado ao confuso reino das necessidades animais invadiu a arena pública. Estar bem com o próprio corpo deixou de ser uma precondição da excelência política, religiosa ou sentimental para se tornar uma finalidade quase independente. O encantamento pelo corpo nos leva a desejar ‘uma boa vida física’ com a intensidade que outrora desejávamos a paz espiritual, a honra cívica ou o prazer sentimental. (COSTA, 2005, p. 215).

Corpos como objetos de desejo, enfim, e que podem ser reconstruídos mediante o empenho, a dedicação e o esforço de cada um. Você é gordo? Ora, emagreça! Você tem um nariz que não lhe agrada? As cirurgias estão aí, ao seu alcance. Velho? Só porque você assim o quer! O rejuvenescimento, semanalmente, está à venda nas páginas de *Veja*. Corpos que se moldam e uma mídia que, tendo em vista tais possibilidades, oferece as formas mais corretas de fazê-lo.

Esse oferecimento de mapas de saúde corporal da mídia não são puras mercadorias-serviços que se pega nas prateleiras, se usa e se joga fora, na medida em que tais ofertas se colocam como contratos comunicativos em que se põe em funcionamento esse dispositivo superegóico da obrigação do prazer. Tais mapas são performativos, ao colocar o enunciatário dentro do circuito pulsional do consumo, vetorizando-o como corpo autotrabalhável,

autotransformável, como limite a ser ultrapassado na direção da Saúde perfeita. (PRADO, 2009, p. 24).

Sob o marcador de “Vida moderna, sociedade ou população/demografia”, ao longo da década de noventa, foram publicadas cinco reportagens sobre a velhice, tendo como foco o cotidiano dos centenários, o aumento demográfico do número de idosos e as mudanças sociais decorrentes de um envelhecimento da população.

‘A sacudida que os velhos estão dando no mercado é o resultado da mais extraordinária mudança demográfica do país’, diz o sociólogo Mário Monteiro, analista do IBGE. [...] Os brasileiros ganharam quase uma geração a mais de vida. A longevidade, aliada à queda da taxa de nascimentos nos anos 80, fez surgir um país de cabelos brancos. (CRUZ; CARVALHO, 1996, p. 55) (T29 SD60).

Como se vai sustentar uma sociedade em que uma minoria jovem precisa garantir a existência de uma maioria de idosos? A mudança afeta cada aspecto do cuidado edifício previdenciário, que garante o bem-estar social dos países ricos. (TERRA..., 1998, p. 56) (T35 SD69).

O novo perfil demográfico do planeta é resultado de dois fenômenos combinados: o aumento da expectativa de vida e a redução da taxa de natalidade. [...] O impacto é muito grande em vários setores. Um deles é a Previdência Social. Até a década de 60, para cada Brasileiro aposentado havia outros oito trabalhando. Ou seja, oito contribuíam para que um se beneficiasse. Hoje essa relação é de dois para um e o rombo da previdência já é enorme. Se esse ritmo se mantiver e as regras não forem mudadas, dentro de alguns anos haverá mais aposentados do que contribuintes. Uma solução, já adotada em muitos países, é que cada trabalhador financie sua própria aposentadoria futura, contribuindo para um fundo de pensão durante a vida ativa. Outro problema é a perspectiva de um colapso no sistema de saúde pública. Atualmente, o gasto do setor com um idoso é cerca de três vezes maior do que com uma pessoa na meia-idade. (O PLANETA..., 1999, p. 68) (T38 SD74).

Existem 135 000 pessoas centenárias no mundo. Cerca de 9 500 delas vivem no Brasil. [...] Os centenários representam a faixa etária que cresce mais rapidamente no mundo hoje. Segundo um levantamento recente da ONU, a taxa de crescimento dessa fatia da população projetada para os próximos cinquenta anos será de 1530% - índice seis vezes maior que o dos indivíduos entre 60 e 79 anos, por exemplo. (CARDOSO; LUZ, 1999, p.77) (T42 SD81).

Nesses textos, em específico, é possível perceber a surpresa frente à inversão das pirâmides demográficas, que passariam a assinalar, com mais força a partir de então, um aumento do número de idosos e uma diminuição do número de jovens. De fato, uma revolução, ao menos numérica, dos idosos, conforme ressalta Schirrmacher (2005, p.02).

Pela primeira vez está acontecendo algo que não foi previsto pela evolução e que por ela deveria ser até mesmo evitado com todos os truques mortais: um grupo não mais capaz de se reproduzir, que há muito cumpriu a sua função biológica, que não pode mais ser renovado e está sendo colocado à disposição da natureza constitui a maioria em uma sociedade. Pela primeira vez na história da humanidade, o número de idosos será maior que o de jovens.

Embora a terminologia “terceira idade” tenha surgido em um contexto francês, décadas antes, conforme ensina Lenoir (1979), foi ainda com mais força nos anos noventa, tendo em vista a regularização das aposentadorias e um aumento da expectativa de vida que, em solo brasileiro, a categoria ganhou força. Com idosos vivendo não apenas por mais tempo, mas também com maiores possibilidades financeiras, estruturou-se um nicho de mercado que passou a ser cada vez mais interessante. Interessante também, é claro, ao setor midiático, que apesar da ausência de grandes publicações específicas, passa, tal qual tem sido exposto, a dar maior visibilidade à questão da velhice.

Como algo bom ou mesmo ruim, tendo em vista, por exemplo, o *gray money* (em alusão à cor natural dos cabelos de quem, nesse momento, estaria com o dinheiro em mãos) ou mesmo à quebra dos cofres públicos, em função do aumento com as despesas referentes à aposentadoria, a velhice como questão social, coletiva e interesse nacional ganha fôlego, mesmo que ainda timidamente, se comparada aos seus demais enquadramentos.

Reportagens sobre o lançamento de livros cujo tema fosse a velhice, a respeito de mudanças no sistema previdenciário ou mesmo que tivessem como foco pesquisas inovadoras sobre o processo de envelhecimento humano, por serem definidas sob os rótulos de, por exemplo, “Ideias”, “Brasil” ou até mesmo “Espaço”, compuseram a categoria que denominamos como “Outras”. Nos anos noventa, cinco textos foram ali veiculados.

Hoje, a velhice deslocou-se para as vizinhanças dos 80. Escreve Bobbio [Norberto, autor de *O tempo da memória*]: ‘Nasci num período em que a expectativa de vida não alcançava os 50 anos e os octogenários eram uma espécie muito rara. Eram chamados de anciãos. Se hoje alguém me chamar de ancião, por pouco não me ofenderia’. (TOLEDO, 1997, p. 139) (T32 SD66).

Para defender a urgência de sua proposta, o governo gosta de levantar a ameaça de uma catástrofe demográfica que levaria a Previdência a nocaute. Como o número de idosos cresce mais que o número de nascimentos, há fundamento nessa afirmação, mas chega a ser preocupante que o governo não se precavenha do apocalipse, tomando outras medidas mais simples e de efeito mais imediato. (ROCHA, 1997, p. 26) (T33 SD67).

Bons hábitos, segundo os médicos, podem adiar os problemas da velhice, como a diabetes, a osteoporose e complicações cardiovasculares. A receita é o controle alimentar, somado à prática moderada de atividade física. [...]

Conta pontos também uma vida com menos pressões e condições que levem ao stress. (LUTA..., 1998, p. 60-61) (T37 SD73).

Apenas três reportagens, de todas as vinte e seis do período, foram definidas por *Veja* como pertencendo à categoria “Beleza”. Esses textos, em geral, discutiram procedimentos rejuvenescedores, tais como aplicações de ácido glicólico, preenchimentos e intervenções cirúrgicas e mesmo injeções com hormônios contrabandeados.

Não há terapia cosmética que devolva a resistência muscular que a pele tem aos 15 anos de idade. [...] A flacidez só é resolvida com intervenções cirúrgicas como a plástica. Para mulheres e homens com mais de 40 anos, Barbosa [cirurgião plástico] aconselha dois tipos de tratamento. Para restabelecer a saúde da pele, o peeling, e para recuperar a resistência muscular, a cirurgia plástica. (ÁCIDO..., 1993, p.75) (T26 SD54).

‘Não dá para falar em rejuvenescimento. É algo muito relativo e sem parâmetros científicos’ critica o endocrinologista Geraldo Medeiros, da Universidade de São Paulo. Mas quem se importa? Como o GH [hormônio] toca no insaciável desejo do ser humano de fazer o tempo parar e, se possível, voltar para trás, é sucesso. (LUNA; JUNQUEIRA, 1999, p. 92) (T40 SD79).

Outros três textos, por sua vez, conferiram ênfase às questões de caráter comportamental, discutindo a busca da beleza e da juventude, a meia-idade e a maturidade e a revolução propiciada pelo aumento da expectativa de vida da população.

Com um arsenal de técnicas e terapias de combate à obesidade, celulite e envelhecimento precoce, o médico Laércio Gomes Gonçalves, diretor da Sociedade Brasileira de Medicina Estética, se diz capaz de resolver qualquer caso de crise com o espelho. Uma das novidades mais procuradas, contra as rugas e envelhecimento precoce, é a finíssima trama de ouro que, introduzida na região afetada, promete proporcionar, em dois meses, resultados semelhantes ao de um face-lift. (ESPELHO..., 1992, p. 75-76). (T22 SD43).

Com base em dados do IBGE e da fundação Seade, o InterScience calculou que, na população acima de 50 anos, os rendimentos somam 33 bilhões de reais, 22 dos quais concentrados nas classes de renda mais baixa. A conclusão do estudo é que o cabelo branco pode vir a ser um mercado de primeira. Mas é preciso ir com cuidado. [...] ‘Os velhos não se incomodam de ser vistos como velhos, mas eles fogem de tudo o que associe a velhice à fragilidade e à doença’, afirma a antropóloga Guita Debert, da Unicamp. (CRUZ; CARVALHO, 1996, p. 56) (T29 SD62).

Nas seções “Especial” (01 texto) e “Aposentadoria” (01 texto) as reportagens veiculadas (capas de suas edições) tiveram como foco, respectivamente, os “segredos” do rejuvenescimento descobertos pela ciência e as reformas na previdência (bem como sua crise iminente).

Biologicamente, não há nenhum motivo para que as pessoas não cheguem tranquilamente aos 115 ou 120 anos. Acontece, porém, que por uma série de fatores, entre os quais estão doenças evitáveis – ou que brevemente o serão -, vida sedentária, maus hábitos à mesa e outros bem conhecidos, o homem começa a envelhecer aos 40 anos de idade, às vezes bem antes. (FONTE...,1990, p. 56) (T18 SD33).

Depois de passar décadas sonhando com uma velhice bastante confortável, a maioria das pessoas descobre outra realidade quando chega a hora de se aposentar. As pensões ficam cada vez mais magras e mesmo os serviços de saúde, que o governo deveria assegurar, se tornaram precários, quando não calamitosos. É nesse horizonte que a discussão sobre a aposentadoria no Brasil se estabelece. (APOSENTADORIA, 1995, p. 34) (T27 SD55).

Ao longo dos anos 2000-2012 (último período aqui analisado) foram veiculados, conforme o esperado, tendo em vista o crescimento das discussões e da relevância da temática, o maior número de textos sobre a velhice. Quinze, de um total de sessenta e três reportagens, foram na seção “Especial”, em geral com muitas páginas, quadros e testes dirigidos aos leitores, e oito deles foram capas de suas edições.

Vale salientar que, em alguns casos, esses textos tiveram divisões, à modelo de um encarte que, naturalmente, traz o seu conteúdo separado em editoriais ou marcadores. Foi o que aconteceu, por exemplo, com “Como ser jovem por mais tempo”, de julho de 2001, com dez páginas; “A melhor idade”, de agosto de 2005, com trinta e duas e “Longevidade: como viver mais e melhor”, de julho de 2009, com trinta e seis. Cada um desses “especiais” foi aqui compreendido como um texto, uma vez que, veiculado na mesma edição e submetido ao mesmo enquadramento, apesar do grande número de páginas e de suas divisões internas, acredita-se que desmembrá-los em várias reportagens representaria a perda de suas unidades, de seus discursos que estavam dispostos de modo integrado e interligado.

De maneira geral, o foco desses quinze textos variou entre as práticas que permitiriam aos sujeitos ultrapassarem a meia idade e envelhecerem melhor, as dietas que trariam como resultado a longevidade e a juventude, os procedimentos estéticos e cirúrgicos responsáveis pela criação de uma geração sem idade e, mais raramente, os impactos do envelhecimento populacional a partir de uma percepção demográfica e estatística. O tom de aconselhamento, ancorado em especialistas de diversas áreas, foi uma constante, manifestando-se também na forma de quadros explicativos e de testes. Algumas capas também merecem destaque.

‘Se no primeiro dia dos seus 50 anos você pára de abusar do álcool, deixa de fumar e começa a fazer exercícios, é claro que você melhora sua vida’ disse a Veja o psiquiatra George Vaillant, responsável pela pesquisa do Brigham and Women’s Hospital. ‘Mas não terá o mesmo resultado que obteria se

tivesse cuidado da saúde durante toda a vida. É como ter um carro velho. Se você sempre o levou para a manutenção, ele não vai deixá-lo a pé no meio da estrada'. (CARELLI, 2001, p. 94) (T55 SD108).

Nas áreas mais sensíveis e agradáveis da vida humana, a aparência e o sexo, os avanços recentes são ainda mais notáveis. 'Hoje em dia apenas com os recursos estéticos dos cremes e dos tratamentos externos de ativação do metabolismo das células é possível adiar as cirurgias plásticas e rejuvenescer um rosto em até dez anos' diz a dermatologista paulista Ana Claudia Schor. (JOVEM..., 2003, p. 93) (T62 SD126).

Isso mesmo: Madonna, a loira de músculos definidos, magérrima e conservadíssima é cinquentona. Sua figura é fruto de uma dose excepcional de disciplina (e de exercícios), mas estar bem na sua idade não tem nada de incomum. Só no mundo dos artistas, onde a imagem não é tudo, mas chega perto, também acabam de dobrar o cabo dos 50 anos as atrizes Sharon Stone (em março) e Michelle Pfeiffer (em abril), beldades de parar o trânsito em qualquer tapete vermelho. (A AURORA..., 2008, p.98) (T84 SD180).

O aumento da longevidade propiciou o surgimento de um outro fenômeno, desta vez no terreno do comportamento – o de pessoas maduras que cruzam as fronteiras entre as gerações e não apenas agem, mas se sentem como se fossem mais jovens. São homens e mulheres que já passaram dos 40 ou 50 anos, gozam de boa saúde, disposição e acreditam que os hábitos de vida e a forma de se expressar não devem se atrelar à idade, mas à personalidade de cada um. [...] 'No mundo de hoje, em que vivemos mais e melhor, a idade cronológica deixou de ser tão relevante para determinar o modo de vida de uma pessoa. O que mais importa é a sua capacidade no terreno funcional, social e emocional', diz o gerontologista carioca Alexandre Kalache. (LONGEVIDADE, 2009, p. 63) (T87 SD195)

O quadro que aparece na página noventa e oito, da edição de dois de junho de 2004, e o teste, nas páginas noventa e oito e noventa e nove da mesma edição, fazem parte da reportagem "O menu que prolonga e juventude". Ancorando-se nas pesquisas realizadas pelo médico norte-americano Michael Roizen (que a partir de então passa a ser recorrentemente mencionado em reportagens sobre longevidade), do "Real Age Institute", e autor dos livros "A Idade Verdadeira" e "A cozinha da Idade Verdadeira", a reportagem didaticamente ensina aos leitores os alimentos a serem consumidos, o modo por meio do qual eles devem ser preparados e inclusive o modo como devem ser ingeridos.

O médico americano Michael Roizen vai mais longe. Fundador de um dos mais respeitados centros de estudos da saúde e do metabolismo humano, o Real Age Institute, ele defende que a adoção de uma dieta específica combinada a bons hábitos, ajuda a desacelerar o processo de envelhecimento. Mais que isso: pode rejuvenescer uma pessoa em até vinte anos. (WEINBERG, 2004, p. 97)(T66 SD134).

Imagem 15: Teste que objetiva mensurar a expectativa de vida, tendo em vista os hábitos alimentares.

10 alimentos para viver mais

Conheça alguns dos alimentos que a ciência já comprovou serem capazes de prevenir doenças e a quantidade indicada para potencializar seus benefícios*

AVEIA

Ajuda a diminuir o colesterol ruim, o LDL. Ganhou o selo de redutor do risco de doenças cardíacas da FDA, agência americana de controle de alimentos e remédios

→ **Quantidade recomendada**
40 gramas por dia de farelo ou 60 gramas da farinha

ALHO

Reduz a pressão arterial e protege o coração ao diminuir a taxa de colesterol ruim e aumentar os níveis do colesterol bom, o HDL. Pesquisas indicam que pode ajudar na prevenção de tumores malignos

→ **Quantidade recomendada**
Um dente por dia (para diminuir o colesterol e a pressão arterial)

AZEITE DE OLIVA

Auxilia na redução do LDL. Sua ingestão no lugar de margarina ou manteiga pode reduzir em até 40% o risco de doenças do coração

→ **Quantidade recomendada**
15 mililitros por dia ou uma colher (de sopa rasa)

*As quantidades de alimentos indicadas se referem apenas à prevenção das doenças especificadas. A dosagem ideal para o combate das demais ainda não foi identificada pelos pesquisadores

O médico americano Michael Roizen vai mais longe. Fundador de um dos mais respeitados centros de estudo da saúde e do metabolismo humano, o RealAge Institute, ele defende que a adoção de uma dieta específica, combinada a bons hábitos, ajuda a desacelerar o processo de envelhecimento. Mais que isso: pode rejuvenescer uma pessoa em até vinte anos (confira o impacto que a dieta e os hábitos alimentares têm sobre a sua idade no teste ao lado). Roizen é autor do best-seller *Idade Verdadeira*, que vendeu mais de 3,5 milhões de cópias e foi traduzido em 22 idiomas. “Rejuvenescer”, para Roizen, não quer dizer experimentar milagres como o sumiço repentino de rugas. Com base num cálculo que leva em conta dados epidemiológicos e estatísticas de longevidade, ele criou uma taxa de risco para calcular o peso dos hábitos alimentares sobre a saúde de uma pessoa. Dependendo desse resultado, ela pode estar sujeita aos mesmos riscos e doenças que alguém mais jovem ou mais velho — daí o conceito de “idade biológica” ou “real”, desenvolvido pelo médico, que independe da cronologia. Ao longo de cinco anos, Roizen e sua equipe examinaram 25 000 estudos científicos relacionados a hábitos alimentares, saúde e longevidade. Sua conclusão: “De todos os fatores que afetam o envelhecimento, a dieta é o mais importante”.

O interesse pelos benefícios que os alimentos podem trazer à saúde é antigo. Quatro séculos antes de Cristo, o grego Hipócrates, considerado o pai da medicina, já apregoava: “Faz da comida o teu remédio”. Na Antiguidade, muito se especulava sobre o poder curativo de plantas como o alho (veja quadro que começa nesta página). Um papiro egípcio de 1550 a.C. lista duas dezenas de medicamentos que, formula-

Comer, beber, viver

Teste o impacto que os hábitos alimentares podem ter sobre a sua expectativa de vida, segundo a pesquisa do médico Michael Roizen

- 1 Você tem o hábito de tomar café-da-manhã? (Contabilize quantas vezes na semana isso acontece)
- 2 Você come mais alimentos assados do que fritos?
- 3 Você gosta do sabor de peixes?
- 4 No supermercado, você lê a composição dos produtos para evitar alimentos ricos em açúcar e gorduras saturadas?
- 5 Você costuma acrescentar ingredientes à receita com o objetivo de acentuar o sabor da comida?
- 6 Há frutas em sua cozinha?

Imagem 16: Continuação do teste sobre dieta e longevidade, publicado na edição 1856, de 2004.

7 Assinale os hábitos que fazem parte de sua rotina alimentar e some os pontos correspondentes:

- Comer alimentos pouco gordurosos **1**
- Comer frutas e legumes com casca **1**
- Colocar os alimentos comprados no supermercado logo na geladeira **4**
- Usar ervas, legumes e verduras frescos **3**
- Usar temperos frescos **1**

8 Você faz as refeições à mesa ou costuma comer enquanto vê televisão ou lê um livro?

- Faço todas as refeições à mesa **10**
- Frequentemente faço as refeições à mesa **6**
- Às vezes faço as refeições à mesa **3**
- Nunca faço as refeições à mesa **0**

9 Quando você cozinha, escolhe receitas de fácil execução?

- Sim **10**
- Frequentemente **7**
- Raramente **2**
- Nunca **0**

10 Você se sente culpado quando come doces e alimentos gordurosos, no lugar de um prato saudável?

- Não sinto nenhuma culpa **10**
- Sinto um pouco de culpa **7**
- Sinto bastante culpa **2**
- Minha culpa é tanta que como pensando na quantidade de calorias que estou ingerindo **0**

11 Você pára de comer quando tem a sensação de que está satisfeito?

- Sim **10**
- Frequentemente **7**
- Às vezes **2**
- Nunca **0**

12 Você toma um copo de água entre uma e outra taça de vinho?

- Sim **4**
- Frequentemente **2**
- Às vezes **1**
- Nunca **0**

13 No restaurante, você pede que o molho de sua salada seja servido à parte?

- Sim **6**
- Frequentemente **4**
- Às vezes **1**
- Nunca **0**

14 Quando vai ao restaurante, você pergunta ao garçom detalhes sobre o preparo dos pratos?

- Sim **12**
- Frequentemente **9**
- Às vezes **3**
- Nunca **0**

15 Assinale os utensílios que você tem na cozinha e some os pontos correspondentes:

- Forno elétrico **2**
- Freezer **2**
- Frigideira antiaderente **2**
- Grelha **2**
- Liquidificador **2**
- Microondas **2**
- Assadeira **2**
- Processador de comida **2**
- Saladeira **1**
- Sacas-rolhas **1**
- Torradeira **2**

TOTAL DE PONTOS _____

Como calcular o impacto dos hábitos alimentares sobre a sua idade

TOTAL DE PONTOS ANOS DE VIDA

(_____ ÷ 10) - 6 = _____

O resultado desta conta está expresso em anos de vida. Indica se seus hábitos alimentares fazem com que sua idade seja equivalente à de alguém mais jovem ou mais velho

	Se ele for positivo, subtraia-o da sua idade real	Se ele for negativo, some-o à sua idade real
IDADE REAL	_____	_____
ANOS DE VIDA	- _____	+ _____
EQUIVALÊNCIA DE IDADE	_____	_____

Se a conta der uma fração (2,8 anos, por exemplo), arredonde para a casa inteira mais próxima (três anos)

dos à base da raiz, eram usados para tratar de dor de cabeça a inflamações na garganta. O uso do alho pelos antigos baseava-se no mesmo conhecimento empírico que estimulou muitas avós a dizer que comer fruta deixa a pele mais jovem e que um golinho de vinho "faz bem à saúde". Elas tinham razão, embora não soubessem exatamente o porquê. Hoje, já se tem por certo que tanto as frutas como as verduras são potentes antioxidantes naturais. Isso significa que têm capacidade para combater os temidos radicais livres — subproduto formado pelas células no processo de conversão do oxigênio em "combustível" para o corpo. As vitaminas C, E e A, presentes em abundância em frutas como a laranja, a manga e a maçã, têm o poder de reduzir essas moléculas tóxicas que, em excesso, comprometem o bom funcionamento do organismo e aceleram o seu envelhecimento. O poder das frutas é tamanho que Michael Roizen chega a afirmar que a ingestão de cinco porções delas por dia pode atrasar o relógio biológico em até quatro anos.

Outras práticas aprovadas pela experiência ganharam recentemente a chancela da ciência. Na década de 60, intrigava cientistas o fato de gregos e italianos — notórios apreciadores de uma boa e farta mesa — sofrerem menos de doenças cardíacas e terem expectativa de vida acima da média europeia. A partir do estudo dessas populações, concluiu-se que um fator determinante para a longevidade de gregos e italianos era a dieta: a culinária mediterrânea é rica em azeite e nozes, por exemplo, dois poderosos redutores do LDL, o colesterol ruim. Também da observação da população na França nasceu o interesse científico pelo vinho tinto. Apesar de os franceses terem o hábito de comer queijo e manteiga a granel, eles conseguiam manter baixos níveis de doenças cardíacas. O fenômeno ficou conhecido como "o paradoxo francês". Um estudo conduzido pela Universidade Harvard demonstrou que um pigmento encontrado na casca das uvas vermelhas, os flavonóides, tem dupla função no que diz respeito à proteção do coração: aumenta as taxas do bom colesterol e ajuda a prevenir o enrijecimento das artérias.

Hoje, o vinho já exhibe status ofi-

veja 2 de junho, 2004 **99**

Imagem 17: Capa da edição 1683, de 17 de janeiro de 2001



Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 34, ed. 1683, 2001.

Imagem 18: Capa da edição 1957, de 24 de maio de 2006

Fonte: *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 39, ed. 1957, 2006.

As capas acima, ambas de textos da seção “Especial” da década de 2000, são muito significativas e claramente relacionadas entre si. Na primeira delas uma mulher, ao erguer sua pele do rosto, torna visível ao leitor uma pele primeira, uma pele “verdadeira”, renovada, camuflada por uma máscara. A chamada “De cara nova” e a explicação referente às amplas possibilidades de “conserto para quase tudo”, tendo em vista os avanços na área da cirurgia plástica, deixam claro que você pode ser aquela mulher, que torna visível seu eu interior, que é naturalmente jovem.¹

A outra capa, por sua vez, expõe, novamente uma mulher não envelhecida, retirando completamente a pele de seu corpo, à modelo daquilo que se faria com um macacão ou alguma outra peça de vestuário. A manchete “A idade real”, bem com os pontos destacados abaixo, relativos à alternativa de manter coração, músculos e, claro, a pele jovens por mais tempo, dão o tom do texto que se encontra na edição.

Cabe retomar aqui a expressão proposta por Featherstone e Hepworth (1989 apud DEBERT, 1999). Ao falar em “máscara da velhice” os autores objetivavam caracterizar o processo de envelhecimento como efetivamente uma máscara que, imposta aos sujeitos, tornaria inviável a capacidade de expressar o seu “eu verdadeiro” aos demais. Estabelecendo vínculos com as capas, portanto, pode-se perceber que, na verdade, esse sentido também se faz presente ali. Não se trata, portanto, de camuflar a velhice, de tornar-se outra pessoa, mas sim da recuperação do eu original, daquele eu perdido com o passar dos anos e, esse sim, camuflado pelos sinais do tempo e por uma identidade que, como lembra Sartre (1997), é irrealizável.

Sobre essas questões, torna-se pertinente salientar, ainda, a existência de um claro recorte referente à questão de gênero que atravessa e constitui a discussão sobre envelhecimento e velhice. Capas como essas e, para além delas, uma série de textos coletados e analisados, os quais vêm sendo discutidos aqui, tornam latente aquilo que já é objeto de diferentes trabalhos (ATTIAS-DONFUT, 2004; DEBERT, 1999; LINS DE BARROS, 2007; MOTTA, 1999; PIRES, 1998; WOTTRICH, 2011): que a experiência do envelhecer atinge os corpos e os sujeitos masculinos e femininos de modos diferentes. Por que, por exemplo, um homem não estampa essas capas? Attias-Donfut (2004, p. 93-94) dá uma resposta possível.

¹ Especificamente sobre essa capa, na edição em que ela foi veiculada (1683, 17.01.2001), na seção de Cartas ao leitor, discute-se o seu processo de produção. A inspiração na revista americana *Time*, que teria feito o mesmo anteriormente, as técnicas empregadas para torná-la possível e a explicação de que, enfim, tal imagem caberia exatamente a uma reportagem cujos temas fossem as cirurgias plásticas e o rejuvenescimento, podem ser conferidas no acervo online de *Veja*.

Com o pretexto de curar a velhice, a cultura de massa produz tanto a invisibilidade quanto a hipervisibilidade do corpo das velhas mulheres: a dicotomia entre a beleza e as, digamos, destruições do tempo evoca, por analogia, a dicotomia entre a saúde e a doença associadas à velhice, cotidianamente reafirmadas pela mídia e pela publicidade (principalmente aquelas de produtos de beleza ‘antienvelhecimento’) e que provocam, conseqüentemente, uma certa angústia. No super mercado da moda e da beleza, onde a imagem de si corresponde à aparência que se escolheu (ou pelo menos que temos a ilusão de escolher livremente) e que tende a se confundir com o eu, as mulheres, depois de terem sido elogiadas e cortejadas da adolescência à maturidade, iniciam insensível e infalivelmente o aprendizado do declínio, conforme processo que uma célebre feminista americana, Margaret Gullette (1997), descreveu como *declining to decline*.

Aliado a esse contexto de hipervalorização da juventude, uma sociedade histórica e culturalmente machista não torna o envelhecimento para as mulheres algo mais simples. Conforme novamente lembra Attias-Donfut (2004, p. 86), não sendo uma presa, do macho “não se reclama nem frescor, nem doçura, nem graça, mas a força e a inteligência do conquistador”. Alguns dos sinais do envelhecimento, por conseguinte, tais como os cabelos grisalhos e algumas rugas, não contradizendo esse ideal de virilidade, não apenas não tem o mesmo peso tais como para as mulheres, como também, muitas vezes, são positivamente valorados. *Veja* reitera.

Como cabelo grisalho e rugas discretas nunca foram impedimentos para o sucesso social masculino, permanecem galãs (ou por causa) da idade madura os irresistíveis Pierce Brosnan, um poço de charme aos 55 anos, Richard Gere, inalterável jeitinho carente aos 58, e José Mayer, que aos 59 e longe de sua melhor forma (por força do papel, ressalta-se), anda aos beijos com Juliana Paes em A favorita, folhetim das 8 da Globo. (A AURORA..., 2008, p.99) (T84 SD181).

Os anos passam e a beleza dela [atriz Demi Moore] permanece incólume – e até melhor, sob vários pontos de vista. Ela é mais um exemplo de como a disciplina e os recursos médicos e cosméticos disponíveis podem não só dar uma ajuda à genética como fazer do tempo um aliado. (LOPES; MAGALHÃES; VENTUROLI, 2009, p.74) (T86 SD189).

Toda mulher que atinge o limiar dos 70 anos, hoje a definição aproximada de idade avançada, tem direito a proclamar independência: nunca mais tingir o cabelo, fazer depilação ou usar salto. E passar o tempo todo com calça de elástico na cintura. Mas existem também as mulheres que não querem receber a dispensa. Sem se torturar, sem querer se passar por jovencinhas e sem se submeter ao filtro do julgamento alheio, uma vez que algumas vantagens a idade tem de ter, elas preferem continuar o jogo e se apresentar ao mundo, e a si mesmas, com a melhor aparência possível. (AMARO, 2012, p.128-129) (T105 SD225).

Nas seções “Ciência, Medicina ou Saúde” desse período foram publicadas dezessete reportagens tendo como enfoques aspectos como a reposição hormonal, empregada então no

tratamento antienvelhecimento, e a importância de atividades físicas regulares, de hábitos saudáveis e de uma dieta balanceada para bem envelhecer (ou para manter-se jovem, mais comumente). Mais uma vez, conforme se constatou, a tônica maior foi dada à estética.

Passar fome não rejuvenesce. Primeiro, é preciso pensar em incluir mais nutrientes à alimentação para, então, reduzir o nível de calorias. Frutas, hortaliças, cereais e molho de tomate podem retardar o processo de envelhecimento. O estudo [do médico norte-americano Michael Roizen] aponta que comer peixe três vezes por semana, por exemplo, pode subtrair até 3,4 anos da idade real – sempre se consumido em meio a uma dieta balanceada. (ROGAR, 2001, p. 67) (T56 SD113).

O estudo comprova pela primeira vez que o stress acelera o envelhecimento. Além disso, a pesquisa indica a influência direta do estado psicológico sobre a longevidade das células do organismo. [...] A pesquisa deixa uma lição básica: paz de espírito ajuda a retardar a velhice. ‘Muitos gostariam de ter uma pílula mágica, mas o modo mais efetivo de reduzir o stress está em mudanças no estilo de vida’. (TEIXEIRA, 2004, p. 98) (T69 SD142).

A cena tornou-se comum de uns tempos para cá. Homens e mulheres acima de 65 anos treinando corrida ao lado dos mais jovens. Muitos deles também participam de provas de 10 quilômetros e de maratona de 42 quilômetros. [...] Os brasileiros não apenas estão vivendo mais, como chegam mais saudáveis à terceira idade. (NUNCA..., 2005, p. 128) (T72 SD151).

Há pessoas que passam a vida esperando a hora de se aposentar. Para essas, novos estudos médicos trazem um alerta: a aposentadoria precoce pode ser um veneno para a saúde e precipitar doenças que encurtam a vida [...] Há basicamente duas explicações para a relação entre aposentadoria e morte precoce. Em primeiro lugar, a má utilização do tempo que sobra na vida de um aposentado pode levar ao aumento do stress, à depressão e ao sedentarismo, condições que estão na base de uma série de distúrbios. [...] A outra explicação é que a transformação no convívio social provocada pela aposentadoria tem influência negativa na saúde. (BUCHALLA, 2005, p. 100) (T73 SD152).

Se no processo do envelhecimento cerca de 70% das interferências estão relacionadas a fatores ambientais e 30% aos genes, segundo o médico Emilio Antonio Jeckel Neto, especializado em biologia do envelhecimento da PUC-RS, as descobertas recentes não invalidam a importância dos conhecimentos já estabelecidos sobre o estilo de vida para quem deseja retardar o processo de envelhecimento e prevenir câncer e doenças cardíacas: atividades físicas regulares e moderadas; hábitos saudáveis como não fumar e, sobretudo, uma alimentação balanceada e – literalmente – colorida. (VIGANÓ, 2006, p. 147) (T76 SD163).

Tabelas com indicações de dietas adequadas e de exames médicos a serem feitos em cada etapa da vida, bem como testes que, dirigindo-se aos leitores, objetivavam, por exemplo, dizer se a reposição de testosterona era necessária foram comuns. Como pode ser percebido abaixo, e conforme ocorreu outras vezes, imagens de pessoas jovens serviam de ilustração a matérias sobre longevidade.

Imagem 19: Representação parcial da reportagem “Você está no comando”, de 18 de novembro de 2009

Medicina

Conhecer o funcionamento do organismo é o primeiro passo para a longevidade saudável e feliz. E nunca é tarde para começar a se cuidar: a partir dos 50 anos, é possível controlar 80% do destino de sua saúde. Sim, até mesmo para quem foi relapso nas décadas anteriores

ADRIANA DIAS LOPES E
NAIARA MAGALHÃES

VOCÊ ESTÁ N

A MATEMÁTICA DA LONGEVIDADE

Quantos anos é possível ganhar a mais de vida com hábitos saudáveis

130 | 18 DE NOVEMBRO, 2009 | veja

Imagem 20: Continuação da reportagem “Você está no comando” e box “A matemática da longevidade”

Se você chegou aos 50 anos varando as noites no escritório, trocando a ginástica por uma horinha a mais na cama, driblando a salada e os grelhados, é bem provável que tenha desistido de levar uma vida saudável, porque “é tarde demais”. Pois bem, a ciência da longevidade traz boas-novas. Se você chegou aos 50 anos com uma rotina pouco saudável, mas livre de doenças mais graves, saiba que tem 80% de chance de chegar à velhice, e em boa forma (os outros 20% continuam a caber à genética). Ou seja, quanto e como viver daqui para a frente está em suas mãos. Basta não achar que é tarde demais para mudar. “Modificar os maus hábitos aos 50 é quase tão bom quanto nunca tê-los tido”, diz o médico Wilson Jacob Filho, diretor do Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. E a chave para o envelhecimento proveitoso e feliz é não fumar, praticar exercícios físicos, dormir bem, alimentar-se de forma adequada, evitar o stress e blá-

blá-blá... A ladainha dos hábitos saudáveis sempre foi muito maçante, convenhamos. Mas um livro lançado nos Estados Unidos pode tornar a coisa menos chata e até divertida. Com uma linguagem bastante simples, a versão atualizada e ampliada de *Você: Manual do Proprietário*, dos médicos americanos Michael Roizen e Mehmet Oz, é um dos mais ricos compêndios sobre o funcionamento do corpo humano, a importância de prevenir os efeitos do envelhecimento e, principalmente, como fazê-lo. Uma das lições do primeiro capítulo: “Conhecer seu corpo lhe dá o poder de mudá-lo, mantê-lo e fortalecê-lo”.

O poder de cada um sobre o destino de sua própria saúde, paradoxalmente, aumenta com o passar do tempo. “Quanto mais velho você for, maior será esse controle”, disse Roizen em entrevista a VEJA. Médico da Cleveland Clinic, Roizen foi o criador, na década de 90, do conceito da idade real. Ele sustenta que as pessoas não têm necessariamente a idade indicada em seus documentos. Do

ponto de vista biológico, podem ser mais jovens ou mais velhas, dependendo do modo como cuidam de si mesmas ao longo da existência. Conforme os anos avançam, enquanto os genes vão perdendo a capacidade de causar maiores danos por si só, o estilo de vida ganha mais relevância. Em geral, as doenças genéticas se manifestam nos primeiros vinte anos de vida. Depois dessa fase, são os hábitos que ativam ou não os genes associados à maioria das doenças crônico-degenerativas. Para se ter uma ideia de tal equação, basta lembrar que a genética controla cerca de 75% do desenvolvimento de um feto. Se o embrião carrega mutações genéticas graves, ainda que a mãe siga todos os preceitos da boa gestante, ele não vinga. É um dos mecanismos biológicos mais importantes para a proteção e a perpetuação da espécie. Se o feto, no entanto, possui uma genética favorável, mesmo que ele seja exposto a comportamentos inadequados da mãe, como fumar ou beber, ainda são boas as chances de ele nascer com saúde.

O COMANDO



Embora onze, de um total de quinze textos da seção “Especial”, tenham tido como foco questões de ordem estética, discutindo formas possíveis de deter o processo de envelhecimento, assim como nove, dos dezessete das editoriais de “Ciência, medicina ou saúde”, especificamente sob o marcador “Beleza”, *Veja* publicou apenas onze reportagens, sobre a velhice, entre os anos 2000 e 2012.

O melhor creme antirugas do mercado de cosméticos, exemplos de mulheres que se mantêm “inteiras” na meia-idade, na maturidade e na velhice, bem como exemplos de quem, tendo exagerado na busca pela juventude, tornou-se um fiasco, foram alguns dos tópicos centrais desses textos.

Hoje todas as mulheres sabem que o processo (envelhecimento) pode ser notavelmente acelerado por agentes externos, como poluição, cigarro e excesso de exposição ao sol. Contra o fator principal, o cronológico, infelizmente, não tem jeito: numa pele jovem, a reposição de células mortas acontece a cada 28 dias, ao passo que aos 60 anos a renovação se dá a cada cinquenta dias, e não há creme sobre a face da terra que mude esse fato. (ROGAR, 2001, p. 82) (T57 SD115).

Esse impressionante descompasso entre a idade cronológica e a disposição física, psicológica e emocional de quem entrou na casa dos ‘enta’ é um fenômeno cada vez mais visível. ‘Como eu posso me sentir velha? Minha filha tem 24 anos e temos muito em comum. Vestimos as mesmas roupas, vamos aos mesmos restaurantes. A ideia de que na minha idade (50 anos) as mulheres estão envelhecidas não faz sentido para mim’, diz Aparecida, que se prepara para morar um tempo em Roma só para ficar perto do namorado. Italiano. Trinta e quatro anos. (PINHEIRO, 2003, p. 88) (T61 SD119).

Quem sempre reclama que, à medida que envelhece, ‘cai tudo’ tem toda razão – pele e músculos caem mesmo, a medida que perdem o viço e a elasticidade. Mas envelhecimento não é só isso (como se isso não fosse o bastante). Além de cair, o rosto envelhecido também ‘murcha’, ou seja, perde volume por causa da diminuição do tecido gorduroso que o acolchoa. [...] Lambros (cirurgião plástico e pesquisador do Centro Médico de Newport Beach, Califórnia), claro, defende que o ‘esticamento seja conjugado a preenchimentos, em geral com gordura do próprio paciente, destinados a restabelecer, na medida do possível, o volume perdido’. (GUSAN, Mariane) (T68 SD141).

Mas existe um bocado de coisas que dá para se fazer, mesmo no caso de quem não nasceu com o equipamento genético de beldades [...] Algumas custam caro, como buscar excelentes profissionais do ramo da estética. Outras exigem autodisciplina feroz – não engordar é um dos mandamentos mais básicos de quem quer combater a aparência envelhecida. Existe, por fim, um recurso que não custa nada [...] mentir, mentir sempre sobre as magias (e os sacrifícios) do rejuvenescimento. (VILLAVERDE, 2009, p.160) (T88 SD205).

Interessante salientar, tendo em vista essa editoria, em específico, mas também muitas das outras nas quais foram veiculadas matérias sobre intervenções cirúrgicas

rejuvenescedoras, os modos pelos quais *Veja* o faz. Apesar de sempre ancorada em especialistas, o modo banal de tratar da questão corrobora para que, a despeito de sua complexidade e risco, a submissão a uma plástica, ou a outros procedimentos similares, soe tão simples quanto comprar um creme ou trocar uma peça de roupa por outra.

Sabendo-se, portanto, que depois dos 60 lipo ondula, lifting estica demais, Botox paralisa e preenchimentos inflam em excesso, conclui-se que fórmula perfeita para o bem envelhecer não há. Ou melhor, há, só que é privilegio de pouquíssimas – quem diz que Suzana Vieira, capaz de tirar de letra cenas tórridas de paixão em novelas, tem 64 anos? Ou então é questão de encarar a passagem dos anos da melhor forma possível, exibindo rugas e cabelos brancos com pose e altivez, como faz, aos 80 anos, a rainha Elizabeth da Inglaterra – provavelmente a única milionária do planeta que jamais se submeteu a uma cirurgia plástica. (ALISAR..., 2007, p. 93) (T78 SD167).

Os plásticos sugerem um “novo” calendário de intervenções. Aos 40 recomendam um lifting com pálpebras, para o desejado efeito de aparência refrescada. “Aos 50 sugiro um lifting total, porque já há bastante pele sobrando” diz Ricardo Marujo [cirurgião]. Entre oito e doze anos depois, quando a pele já tiver cedido novamente, um terceiro lifting, para não criar outras cicatrizes. “E, se a mulher estiver em excelentes condições físicas e com a pele do rosto não muito fina, devido às outras cirurgias, ainda dá para fazer outro aos 70 anos”, diz o médico Carlos Fernando de Almeida, responsável pelo rosto elegantemente ajustado de Marieta Severo. (AMARO, 2011, p. 120) (T96 SD214).

O quadro “Dá para voltar a usar biquíni”, publicado no texto “Revolução dos 60”, de agosto de 2011, aborda um procedimento cirúrgico ao qual Suzana Vieira, atriz da Rede Globo de Televisão, mencionada em diferentes reportagens como exemplo de “bem envelhecer”, teria se submetido. A abdominoplastia, que conferiria a aparência de uma barriga “chapada”, e que requer lipoaspiração, incisões, religamentos e que acarreta a perda do umbigo, é narrada em detalhes, conforme pode ser conferido na página a seguir.

Imagem 21: Box “Dá para voltar a usar biquíni”, parte da reportagem “Revolução dos 60”, publicada na edição 2230, de agosto de 2011

Beleza

Dá para voltar a usar biquíni

Até uma barriga que passou por várias gestações, anos de alimentação errada e seis décadas de estrada pode ter dias melhores. Em qualquer idade, a clássica plástica de barriga, ou abdominoplastia, implica riscos inerentes a uma intervenção de grande porte e o mais terrivelmente dolorido pós-operatório de todas as cirurgias estéticas. A busca da barriga lissinha começa com uma lipos aspiração, que suga a gordura. Depois, o médico faz um corte de um osso ao outro dos quadris. Através dessa abertura, abre um “túnel” interior até o meio do peito e costura as duas fileiras de músculos abdominais para criar o efeito chapado. A faixa de pele que vai do umbigo até o púbis é cortada fora e, posteriormente, a pele inferior é religada à superior. O umbigo, desapegado durante o processo, é refeito. Como a cirurgia mexe em uma região próxima a muitos órgãos, os especialistas dizem que ela só deve ser feita ou refeita (no caso das fortes de espírito) até os 70 anos. O resultado é similar ao da atriz Susana Vieira, 68. Ela não fala no assunto, mas “o umbigo falso entrega”, diz um cirurgião.

NÃO CONTA PARA NINGUÉM Susana Vieira: barriga refeita e umbigo que “entrega”

dia etária de 57,6, não houve diferenças significativas em matéria de complicações.

O aumento na expectativa de vida e a evolução das técnicas cirúrgicas também contribuem para que o adeus ao bisturi seja mais tardio. Em 2010, quase 85.000 americanos acima de 65 anos fizeram cirurgias estéticas. Descontando os excepcionais genes, a atriz Jane Fonda é um ótimo exemplo de como uma senhora pode continuar dando suas esticadinhas sem ficar grotesca — nem atormentada de preocupação com os riscos. Em 2000, ela jurou que nunca mais entraria

na faca (já havia feito um lifting, levantado as pálpebras e aumentado os seios). Ainda bem que esses juramentos sempre podem ser revistos.

No ano passado, aos 72 anos, deu mais uma esticada no pescoço e nas bolsas sob os olhos. “Não pareço repuxada. Meus pés de galinha ainda estão vivos. Quero ser uma avó glamourosa”, disse. A frase espelha o que bons cirurgiões pensam sobre boas cirurgias. “Quase 70% das pacientes reclamam, depois da cirurgia, porque não tirei todas as rugas”, diz o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, Sebastião Guerra. “Dias depois, quando encontram alguém que diz: ‘Você está com alguma diferença, mas não sei o quê’, elas reconhecem que a naturalidade é o melhor resultado.” A tática das interven-



BEM, AOS 75 A atriz Rosamaria Murtinho: dois liftings, uma bioplastia e a ajuda do bom formato natural do rosto

ções equilibradas, sem aquele antigo conceito de puxar o rosto inteiro, também funciona. “Retoco a testa, com preenchimento, mas deixo as rugas em volta dos olhos. Corrijo o bigode chinês, mas não mexo na testa”, explica o plástico carioca Ronaldo Pontes, que fez o primeiro lifting de Regina Duarte.

Colega de Regina em *O Astro*, Rosamaria Murtinho também impressiona pelo semblante conservado — chega a ser espantoso lembrar que ela tem 75 anos. A atriz já fez dois liftings e uma bioplastia — um ainda hoje discutido preenchimento com um gel derivado do petróleo, que fica no rosto para sempre. Rosamaria tem características que ajudam a “segurar” uma plástica, como rosto quadrado e maçãs proeminentes. Na falta deles, os plásticos sugerem um “novo” calendário de intervenções. Aos 40 anos, recomendam um minilifting com pálpebras para o desejado efeito de aparência refrescada. “Aos 50, sugiro um lifting total, porque já há bastante pele sobrando”, diz Ricardo Marujo. Entre oito e doze anos depois, quando a pele já tiver cedido novamente, um terceiro lifting, cortando exatamente no mesmo lugar, para não criar outras cicatrizes. “E, se a mulher estiver em excelentes condições físicas e com a pele do rosto não muito fina, devido às outras cirurgias, ainda dá para fazer outro aos 70 anos”, diz o médico Carlos Fernando de Almeida, responsável pelo rosto elegantemente ajustado da atriz Marieta Severo, 64. “Já operei uma senhora de 82 anos para o casamento de seu bisneto”, conta Guerra. ■

COM REPORTAGEM DE BRUNA STUPPIELLO

Na categoria que definimos como “Outras”, nesse período, foram veiculadas doze reportagens, por exemplo, sob os rótulos de “Guia”, com indicações sobre como agir ao chegar à meia-idade; “Turismo” ou então “Trabalho”, tendo como foco as mudanças geradas pelo envelhecimento da população; “Dieta”, sobre a restrição calórica como forma de viver mais e “Longevidade”, sobre o envelhecimento de mulheres, expostas então como o sexo mais forte (uma vez que, estatisticamente, vivem por mais tempo).

Uma das grandes diferenças da atual geração de quarentões e cinquentões em relação à turma que estava nessa faixa etária há vinte ou trinta anos é a necessidade de se conservar jovem. “É a chamada geração Peter Pan”, diz o gerontologista mexicano Fernando Torres Gil, diretor do Centro de Pesquisas em Envelhecimento da Universidade da Califórnia. (BUCHALLA, 2000, p. 128) (T44 SD85).

Com dinheiro e tempo disponíveis, cheios de vigor, os sessentões já respondem por 20% do total de viagens domésticas. No ano passado, quase 9 milhões de idosos percorreram o país de norte a sul – um aumento de 5% em relação a 1998. [...] São cerca de 15 milhões de pessoas com mais de 60 anos. Em 2025, prevê-se, serão o dobro. “Com saúde mais bem cuidada, a expectativa de vida dos brasileiros deu um salto, e nossos idosos se tornaram mais independentes e desejosos de aproveitar a vida”, diz a geriatra carioca Carla Fromüller. (MARI, 2000, p. 91) (T47 SD91).

Pesquisas de laboratório feitas com animais têm demonstrado benefícios radicais de uma abordagem que os cientistas chamam de restrição calórica. Ratos, macacos e outros animais submetidos a uma dieta com apenas metade das calorias fornecidas por sua alimentação normal, não apenas se livraram das doenças associadas à velhice como conseguem manter a aparência mais jovem. [...] Se os resultados de longevidade obtidos com cobaias puderem ser reproduzidos em seres humanos, a vida poderia ser prolongada para cerca de 150 anos. (VIVER, 2004, p. 59) (T64 SD131).

Enquanto a ciência não consegue estender aos homens as vantagens biológicas femininas capazes de prolongar-lhes o tempo de vida, é bom que eles pensem em adotar um comportamento mais próximo do feminino quanto aos cuidados com a saúde. Não custa lembrar que, na equação de uma existência duradoura e saudável, 75% cabem ao estilo de vida. [...] Alimentar-se de forma equilibrada, não fumar e beber com moderação aumenta a expectativa de vida em onze anos, segundo calcularam médicos da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, depois de avaliarem 20 000 homens e mulheres entre 45 e 79 anos. (MAGALHÃES, 2010, p. 156) (T94 SD212).

Em “Vida moderna, sociedade ou população/demografia” foram publicados seis textos, tendo como ênfase as modificações, positivas e negativas, propiciadas pelo aumento da expectativa de vida e do número de idosos e em “Comportamento”, apesar de grande parte das reportagens veiculadas falarem sobre hábitos e práticas pessoais, apenas dois. As

sequências abaixo – as três primeiras de “Vida moderna, sociedade ou população/demografia” e as duas últimas de “Comportamento”- ilustram os sentidos de alguns desses textos.

O paraíso financeiro na aposentadoria é uma conquista que os idosos brasileiros estão longe de alcançar. Em geral, com a idade avançada vem a perda do poder aquisitivo. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostram que a renda das pessoas com idade entre 65 e 70 anos é 30% inferior à da população dez anos mais jovem. (CARELLI, 2001, p. 91) (T54 SD104).

Longe dos bailes voltados para a terceira idade e com múltiplas ocupações, além de se dedicarem aos netos, os brasileiros que cruzam a fronteira dos 60 anos têm chamado a atenção dos demógrafos por uma razão inesperada: nessa faixa etária, o número de casamentos sobe em ritmo recorde. (LIMA, 2010, p. 112) (T91 SD209).

A possibilidade de anos de convívio entre avós e netos serve para aproximar as gerações – mas a relação de camaradagem não seria possível sem as mudanças culturais que moldaram a parcela da população que está chegando à terceira idade. “Hoje é mais fácil encontrar uma vovó tatuada do que uma fazendo crochê”, diz a antropóloga Mirian Goldenberg, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (CARELLI; MELO, 2011, p. 146) (T95SD213).

Quem se cuida vai empurrando a velhice com a bem malhada barriga, como atesta o analista financeiro Juarez Aguilar, 47 anos. Ele passa três horas por dia numa academia de ginástica em São Paulo. “Chego em casa muito mais disposto para namorar”, afirma ele, que cortou frituras e gasta 200 reais por mês em suplementos vitamínicos com apoio da mulher, Salete. (VEIGA, 2000, p. 124) (T48 SD94).

Não faz tanto tempo, ao chegar à meia-idade a maioria das pessoas começava a orientar sua vida pela perspectiva de aposentadoria. Já não é assim. Segundo dados do IBGE, a proporção de alunos com idade acima de 40 anos nas universidades brasileiras dobrou entre 1991 e 2000. Entre aqueles com mais de 50, a porcentagem triplicou. A presença de gente madura nas salas de aula reflete uma dupla transformação em curso no Brasil. A primeira diz respeito ao mercado de trabalho [...] A outra é o aumento da expectativa de vida dos brasileiros – não apenas se vive mais, mas também com boa saúde. (BARELLA, 2006, p. 68) (T74 SD153).

4.3 Os dizeres constantemente retomados

Apesar das polêmicas que marcam as discussões acerca da noção de Formação Discursiva, e mesmo de sua origem (BARONAS, 2004), em especial nas pesquisas desenvolvidas no Brasil, a partir da matriz francesa de Análise de Discurso, metodologicamente, a sua operacionalização é constante.

É através da noção de Formação Discursiva que, com base na materialidade textual do discurso, o processo de produção dos sentidos pode ser percebido, estabelecendo-se

relações com a ideologia e com a constituição dos significados. Pode-se, então, lembrar daquilo que ensina Orlandi (2009, p. 43), em texto que fala sobre os princípios e os procedimentos da Análise de Discurso.

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja.

A partir dessa perspectiva, e tendo em vista os cento e seis textos coletados e analisados e as duzentas e vinte e seis sequências discursivas dali selecionadas, algumas das quais já expostas e discutidas até então, foi possível constatar dois grandes núcleos de sentido, duas grandes categorias dentro das quais, mesmo em diferentes momentos e de diferentes modos, sentidos comuns eram reiterados por *Veja*. A tabela a seguir expõe, portanto, as Formações Discursivas percebidas, o número de sequências que cada uma agrega e a sua ocorrência.

Tabela 2 – Formação Discursiva, número de sequências englobadas e ocorrência

Formação Discursiva (FD)	Número de sequências discursivas	Ocorrência percentual
Formação Discursiva 01 Velhice como questão privada	168	74,33%
Formação Discursiva 02 Velhice como questão pública	58	25,66%

Fonte: Elaborada pelo autor

A Formação Discursiva que se mostrou dominante, uma vez que agregou mais de setenta por cento das sequências coletadas em todo o período de análise, permitiu que uma velhice muito específica fosse constituída e consolidada nas páginas de *Veja*. Não se trata da velhice do número crescente de idosos, tampouco da velhice pauperizada a qual estão submetidos muito velhos brasileiros, mas da velhice que é de uma esfera privada, de um processo de envelhecimento que está nas mãos dos sujeitos que o vivenciam diariamente e que, portanto, possuem meios de torná-lo menos agressivo ou até mesmo impedi-lo.

Vale salientar, entretanto, que apesar da predominância quantitativa das sequências discursivas que se inscrevem na primeira Formação Discursiva destacada, ao retomarmos as

divisões por décadas, expostas na Tabela 01 (pág. 91), constata-se que essa presença majoritária nem sempre se deu em todos os períodos. No primeiro momento analisado (1968-1979), é importante mencionar, que das vinte sequências discursivas coletadas, a partir de um total de dez textos, catorze delas expuseram uma velhice pública e, portanto, foram inseridas na segunda Formação Discursiva encontrada. Mais do que uma mera questão estatística, parece-nos, tal fator demonstra que, em dado contexto, *Veja* movimentou outros sentidos sobre a temática, permitindo que outros significados acerca da velhice fossem constituídos em suas páginas.

Essa predominância da segunda FD em relação à primeira, entretanto, não foi mais observada. Na década seguinte, por exemplo, das doze sequências coletadas, onze delas foram enquadradas na FD01, constituindo, portanto, a velhice como algo eminentemente pessoal. Quatro sequências abaixo, sendo uma de cada década analisada, mostram como, apesar do passar dos anos e das mudanças de ordem editorial pelas quais passou a revista, um interdiscurso pode ser percebido, um mesmo dizer é reiterado, expondo, invariavelmente, a velhice como uma questão concernente, principalmente, ao indivíduo que envelhece.

O KH-3, uma espécie de fonte da juventude que cientistas alemães descobriram em seus laboratórios e conseguiram comprimir numa pequena cápsula, está entrando no Brasil pela porta do contrabando. No Rio o seu consumo entre as pessoas de idade já começa a se transformar em moda: por 250 cruzeiros novos consegue-se uma caixa de 150 cápsulas – e alguma esperança. (JUVENTUDE..., 1969, p. 47). (T01 SD01).

De um modo geral, toda essa parafernália de técnicas, métodos e substâncias, que se propõem a realizar a esperança do ser humano de ficar mais belo e manter-se jovem, segue em três sentidos básicos: consertar o que está errado; curar o que está doente – e por isso se torna feio -; e conservar o que está bem, para que não estrague. (A MEDICINA, 1981, p. 60) (T13 SD23)

Para quem não se preveniu a tempo e já exhibe os sinais da passagem dos anos, a cosmeatria e a cirurgia plástica desdobram-se em criatividade, novas ideias e técnicas mais apuradas. Em matéria de bisturi, a ideia geral também é fazer intervenções mais precoces, quase preventivas, e menos traumáticas. (VIVER..., 1993, p. 91) (T25 SD50).

Mais significativo do que aumentar o ciclo vital é o fato de que o bem-estar e a própria aparência da juventude podem ser prolongados por muito mais tempo. A medicina, os estudiosos do metabolismo e os pesquisadores da nutrição e da fisiologia têm atualmente recursos para atrasar o relógio biológico humano. Um homem de 70 anos pode ter hoje o desempenho intelectual, físico e sexual semelhante ao que teve aos 40 anos. Uma mulher de 50 pode ter a pele lisa e suave que desfrutava aos 30 anos. (NEIVA, 2006, p. 93) (T75 SD154).

De maneira geral, observa-se que a tônica do discurso que é hegemônico em *Veja*, que aparece desde os anos sessenta, quando a publicação ainda instaurava-se no cenário editorial brasileiro, mas que, de fato, ganha fôlego com o passar das décadas, vai ao encontro do conceito de reprivatização da velhice, proposto por Debert (1999).

A ideia de reprivatização faz referência ao fato da velhice, inicialmente percebida como uma problemática relativa à esfera pessoal e familiar, passar a ser tomada, via intervenções de ordem governamental e também científica, como algo de interesse coletivo e público para, contemporaneamente, diluir-se em um estado do qual apenas o sujeito poderia escapar. Esse processo, importante para a consolidação das sociedades modernas do século XIX, teria sido também essencial para a concepção da velhice como uma etapa específica do desenvolvimento humano, para a delimitação dos idosos como um grupo de características homogêneas e, ainda, para a definição de uma série de políticas públicas e de direitos aos quais esse grupo etário tem acesso atualmente.

Assistimos, por um lado, a uma socialização progressiva da gestão da velhice; durante muito tempo considerada como própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transforma em uma questão pública. Um conjunto de orientações e de intervenções, muitas vezes contraditório, é definido e implementado pelo aparelho de Estado e outras organizações privadas. Um campo de saber específico – a gerontologia – é criado com profissionais e instituições encarregados da formação de especialistas no envelhecimento. Como consequência, tentativas de homogeneização das representações da velhice são acionadas e uma nova categoria cultural é produzida: os idosos, como um conjunto autônomo e coerente que impõe outro recorte à geografia social, autorizando a colocação em prática de modos específicos de gestão. [...] Por outro lado, nesse movimento de socialização não está ausente o que venho chamando de processo de reprivatização, que transforma a velhice numa responsabilidade individual – e, nesses termos, ela poderia então desaparecer de nosso leque de preocupações sociais. (DEBERT, 1999, p. 13,14).

Dessa maneira, de um envelhecimento cuja “administração” caberia ao próprio sujeito envelhecido e aos seus, passando por uma velhice da qual o Estado, cada vez mais responsável pelo bem-estar dos cidadãos, deveria cuidar, chega-se a um estágio de vida que, mediante procedimentos e práticas “adequados”, poderia facilmente ter suas agruras transpostas por cada indivíduo.

Agruras essas que ultrapassam questões específicas as quais, durante muito tempo, foram compreendidas como inerentes ao processo de senescência. Para além da lentidão dos movimentos e dos lapsos ocasionais de memória, outrora aceitos, a velhice de maneira geral passa a ser vista como um período de perdas e, mais do que isso, mesmo como uma doença a

qual, a modelo câncer, por exemplo, os cientistas e, claro, os *media* não cessam de buscar uma cura.

Ser velho não significa apenas ser idoso, mas apresentar uma série de características negativas. A velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice evidenciados na literatura analisada ligam-se a valores e conceitos depreciativos: a feiúra, a doença, a desesperança, a solidão, o fim da vida, a morte, a tristeza, a inatividade, a pobreza, a falta de consciência de si e do mundo. (LINS DE BARROS, 2007, p. 139).

É em face desse contexto que a juventude, antes relativa a determinado estágio do desenvolvimento biológico, deixa de se configurar como um aspecto concernente à ordem cronológica e passa a se constituir em um valor pelo qual os sujeitos, em qualquer etapa da vida, devem, arduamente, tentar obter. Conforme lembra Lipovetsky (2005, p. 43), ao falar sobre o sistema personalizado próprio da sociedade pós-moderna, resta ao indivíduo a responsabilidade de “durar o máximo possível e divertir-se, aumentar a confiabilidade do corpo, ganhar tempo e ganhar a ‘corrida’ contra o tempo”. Ser jovem, em um contexto no qual isso é possível aos vinte, trinta, quarenta, cinquenta ou sessenta anos, converte-se em um imperativo.

É Edgar Morin (1997) que, ao falar sobre a cultura de massa do século vinte, define a juventude como uma de suas marcas. Como destaca, a sociedade, de modo geral, teria passado por um movimento de degerontocratização e por um conseqüente processo de rejuvenescimento de quadros tão variados como os políticos, os artísticos e os sociais. Dos velhos sábios e respeitados das antigas comunidades, cuja experiência representava grande importância, ter-se-ia chegado a um contexto de valorização extrema do novo e do inédito, a uma “pedocratização”.

Se 1789 marca o nascer do sol da juvenilidade política, desde 1777 *Les Souffrances du Jeune Werther* anunciam o nascer do sol da juventude cultural. O duplo impulso, político e cultural, se efetua desde então, ora conjuntamente, ora alternadamente. O romantismo é um imenso movimento de fervor e de desencantamento juvenis, que se segue ao desmoronamento do velho mundo e anuncia as aspirações do novo homem. O jovem Hegel, o jovem Marx, por seu lado, operam a revolução mental do homem que dá adesão ao vir- a - ser do mundo. Deus pai agoniza. Na França, depois do efêmero restabelecimento “petainico” dos valores senis, deu-se em 1944 a irrupção dos Chaban-Delmas, Kriegel-Valrimont, Mitterrand, Joinville, Hervé na cúpula política. Após relativa regerontocratização da política, é na cultura de massa que, a partir de 1950, se manifesta o movimento da *nouvelle vague*. Na literatura com Françoise Sagan e Françoise Mallet-Jories, na canção com Elvis Presley, Paul Anka, Brande Lee, na costura com Yves Saint-Laurent, e sobretudo no cinema, com Vadim, Malle, Truffaut,

Chabrol, Godard, opera-se uma promoção da *juvenildade*. (MORIN, 1997, p. 148-149) (grifos do autor).

A busca da juventude reveste-se em premissa. Tanto da juventude que diz respeito aos valores culturais de cada época, associados à inovação, à modernidade e à evolução, bem como da juventude física e estética, da juventude que, materializada na aparência, nos rostos e nos corpos, de modo geral, não cederia lugar ao envelhecimento e à decadência do organismo.

Novamente indo ao encontro de Morin (1997), pode-se falar que essa aparente democratização do rejuvenescimento se dá no sentido de se alcançar os “olimpianos” da contemporaneidade. Não mais deuses inacessíveis, mas as vedetes da grande imprensa. Os astros e as estrelas, jovens em qualquer idade, que expõem suas formas perfeitas nas telenovelas, nos palcos dos espetáculos, nas capas das revistas. Dietas, cirurgias, treinos físicos, hábitos de consumo, enfim, amplos receituários são ofertados a uma massa de sujeitos que almejam, antes de tudo, serem integrados. A própria revista *Veja*, em matéria que discute as fontes da juventude contemporânea (então anos noventa), apesar de ser uma ativa promotora desses valores, faz uma crítica que vai ao encontro das proposições aqui expostas.

Há ainda, para piorar as coisas, um lucrativo culto da juventude, que vende refrigerantes, jeans, óculos de sol, discos, cigarros e até automóveis – aos próprios jovens e também àqueles que querem permanecer nesse clube da beleza, da alegria e do vigor físico. (FONTE, 1990, p. 56) (T18 SD34).

É nesse mesmo sentido que Costa (2005) afirma que os indivíduos não só são levados a ver o mundo com as lentes do espetáculo, como também são convidados a dele fazerem parte. Como o acesso a esse universo é restrito, e nem sempre a riqueza, o poder político e o talento artístico das celebridades pode ser alcançado, “resta, então, se contentar em imitar o que eles têm de acessível a qualquer um, a *aparência corporal*. Daí nasce a obsessão pelo *corpo-espetacular*” (COSTA, 2005, p. 230). O corpo-espetacular, embora não só, se transforma em desejo cotidianamente acalentado.

Sua máxima [da cultura de massa] é ‘sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens’. Historicamente, ela acelera o vir- a- ser, ele mesmo acelerado, de uma civilização. Sociologicamente, ele contribui para o rejuvenescimento de uma sociedade. Antropologicamente, ela verifica a lei do retardamento contínuo do Bolk, prolongando a infância e juventude junto ao adulto. Metafisicamente, ela é um protesto ilimitado contra o mal irremediável da velhice. (MORIN, 1997, p. 157).

Mal irremediável? Talvez não. Ao menos tendo em vista o discurso materializado em *Veja* e ancorado na voz de especialistas das mais diversas áreas do desenvolvimento humano, tais como médicos, biólogos, sociólogos e esteticistas, e que é constantemente retomado.

Debert (1999, p. 16), ao mencionar os gerontólogos, as pessoas de mais idade e a mídia, define-os como sendo os atores empenhados em promover um envelhecimento bem-sucedido, bem como os agentes privilegiados na reprivatização da velhice. “A interlocução intensa entre esses três atores articula significações específicas num contexto em que o espaço social, o tempo e o curso de vida, o corpo e a saúde ganham novas configurações”.

O corpo, então, passa a ser concebido como plástico (DEBERT, 1999) e como forma de apresentação do eu verdadeiro, como modo de expressão de uma subjetividade que precisa ser exposta. Maleável, pois, torna-se passível de ter a sua perfeição alcançada, desde que submetido aos métodos e às rotinas adequadas.

Quase todos, desconhecendo, desrespeitando ou violentando as suas particularidades físicas, travam uma guerra encarniçada contra o próprio corpo para torná-lo signo imaginário de um modo de vida ao qual jamais terão acesso. O ciclo mimético se reproduz pela própria inércia e progride aos solavancos, estacando e acelerando, em função do ritmo da moda e da mídia, em matéria de ‘novidade corporal’. O ritual de iniciação ao corpo ideal se torna, assim, uma tarefa de Sísifo da qual muito poucos são poupados. De modo geral, ou ‘se é um corpo-espetacular’ ou ‘se é um João ou Maria Ninguém’. Por esse motivo, crianças, adolescentes e adultos circulam atordoados em torno das academias de ginástica, salões de estética ou consultórios médico-psiquiátricos, em busca de uma perfeição física eternamente adiada. (COSTA, 2005, p. 230-231).

Sant’Anna (2001) aponta em relação a essas questões que as liberdades, outrora tão desejadas ao corpo, implicariam agora em uma série de novas responsabilidades a serem assumidas pelos indivíduos. Ao passo que descobertas médicas e estéticas pululam na mídia em geral, e preenchem muitas páginas de *Veja*, em específico, surgem novas formas de controle e de coação que se dirigem aos corpos, que se inscrevem nos sujeitos. Um “adestramento social”, nos termos de Gilles Lipovetsky (2005) que, em um contexto assinalado por um narcisismo exacerbado, conquistaria adeptos não mais pela força, mas pela sedução. Sua efetividade, entretanto, permanece.

As novas práticas bio-ascéticas dos regimes alimentares, das cirurgias plásticas e dos exercícios físicos se expandem velozmente na procura do fitness – isto é, da árdua adequação dos corpos humanos a um ideal exalado pelas imagens midiáticas cada vez mais onipresentes e tirânicas, impondo por toda parte um modelo corporal hegemônico, e disseminando uma rejeição feroz diante de qualquer alternativa que se atreva a questioná-lo. Constantemente, os indivíduos são interpelados por esses discursos midiáticos e por esse aluvião de imagens que ensinam as formas e as leis do ‘corpo bom’, e ao mesmo tempo são informados sobre todos os riscos inerentes aos “estilos de vida” que podem afastá-los perigosamente desse ideal. O mero fato de viver – isto é, o acaso de ser um corpo vivo, orgânico e material – já é uma enorme desvantagem nessa missão, pois quase tudo

conduz à fatal deterioração física. Comer, por exemplo, mesmo que seja apenas ‘alimentos leves e saudáveis’; ou simplesmente estar no mundo enquanto o tempo transcorre e vai deixando suas abomináveis seqüelas na carne – tudo conduz, inexoravelmente, à degeneração. (SIBILIA, 2006, p. 69).

A delimitação de ideais estéticos e a imposição de padrões de beleza inalcançáveis para muitos, ao apontar quais corpos pesam e quais corpos são irrelevantes (BUTLER, 2000), implica, pois, na condenação daqueles sujeitos que, não aderindo às normas, são acusados de serem negligentes em relação à aparência física e ao capital simbólico que a ela se atrela.

Em face desse contexto, legitima-se socialmente e mesmo institucionaliza-se, via legislação, a soberania do indivíduo sobre sua aparência corporal e sobre a sua saúde. Conforme recorda Sibilía (2006) a proposta do governo australiano de definir um imposto específico para os obesos mórbidos (aqueles indivíduos com cinquenta quilos acima de seu peso ideal) é emblemática.² Ora, uma vez que, de acordo com esse discurso, apenas é gordo quem assim o quer, não há mesmo razões para que o Estado arque com maiores gastos na saúde para com aqueles que não se alimentam corretamente ou não se exercitam como deveriam.

No que tange a velhice, a conversão de uma questão geral e que afetaria a todos em algo eminentemente privado, pode gerar situações de contornos semelhantes. Modificações referentes às idades necessárias para que os sujeitos possam se aposentar, em uma esfera pública, seria um exemplo. Se os idosos podem hoje viver mais e melhor, e se simples hábitos cotidianos podem lhes conferir mais saúde e energia, eles naturalmente devem continuar na parcela economicamente ativa da população. *Veja*, na esteira desse amplo movimento, ensina mais de uma vez que nunca é tarde demais de voltar ao mercado de trabalho, que ainda é cedo para “pendurar as chuteiras”.

Ser belo e ser jovem (então sinônimos) constituem-se em uma obrigação social, em uma obsessão que visa, em última instância, ao sentimento de pertença e de aceitação. Ansiedade crônica, angústia interminável e mal-estar pós-moderno (BAUMAN, 1998) que propicia, conforme define Le Breton (2005), o desenvolvimento de uma “síndrome de Frankenstein”. Com o corpo aberto às possibilidades do mercado, que vão das pequenas intervenções aos grandes procedimentos cirúrgicos, tal qual o Prometeu Moderno de Mary Shelley, os sujeitos podem ser reconstruídos, refeitos e saírem tal qual desejarem da mesa de operações. Eternamente jovens, enfim, formando exércitos de Prometeus pós-modernos ou

² <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT794005-1664,00.html>. Acesso em 23/02/ 2013.

então, como define *Veja*, em uma de suas reportagens, um coro de mulheres “alegremente botocadas” (PINHEIRO, 2001, p. 95) (T51SD100).

Puxa, repuxa, queima, corta, estica – na batalha sem tréguas contra o espelho, surgem cada dia promessas de deter ou até reverter o processo de envelhecimento a que estamos condenados. (ATAQUE..., 1996, p. 90). (T30. SD63).

Guacira Lopes Louro (2004), em obra na qual discute os corpos que seriam estranhos e a teoria *queer*, bem lembra que o fato de os indivíduos serem classificados e ordenados pela aparência de seus corpos, tendo em vista o enquadramento (ou o não enquadramento) aos valores e às normas culturais em vigor, não é uma característica restrita à contemporaneidade. Corpos masculinos e femininos, magros e gordos, jovens e envelhecidos, enfim, são diferenciados e coletivamente hierarquizados de modos distintos desde muito tempo.

A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença de vagina ou pênis; o tamanho das mãos; a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) marcas de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade. Podem valer mais ou valer menos. Podem ser decisivos para dizer de um lugar social de um sujeito, ou podem ser irrelevantes, sem qualquer validade para o sistema classificatório de certo grupo cultural. Características dos corpos significados como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder. (LOURO, 2004, p.75-76).

A respeito do poder que se inscreve sobre os corpos dos sujeitos, as contribuições de Michel Foucault (1988) são de grande relevância e inserem-se na discussão aqui proposta. Conforme ensina, o poder de decidir sobre a vida e sobre a morte de outrem derivaria da *patria potestas* a qual conferia ao pai de família romano a gerência da vida de seus filhos e de seus escravos. A partir daí, chegando às relações estabelecidas entre soberanos e súditos, tal direito deixaria de ser absoluto, requerendo justificativas e podendo ser exercido legitimamente em situações específicas, como guerras e punições. Na esteira da história, mais contemporaneamente, mais do que um poder sobre a morte, haveria a predominância de um poder positivo sobre a vida, um bio-poder.

Concretamente, esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais; que não são antitéticas e constituem, ao contrário, dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações. Um dos pólos, o primeiro ao ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: *anátomo-política do corpo humano*. O

segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XIII, centrou-se no corpo - espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores: uma bio-política da população*. As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo. (FOUCAULT, 1988, P. 151-152).

Bio-poder extremamente importante para o desenvolvimento de um regime capitalista, que, ao dirigir-se ao corpo dos sujeitos, objetivava ampliar a sua utilidade ao passo que promovia a sua docilidade. Inscrevendo-se no terreno da corporeidade, ensina ao homem ocidental o que é ser um ser vivo, o que é ter um corpo e como otimizar suas probabilidades referentes à saúde e à longevidade. Pela primeira vez, menciona Foucault (1988, p. 155), trata-se do biológico refletindo-se no político. À bio-política, então, caberia fazer com que a vida e os seus mecanismos entrassem no “domínio dos cálculos explícitos”.

Conforme destaca Sibilia (2006, p. 70), “os imperativos da prevenção e do *fitness*”, ao se converterem em obrigações sociais, generalizam “a obsessão pela saúde, pela juventude e pela beleza”, constituindo-se, pois, nos novos vetores do bio-poder foucaultiano. Milanez (2004, p. 197), em texto no qual discute a disciplinaridade dos corpos a partir da análise de uma reportagem impressa, afirma que a publicação ali estudada “suscita a constituição de corpos modelares e de objetos desejáveis, uma verdadeira *máquina imperial*, sobre a qual pensamos a maneira e as forças que produzem tanto a realidade social quanto as suas subjetividades”.

Poder que se dirige aos corpos, que se constitui no discurso e que se materializa, conforme se tem discutido, nas páginas da principal revista de informação brasileira. Em um contexto no qual os imperativos da saúde, da juventude e da beleza atuam no sentido de promover a necessidade da posse de um “corpo-espetacular” (COSTA, 2005), os indivíduos tateiam perdidos em meio a tantas referências, buscando ideais que parecem possíveis, mas que, a exemplo de uma miragem, parecem tornar-se mais distantes mediante a aproximação. Busca-se uma pureza que, conforme destaca Sibilia (2006, p. 74-75), atenua o pavor da carne.

A acusação de impureza aplicada ao corpo humano não é uma novidade histórica. No entanto, apesar das evidentes semelhanças, a poluição atual não é idêntica à que vigorou em outros períodos da civilização ocidental. Em um

mundo secularizado e completamente atravessado pela lógica do mercado e pelos dispositivos tecnocientíficos, é inconcebível qualquer sacrifício em nome de valores transcendentais. Ao contrário, o novo ascetismo mantém uma relação complexa e aparentemente contraditória com o mercado e com as práticas hedonistas ligadas ao consumo, dando à luz a uma série de rebentos característicos da era atual: da prolífica bibliografia de auto-ajuda a toda a farmacopéia antioxidante, envolvendo uma miríade de produtos e serviços que cobrem dos suplementos vitamínicos às cirurgias plásticas, das academias de ioga aos spas e aos personal trainers. O novo receituário da expurgação compreende, assim, das dietas à musculação, toda uma série de práticas acéticas de novo cunho, que exigem dos sujeitos uma disciplina férrea e uma intensa série de sacrifícios – além de tempo e dinheiro, dois fatores primordiais na presente formação histórica. Tudo isso na procura de uma certa pureza.

Na procura pela pureza referida por Sibilis (2006), ou mesmo da forma perfeita, do corpo desejado, da juventude sonhada, os homens e as mulheres pós-modernos requerem, conforme ressalta Bauman (1998, p.221), alquimistas que possam lhes fornecer garantias, transformando “a incerteza da base em preciosa autosssegurança”. Esse período líquido, repleto de incertezas, poderia ser definido, ainda, para o sociólogo polonês, como a era dos especialistas em identificar os problemas e restaurar as personalidades.

Trata-se, enfim, da era do “surto de aconselhamento” (BAUMAN, 1998, p. 221) na qual os indivíduos não mais precisariam de “pregadores para lhes dizer da fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos” (BAUMAN, 1998, p. 222), mas clamam, avidamente, por reafirmações daquilo que podem fazer e, principalmente, do modo como fazê-lo.

A mídia, pois, constitui-se em *locus* apropriado para sanar as dificuldades de adaptação e de integração ao mundo pós-moderno. Ancorados em especialistas, os meios de comunicação assumem para si a responsabilidade de deliberar sobre os modos como a vidas devem ser vividas, sobre os modos por meio dos quais os sujeitos devem portar-se.

De consultores de moda até médicos oncologistas, os peritos em múltiplos domínios da vida humana se proliferam nos meios de comunicação e estabelecem diretrizes ‘confiáveis’ para ajudar os sujeitos a se vestir, comer, educar os filhos, decorar a casa, cuidar da saúde, da beleza, da autoestima, da carreira, fazer amigos, economizar dinheiro, emagrecer, engordar e mais uma série de questões subjetivas: como se tornar mais assertivo, confiante, positivo, popular, ‘proativo’, ou menos ansioso, estressado, tímido, dependente, pessimista. (CASTELLANO, 2012, p. 01).

Indo ao encontro dessas mesmas perspectivas, mas em outra obra, Bauman (2008) argumenta que, tendo em vista tais questões, e em inseridos em uma sociedade não mais de produtores, mas sim de consumidores, os próprios indivíduos convertem-se em mercadoria,

em bens materiais e simbólicos que requerem determinadas características para serem integrados ao mercado. Tornar-se, e continuar sendo, uma mercadoria vendável, portanto, transforma-se em necessidade, para que em meio a uma massa de seres-objetos indecifráveis, esse sujeito possa distinguir-se.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. (BAUMAN, 2008, p. 20).

Tendo em vista tais referências e as sequências inseridas na primeira Formação Discursiva, a qual se mostrou hegemônica e corroborou para a delimitação de uma velhice reprivatizada (DEBERT, 1999), pode-se observar, discursivamente, relações assimétricas de poder delimitando espaços possíveis aos corpos jovens e, portanto, são, bem como aos envelhecidos e, por conseguinte, doentes.

A juventude, então, não mais se referiu a uma especificidade de determinada faixa etária. Materializada em textos sobre procedimentos estéticos, pesquisas sobre dieta e longevidade e em imagens de famosos que serviriam de exemplo aos leitores comuns, ela se configura como meta possível, desde que tomadas as devidas precauções.

Ser velho, de modo geral, e em específico nessas reportagens que aqui se inserem, passou a ser exposto como resultado do desleixo e da inépcia de cada um. Uma vez que existem pessoas, pessoas essas apresentadas por *Veja*, que vivem mais, que prolongam indefinidamente a sua juventude, que vivem seus melhores momentos depois da barreira dos cinquenta, não estar “conservado” ou “inteiro” só pode ser uma culpa individual.

Rugas, flacidez, cabelos grisalhos e lentidão que se convertem, ainda mais fortemente, em traços estigmatizantes, subprodutos de uma identidade deteriorada (GOFFMAN, 2008). Em uma era pós-moderna, narcisista e hedonista, ser belo e ser jovem configuram-se em palavras de ordem, em máximas de uma cultura na qual não há espaço para quem não for saudável. Em reportagens, conforme vem sendo mostrado aqui, o bio-poder dirige-se aos corpos, informa, ensina e amedronta os leitores por meio de manchetes que destacam os dez alimentos que não podem estar ausentes na dieta da vida longa ou as trinta dicas para viver mais e melhor.

Convertidos em mercadoria, esses sujeitos consumidores sentem-se perdidos em meio ao caos pós-moderno e buscam as respostas mais fáceis e simples para as suas questões. Se ser jovem é uma prerrogativa para fazer parte do mercado, enfim, e se os *media* não cessam de fornecer manuais específicos para sê-lo, cabe ao sujeito ler, incorporar e seguir as

diretrizes que lhe permitirão ser como aqueles que estampam as reportagens sobre longevidade, saúde, bem-estar e, mais propriamente falando, não-velhice.

Para além desse núcleo de sentidos, contudo, uma segunda Formação Discursiva também foi percebida. Com um total de cinquenta e oito sequências, e uma representatividade da ordem de 25,66% , essa FD construiu espaços para uma velhice pública, de características coletivas e sociais.

Aspectos sobre a velhice que ultrapassam a esfera privada, concernentes, por exemplo, ao governo, foram aqui englobados. Questões como aposentadoria, legislação específica, aumento demográfico do número de idosos e sobrecarga da previdência tiveram vez, opondo-se à perspectiva que toma a velhice meramente como relativa ao sujeito. A terceira idade, tomada como fase positiva, gerando impacto social, também foi o foco em alguns textos. As sequências abaixo ilustram tais pontos.

Do completo desconhecimento das aspirações que pudessem motivar esse contingente de 5 milhões de pessoas, vive-se agora o período das primeiras certezas. Já se sabe, por exemplo, que, embora arredio aos contatos iniciais com outros parceiros da mesma faixa etária, o idoso acaba por integrar-se completamente a grupos, clubes, equipes, que simplesmente realizem bailes, ou se dediquem à fabricação de artesanato, ou até se reúnam para lembrar os tempos da mocidade. [...] A descoberta das possibilidades do que os gerontólogos chamam de ‘terceira idade’ tem sido, na verdade, o grande denominador comum a todos os movimentos pró-idosos. (VIVENDO, 1976, p. 94) (T08 SD16).

‘Se o estado desse uma aposentadoria decente e fornecesse assistência às famílias dos idosos, os velhos brasileiros estariam em melhores condições’ a gerontóloga e psicanalista paulista Elvira Abreu e Melo Wagner. (DIREITO, 1993, p. 70-71) (T24 SD46).

A criação da previdência baseou-se em dois pressupostos. Primeiro, que haveria emprego para todo cidadão trabalhar pelo menos até os 60 anos. Segundo que as novas gerações colocariam contingentes cada vez maiores de jovens no mercado de trabalho, capazes de garantir a aposentadoria dos mais velhos. Essas regras não têm sintoma com a economia dos países adiantados hoje, quando o desemprego se encontra num patamar inédito desde o Pós-Guerra, a expectativa de vida aumenta e a taxa de natalidade diminui. (APOSENTADORIA, 1995, p. 35) (T27 SD56).

Em 2050 haverá apenas três pessoas em idade potencialmente produtiva para cada uma com 65 anos ou mais. É uma proporção que torna impossível financiar o sistema. E o mais preocupante é que o Brasil tem andado na contramão, insistindo num modelo de cobertura muito amplo, em vez de restringir o acesso aos benefícios. (VENTUROLLO, 2004, p. 108) (T67 SD139).

Essa segunda Formação Discursiva que, de fato, é minoritária, entretanto, movimenta sentidos e constitui significados que vão de encontro àqueles presentes na FD01. Se, por um

lado, *Veja* corrobora, hegemonicamente, para a construção de uma velhice cuja característica central é ser relativa às posturas pessoais e aos hábitos que competem a cada sujeito, por outro, tal discurso não é proferido em uníssono. As mais de cinquenta sequências que compõem a FD02 mostram que há brechas para outros dizeres, que existe espaço para outras discussões. Para além das plásticas rejuvenescedoras, das atividades aeróbicas adequadas para cada etapa da vida e da dieta que pararia o relógio biológico, aí se discutem, em geral, os aspectos políticos, econômicos e sociais da velhice.

O crescimento do número de idosos, em escala global e também no Brasil, em específico, configura-se como umas das causas para o desenvolvimento desse outro discurso, que exige que outra velhice passe a ser pautada. De maneira geral, grande parte das reportagens que aí se inserem, conforme já mencionado mediante exposição de alguns exemplos de sequências, mostravam a surpresa perante a inversão das pirâmides demográficas e o receio frente a um aumento tão grande da parcela economicamente inativa da população.

De um ponto de vista jurídico, a velhice constituída pela segunda Formação Discursiva percebida também ganha forma a partir da discussão das políticas públicas e do desenvolvimento de uma legislação específica voltada aos idosos. Historicamente, *Veja*, criada em 1968, acompanhou o desenvolvimento de leis, de estatutos e de instituições que beneficiassem esse grupo etário. Apesar disso, é importante mencionar, a questão foi explorada muito pouco.

Conforme discute Rodrigues (2006), de maneira geral, até 1975, quando o então presidente Ernesto Geisel instituiu a Renda Mensal Vitalícia, que se referia ao pagamento de 50% do salário mínimo às pessoas de setenta anos ou mais que não recebessem qualquer tipo de pensão ou não tivessem outra forma de renda, não havia política em âmbito nacional que abordasse a questão.

No ano seguinte, 1976, o Programa de Assistência do Idoso (PAI) foi criado dentro do Instituto Nacional de Previdência Social e, com maior fôlego nas décadas posteriores, o desenvolvimento de organizações não-governamentais e de associações e grupos de idosos passaram a conferir uma visibilidade crescente à temática do envelhecimento.

A aprovação da Constituição Federal de 1988, por sua vez, contemplando os idosos em seis de seus artigos, e discutindo aspectos tais como o dever dos filhos ampararem os pais no contexto da velhice ou o compromisso da família, da sociedade e do Estado de defender o

bem-estar e a dignidade das pessoas idosas, consolida legalmente a perspectiva de que a temática era de interesse coletivo e social.³

Em 1993 é sancionada, pelo então presidente Itamar Franco, a Lei de número 8.742 (Lei Orgânica de Assistência Social) definindo a assistência social como sendo um direito do cidadão e um dever do Estado, prevendo a garantia das necessidades básicas de modo geral e, mais especificamente, a proteção à velhice⁴. Mas é no ano seguinte, 1994, que por meio da Lei de número 8.842, que aborda a Política Nacional do Idoso (PNI), voltada aos cidadãos com mais sessenta anos, que uma lei específica passa a ter como objetivo contribuir para a garantia da autonomia, da integração e da participação efetiva na sociedade dessa parcela da população.⁵

É finalmente, quase dez anos depois, em outubro de 2003, que a Lei 10.741 passa a dispor sobre o Estatuto do Idoso, reforçando seus direitos fundamentais, apontando as obrigações da família, da comunidade e do Poder Público e discutindo, por exemplo, os tipos de delito e as penas correlatas aos crimes praticados contra os cidadãos sexagenários.⁶

Ao longo desse período, contudo, e em meio a esses contextos importantes no que tange a discussão da velhice a partir de um ponto de vista público e legal, essas questões receberam pouco destaque nas páginas de *Veja*. Alguns exemplos de sequências que abordam tais pontos estão expostos a seguir.

Antes de mais nada, concluíram os participantes [seminários de gerontologia], é preciso lutar para que a renda mensal vitalícia de meio salário mínimo [...] passe a vigorar a partir dos 60 anos. Torna-se urgente, ainda, a construção de hospitais especializados em geriatria. Há que mudar as normas vigentes em muitas casas de repouso. (VIVENDO, 1976, p. 96) (T08 SD17).

No ultimo dia 20 o presidente Itamar Franco sancionou uma lei que assegura aos idosos o direito de receber amparo e alimentação de seus filhos até o final de suas vidas. A lei é uma amostra do projeto de criação do Estatuto do Idoso, que está sendo elaborado no senado, à semelhança do Estatuto da Criança e do Adolescente. [...] A intenção é boa, o que se discute é de que forma ela servirá para assegurar uma vida digna a mais de 11 milhões de brasileiros acima de 60 anos. (DIREITO, 1993, p. 70) (T24 SD45).

³ A Constituição Federal de 1988, completa e atualizada, cujo capítulo VII, em específico, aborda a família, a criança, o adolescente, o jovem e o idoso (esse último, mais propriamente, nos artigos 229 e 230) está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 23/02/2013.

⁴ A Lei Orgânica de Assistência Social, completa e atualizada, está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742.htm. Acesso em 23/02/2013.

⁵ A Lei de número 8.842, completa e atualizada, está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm. Acesso em 23/02/2013.

⁶ A Lei de número 10.741, completa e atualizada, está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em 23/02/2013.

Um levantamento do departamento de direitos humanos do Ministério da Justiça, concluído em agosto passado, mostrou que existem no país 129 leis federais, estaduais e municipais que asseguram direitos às pessoas acima de 60 anos. Essa legislação estabelece que os idosos têm direito a atendimento preferencial nas filas dos bancos, a viajar de graça nos ônibus e a pagar meia entrada em cinemas, teatros e museus. As leis variam de lugar para lugar, mas, de um modo geral, não existe cidade brasileira onde a idade mais elevada não confira algum benefício à pessoa. (DIREITO, 2008, p. 159) (T36 SD71).

Aliado ao desenvolvimento de um aparato jurídico voltado especificamente aos idosos, e também propiciado por ele, naturalmente, e ao crescimento demográfico do número de cidadãos com mais de sessenta anos, uma ampliação do poder aquisitivo dessa faixa etária cria um novo mercado de consumo, expõe novas possibilidades e exige outras demandas.

Em um movimento cujas raízes seriam francesas, teria surgido uma nova etapa no ciclo de desenvolvimento que, interpondo-se entre a maturidade e a velhice, conceberia o envelhecimento sob uma perspectiva não mais da perda de papéis sociais e da degeneração física, mas como uma fase relacionada ao recomeço e à busca por novas realizações.

A terceira idade, portanto, não poderia ser tomada como uma negação da velhice, mas como um momento que a precederia. Os sujeitos ali inseridos, não mais chamados de velhos, mas de idosos, conforme lembra Peixoto (2007), agora saudáveis, ativos e, principalmente, com mais dinheiro, seriam, junto à mídia, aos especialistas, aos agentes de mercado e ao Estado, os principais responsáveis por essas mudanças. Cabe então retomar Lenoir (1979, p. 59).

L'invention d'une nouvelle étape du cycle de vie venant s'intercaler entre la maturité et la vieillesse — 'le troisième âge' — résulte pour une large part de la généralisation des systèmes de retraite et des modes de traitement collectif de la vieillesse qui lui sont liés. Alors qu'elle n'était réservée qu'à une certaine catégorie d'individus, non spécifiés sous le rapport de l'âge, les indigents, la gestion collective des «vieillards» tend à devenir la formule normale de l'entretien des personnes dorénavant qualifiées 'd'âgées'.

A terceira idade, pois, muitas vezes denominada de melhor idade, teria por objetivo principal reverter uma série de imagens negativas e sobrepor-se aos velhos estereótipos que assinalavam a identidade dos sujeitos dessas faixas etárias. Para que os produtos voltados aos idosos pudessem ser vendidos, afinal, novos consumidores precisavam ser concebidos. *Veja*, como veículo de comunicação e também empresa jornalística, ressalta tal aspecto mais de uma vez, em alguns casos inserindo-se claramente nesse contexto.

Nos últimos anos os cinquentões passaram a se divorciar mais, a construir novas famílias, a paquerar como na juventude. Também adiaram a decisão

de pendurar as chuteiras no trabalho por ainda ter energia sobrando. Ficaram mais saudáveis e estão mais vivos do que nunca na cama. Além de incrivelmente mais bem conservados, graças às inúmeras benesses das cirurgias plásticas, da ginástica e dos tratamentos estéticos. [...] Calcula-se que hoje a turma chamada ‘terceira idade’ (a que preferimos nos referir como ‘melhor idade’) já movimenta 90 bilhões de reais por ano no país. Para esses novos consumidores velhos, há uma indústria trabalhando a todo o vapor [...] Pela primeira vez *Veja* publica uma edição especial a esse grupo. [...] A iniciativa vai ao encontro de uma tendência mundial. Só nos Estados Unidos, há cerca de quinze revistas mensais destinadas ao público maduro. Boa leitura! (A MELHOR, 2005, p. 06) (T71 SD144).

Eles têm dinheiro no bolso, tempo de sobra para o consumo e uma notável disposição para gastar. Quando vão às compras, a conta sai quase 10% mais alta do que a média dos demais clientes. Trata-se de um grupo de brasileiros que já passou dos 60 – e nunca teve renda tão alta. [...] ‘Nunca houve no Brasil um momento tão bom para investir em negócios voltados para eles’ resume o economista Marcelo Neri, coordenador da pesquisa (sobre consumo e terceira idade). (NEIVA; LIMA, 2008, p. 104) (T85 SD186).

A ascensão dos sem-idade pode ser notada na publicidade. Grande parte dos anúncios deixou de se dirigir ao público com mais de 50 anos com base na noção obsoleta de que eles só consomem cremes antirrugas, tintura para cabelo e fixadores de dentadura. ‘O público com mais de 50 anos é hoje o grande centro de mudanças na publicidade. É o grupo demográfico que mais cresce. Seus integrantes sabem que têm muita vida pela frente e não querem ser tratados como velhinhos’. (LONGEVIDADE..., 2009, p. 64) (T87 SD196).

Apesar disso, indo ao encontro das perspectivas propostas por Lenoir (1979), por Debert (1999; 2007) e por Peixoto (2007), pode-se constatar que apesar da promoção de imagens positivas e gratificantes, apesar da importância crescente do *gray money* para o mercado de consumo e mesmo com o aumento da expectativa de vida e com os avanços da medicina e da ciência, a velhice permanece sendo encarada como um período de perdas, como o último estágio de desenvolvimento humano e como sinônimo de morte social. Daí a necessidade de combatê-la, sobrepô-la, vencê-la.

Simone de Beauvoir (1990, p. 14), no clássico ensaio em que discute a velhice, aponta a necessidade, à época, de romper com a conspiração do silêncio que cercava a questão.

Exigir que os homens permaneçam homens em sua idade avançada implicaria uma transformação radical. Impossível obter esse resultado através de algumas reformas limitadas que deixariam o sistema intacto: é a exploração dos trabalhadores, é a atomização da sociedade, é a miséria de uma cultura reservada ao mandarinato que conduzem a essas velhices desumanizadas. Elas mostram que é preciso retomar tudo, desde o início. É por isso que a questão passa tão cuidadosamente em silêncio; é por isso que urge quebrar esse silêncio: peço aos meus leitores que me ajudem a fazê-lo.

Tendo em vista os centos e seis textos coletados, nos mais de quarenta anos de existência de *Veja*, bem como a presença da questão em tantos outros veículos de comunicação, conforme mostram outras pesquisas (DEBERT, 2003; MASCARO, 1993; PIRES, 1998; WOTTRICH, 2011) ou então no mesmo veículo (MIGUEL, 2010; PAULA, 2005; SILVA, 2011; SOUZA, 2006), pode-se pensar que, contemporaneamente, o silenciamento não seria uma questão pertinente para se pensar a velhice e o envelhecimento.

Apesar disso, conforme também observa Debert (1999), a explosão discursiva que assinala a velhice nas últimas décadas não se dá de modo amplo e plural. Determinadas perspectivas, determinados vieses sobrepõem-se em relação aos demais, consolidando dada velhice como a velhice real e possível e, inevitavelmente, omitindo, ou então diminuindo, tantas outras.

Na análise aqui empreendida, tal questão é flagrante. Na maior parte das vezes em que discutiu a velhice, e com maior ênfase nas últimas décadas (noventa e dois mil), *Veja* o fez tendo em vista o processo de envelhecimento que deve ser combatido, a velhice que precisa ser, não apenas camuflada, mas também deixada para trás. A velhice que cabe ao sujeito, portanto, a velhice que é reprivatizada (DEBERT, 1999), a velhice da não velhice, mas da juventude tardia, eterna e plena mostrou-se hegemônica.

A velhice relativa ao desenvolvimento de legislações específicas, ao aumento demográfico e à terceira idade, por outro lado, teve uma representatividade de mais de 25%, tendo em vista o *corpus* de análise, e não pode ser ignorada. Essa segunda Formação Discursiva, acredita-se, expõe que mesmo não se constituindo como o sentido dominante, existem outros significados possíveis sobre a velhice nas páginas dessa que é a maior revista de informação nacional.

Veja é aqui compreendida como um sujeito em comunicação (BAKHTIN, 2006), cujos enquadramentos refletem as disputas em torno do sentido que também estão em trânsito na sociedade e cuja materialização textual decorre das Formações Ideológicas que embasam o discurso. Para além disso, como produto material e simbólico, está à venda, precisando gerar interesse de seu público e, naturalmente, atrair anunciantes.

Darnton conta que leu o grafite ‘toda a notícia que couber a gente publica’ rabiscado na sala de imprensa de uma delegacia de Manhattan. O grafiteiro, afirma o autor, ‘queria dizer que os artigos só são publicados no jornal se tiver espaço, mas ele também podia estar expressando uma verdade mais profunda: as matérias jornalísticas precisam caber em concepções culturais prévias relacionadas com a notícia’ (DARNTON, 1990, p. 96). Acrescento mais uma variável que imagino estar presente na decisão do que publicar, a aprovação do anunciante, indicando que a questão colocada diariamente para

um editor é: o que há de novo no mundo que ‘caiba’ no meu jornal, que ‘caiba’ nas concepções culturais dos leitores e ‘caiba’ no investimento dos que anunciam sua mercadoria. (BERGER, 2012, p. 716).

Por outro lado, *Veja* também é concebida como sujeito semiótico (LANDOWSKI, 1992), possuidor de uma voz e de uma identidade que o define. Como revista de maior circulação do Brasil, propondo-se a discutir aspectos econômicos, políticos, sociais e comportamentais que concernem ao cidadão, os quais, necessariamente, devem ser de seu conhecimento, acredita-se que, tendo em vista os movimentos de análise aqui efetuados, *Veja* expõe a velhice sob tons extremamente limitados. Majoritariamente opta por abordar os modernos procedimentos estéticos que rejuvenescem, indo ao encontro de um mercado que está em constante expansão e cujas manchetes certamente atraíram leitores, ao invés de apontar as falhas de um sistema previdenciário que não confere condições dignas a todos os idosos ou mesmo um sistema público de saúde muitas vezes relapso com essa parcela da população.

Desse modo, portanto, acredita-se que outra conspiração requer ser quebrada. Conspiração essa, constatada em *Veja*, e que acarreta, por um lado, uma grande visibilidade à determinada velhice, velhice essa que está nas mãos de cada sujeito, velhice cuja cura está nos centros estéticos, nas clínicas cirúrgicas, nos laboratórios dos cientistas, nas academias de ginástica, nas lojas especializadas e em uma geladeira com alimentos saudáveis. Por outro, define como ineficientes na batalha em prol da saúde perfeita, da longevidade sadia e do corpo-espetacular (COSTA, 2005) os sujeitos com cinquenta, sessenta ou setenta anos que, enfim, aparentam ter cinquenta, sessenta ou setenta anos.

O silenciamento, não absoluto, porém quantitativamente perceptível, se dá em relação a uma boa velhice que não seja a da juventude prolongada, mas de um governo com políticas públicas eficazes e da liberdade para optar pelo descanso ou por outras atividades quaisquer. Uma velhice que não seja, pois, a da juventude em qualquer idade, ou uma velhice sem idades, mas uma categoria de sujeitos socialmente valorados e coletivamente aceitos em suas especificidades e heterogeneidades.

CAPÍTULO 05 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Por isso escrevo e escreverei: para instigar meu
leitor imaginário – substituto dos amigos
imaginários da infância? – a buscar em si e a
compartir comigo tantas inquietações quanto ao
que estamos fazendo com o tempo que nos é dado.*
Lya Luft

Conforme lembra Lya Luft (2005), em “Perdas e Ganhos”, acerca das relações sociais, nadamos contra a correnteza. A fusão total é inexistente, assim como um partilhamento completo. Frestas, contudo, são continuamente abertas e, em algumas delas, artista e espectador, escritor e leitor podem espiar juntos, assim como o fariam dois amantes.

As frestas de Luft (2005), logo, por meio das quais os sujeitos poderiam olhar o mundo sob o mesmo ponto de vista, se observadas mediante uma perspectiva discursiva, podem ser compreendidas, simbolicamente, como os espaços nos quais se dá a consolidação dos significados, uma vez que, retomando Pêcheux (apud ORLANDI 1996), o discurso consistiria no efeito de sentido entre interlocutores.

Mais do que a mera transmissão de informação, pois, o discurso, tomado como a palavra em movimento e como a prática da linguagem (ORLANDI; 2009), seria produzido a partir de dado contexto sócio-histórico, assinalado pelas batalhas em torno do sentido e pelas disputas ideológicas que definiriam a sua inteligibilidade.

O jornalismo, então, sendo concebido como discurso cujas tramas costuram o tempo presente, como espaço em que se movimentam e no qual se consolidam os sentidos e os mundos e reais possíveis, é encarado, simultaneamente, como lugar de “passagem daquilo que a sociedade produz discursivamente” (FAUSTO NETO, 1999, p. 19) e como agente que produz significados. Como campo (BOURDIEU, 1997), é legitimado para falar sobre os outros campos e, tendo acesso à esfera pública e credibilidade perante as suas audiências e seus pares, é detentor privilegiado de poder simbólico. (BERGER, 2003).

Indo ao encontro daquilo que lembra Pêcheux (apud ORLANDI, 2009), quando se refere ao sonho adâmico, acredita-se que os sujeitos não são a origem de seus dizeres. As malhas do discurso são construídas historicamente, estruturadas a partir das interseções que se dão entre os eixos do inter e do intradiscurso, entre aquilo que já foi dito e aquilo que está por sê-lo. (ORLANDI, 2009; PÊCHEUX, 1997).

Constatar isso permite observar que se, por um lado, os dizeres e os sentidos já estão em trânsito e se o desejo foucaultiano de insinuar-se sub-repticiamente no discurso, sem ter de

tomar a palavra, é de fácil realização (FOUCAULT, 2007), por outro, existem brechas para outros significados ou, lembrando de Lya Luft (2005), frestas para outros olhares serem lançados.

Veja, nesse cenário, é compreendida como um sujeito semiótico (LANDOWSKI, 1992), dotada de características que lhe são próprias, as quais a tornam reconhecível perante seu público e perante seus pares. Com um nome e uma imagem, que lhe conferem formas e sentidos específicos (MOUILLAUD, 2012a; 2012b), a revista possui uma trajetória de mais de quatro décadas, materializada em mais de duas mil e trezentas edições e constituindo-se na principal publicação impressa e semanal brasileira.

É visando a perceber como *Veja*, em suas singularidades (TAVARES, 2011; 2012), movimenta e constrói sentidos sobre a velhice, e tendo-a como esse sujeito em comunicação (BAKTHIN, 2006) que é portador de uma voz que lhe é própria (LEAL, 2009) e que é, ao mesmo tempo, submetido às Formações Ideológicas que marcam a sociedade, que este trabalho foi desenvolvido.

A velhice, nesse contexto, é entendida como uma categoria múltipla, não podendo ser explicada apenas à luz da biologia e tampouco mediante razões de ordem cultural. Daí, inclusive, a importância de perceber os discursos e os sentidos consolidados sobre ela. Sendo da esfera do simbólico, também, e esse simbólico, inclusive, podendo manter ou modificar os tons por meio dos quais ela é encarada, acredita-se que perceber aquilo que a seu respeito pode e vem sendo dito constitui-se em um exercício pertinente e profícuo. Enquanto os sentidos se movimentam, enfim, a velhice é reinventada. (DEBERT, 1999).

A partir dessa breve retomada, nosso problema de pesquisa, pois, o qual embasou nossa reflexão e para o qual procuramos respostas ao longo desses dois anos, pode ser sintetizado na seguinte pergunta: quais são os sentidos movimentados e construídos por *Veja* sobre a velhice ao longo de seus mais de quarenta anos de jornalismo (1968-2012)?

Das duas trezentas e uma (2301) edições, envolvendo um período de quarenta e quatro anos, obtivemos um total de cento e seis (106) reportagens nas quais a velhice correspondeu a um dos temas centrais.

Em um primeiro momento, como forma de aproximação inicial, separamos esses textos tendo em conta dois critérios: seus eixos temáticos (definidos pela própria publicação, tais como “Beleza”, “Comportamento” e “Previdência ou Aposentadoria”) e seu período de publicação. Tais dados podem ser observados de modo mais detalhado na Tabela 1 (página 91).

Pode-se constatar, assim, que, quantitativamente, as reportagens produzidas sob os marcadores de “Ciência, medicina ou saúde” foram mais numerosas (trinta e cinco), seguidas por aquelas publicadas como “Especial” (dezoito) e pelas veiculadas em “Outras” e em “Beleza” (dezessete e catorze, respectivamente). Matérias escritas a partir das seções “Previdência ou Aposentadoria”, por outro lado, tiveram apenas dois textos veiculados, sendo que nenhuma deles entre os anos 2000-2012. Vale salientar, apesar disso, que mesmo publicadas sob o rótulo de saúde ou de especial, grande parte das reportagens, na verdade, tratavam de questões meramente estéticas sendo, portanto, mais compatíveis com a editoria de beleza. De modo mais específico, a descrição de muitos desses textos, bem como exemplos de sequências discursivas e de imagens que construíram os seus sentidos, podem ser acompanhadas ao longo do quarto capítulo desse trabalho.

Tornou-se perceptível, outrossim, que nas primeiras duas décadas de *Veja* foram publicadas apenas dezessete reportagens sobre a velhice. Mais de 80% dos textos sobre a questão e, portanto, a maior parte daquilo que compôs a amostra dessa pesquisa, foi publicado a partir dos anos noventa. Tal dado, é importante destacar, está relacionado não só a um aumento demográfico do número de idosos e a uma preocupação geral com a temática, como também com mudanças de ordem editorial de *Veja* que, com o passar dos anos, também em função das modificações pelas quais o Brasil vinha passando, não apenas discutindo política e economia, volta suas atenções às matérias sobre saúde, comportamento e bem-estar (HERNANDES, 2004).

Tendo em vista as cento e seis reportagens encontradas e as duzentas e vinte e seis sequências discursivas colhidas, com o intuito de ilustrar os sentidos que se tornavam materiais nesses textos, em específico, efetuou-se um exercício de busca por similitudes, por pontos de contato entre elas. Com base no referencial fornecido pela Análise de Discurso francesa (AD), pode-se dizer que tratar-se-ia da busca dos movimentos parafrásticos e, a partir daí, da busca pelas Formações Discursivas e Ideológicas responsáveis por esses ditos que se concretizavam em *Veja*.

A Formação Discursiva (FD) que se mostrou hegemônica, portanto, englobando cento e sessenta e oito sequências discursivas (74,33%) foi genericamente denominada, em função de seu sentido dominante, como “Velhice como questão privada”. De maneira geral, as sequências discursivas então incluídas na FD01 constituíram em *Veja* uma velhice cuja responsabilidade concerne a cada indivíduo e que, dessa forma, pode ser combatida e postergada mediante “práticas adequadas”.

Torna-se importante salientar, do mesmo modo, que apesar de majoritária, a predominância da FD01 não se deu em todos os períodos analisados. Entre os anos de 1968 e 1979 – aqui considerada a primeira década de *Veja* – a maior parte das sequências coletadas inscreveram-se na segunda Formação Discursiva, que delimita outros contornos à velhice.

A FD01, entretanto, mostrou-se dominante em todas as décadas posteriores, tornando-se ainda mais presente no último período aqui analisado (2000-2012), em que das cento e noventa e quatro (194) sequências coletadas, cento e vinte e oito (128) delas inseriram-se em “Velhice como questão privada”. Alguns exemplos exposta abaixo ilustram essa Formação Discursiva.

É agora [dos 35 aos 45 anos] que a pessoa decide realmente se vai manter a forma. O preço da beleza subiu. Descuidos com peso são pagos com sobretaxa porque depois do emagrecimento vem a flacidez. [...] É a faixa de idade mais conveniente para a primeira plástica de rejuvenescimento, principalmente ao redor dos olhos. É preciso não sei deixar levar pela ilusão de que tudo continua bem. (A MEDICINA, 1981, p. 65) (T13 SD25).

No que diz respeito aos hábitos, os cientistas estão convencidos de que uma dieta pobre em calorias e recheada de exercícios moderados ajuda a asfaltar a avenida que leva à vida mais longa e saudável. (FONTE, 1990, p. 59) (T18 SD35).

Atualmente o consenso entre os cientistas é de que a saúde está muito mais ligada aos hábitos de cada um do que à carga genética. Acredita-se que a herança do pai e da mãe contribua com 30% no modo como cada um chega à velhice. Os outros 70% dependem do estilo de vida e de fatores ambientais. (WEINBERG, 1999, p. 119) (T43 SD84).

Mas milagres, infelizmente, não existem. Fazer aniversário sem envelhecer exige empenho e dedicação. Por mais que a natureza dê sua forcinha, só chega à maturidade exibindo formas e pele admiráveis quem investe tempo e dinheiro na fórmula plástica-dieta-creme-ginástica. (PINHEIRO, 2003, p. 89) (T61 SD121).

Considerando a coleta desse *corpus* de pesquisa que atravessa toda a história do veículo aqui estudado e tendo em vista as reportagens analisadas e as sequências discursivas a partir de então coletadas, tornou-se possível constatar um movimento que tende a, desde os anos sessenta, mas com maior fôlego a partir de década de noventa, nos termos de Debert (1999), reprivatizar a velhice.

Avanços na área da medicina estética e um maior conhecimento do organismo humano, cientificamente, poderiam então fornecer aos leitores atentos de *Veja* o elixir da vida

longa e saudável. Uma dieta balanceada (e mais contemporaneamente com restrições ao consumo máximo de calorias diárias), exercícios físicos constantes (aeróbica, musculação, natação), hábitos de consumo (por que não usar a mesma saia que a filha?) e uma vida ativa poderiam gerar mudanças entre a idade verdadeira (marcada no calendário) e a idade real (idade do corpo), conforme ensina Michael Roizen, médico que se torna espécie de guru para *Veja*.

Ser jovem, sob tal percepção, não corresponderia a uma característica de dado estágio do desenvolvimento biológico mas, ao invés disso, em um ideal a ser cotidianamente buscado e desejado. Na corrida pela manutenção da juventude e pelo adiamento da velhice, entretanto, conforme ressalta *Veja* em alguns momentos, nem todos largariam do mesmo ponto. Homens e mulheres, por exemplo, correriam em pistas diferentes afinal, de acordo com a publicação, se, por um lado, as rugas de Richard Gere são um charme a mais do galã americano, os cabelos brancos, da maior parte das mulheres, continua sendo vetado por remeter ao anátema supremo: a velhice.

Do mesmo modo, embora em pouquíssimos casos problematize essa questão, entre pobres que sobrevivem com um sistema público de saúde muitas vezes ineficaz e ricos que podem, a cada dez anos, recorrer a um cirurgião plástico para pequenos retoques, existe um grande abismo social que se reflete diretamente nas experiências de velhice ou de não-velhice.

Em face desse contexto assinalado por um narcisismo exacerbado e por um hedonismo crescente (LIPOVETSKY, 2005), os sinais e as marcas físicas da velhice convertem-se em estigmas (GOFFMAN, 2008) pelos quais os indivíduos passam a ser cobrados, repelidos, evitados. O corpo, então, deve ser diluído, não deve chamar a atenção pelas suas características negativas. Por outro lado, o imperativo da forma exige que o corpo seja exposto. “Fique nu”, ele diz. Mas reitera: “Para isso, seja belo, jovem e bronzeado”.

Bio-poder, nos termos de Foucault (1988) que, se dirigindo aos corpos dos indivíduos, visa a ensinar o homem a portar-se como ser vivo, ao passo que objetiva otimizar suas chances de viver mais e melhor. Práticas bio-ascéticas, pois, que enquadrariam sujeitos plurais nos formatos únicos da juventude e da magreza, por exemplo.

Em um mar de incertezas, o homem /mercadoria pós-moderno de Bauman (1998; 2008) clamaria por definições, por uma rota segura que lhe garantisse a longevidade da não-velhice. O jornalismo então, e o jornalismo de *Veja*, analisado aqui, assume o papel de conselheiro, reveste-se em manual de comportamento e, pedagogicamente, ensina aos seus leitores como as vidas devem ser vividas. (FISCHER, 2002).

Em contrapartida, torna-se pertinente salientar, os discursos não são proferidos em uníssono e, invariavelmente, na disputa simbólica e material em torno do sentido, existem espaços para dizeres que são de outra instância, para aqueles significados que vêm de outros lugares.

A segunda Formação Discursiva localizada nesse trabalho, “Velhice como questão pública”, envolvendo cinquenta e oito sequências e correspondendo a 25,66% do total, sinaliza empiricamente essa perspectiva.

Apesar de minoritária, as sequências que compõem a FD02 movimentam e estruturam sentidos que se opõem àqueles presentes na FD01. De uma velhice de tons privados, cuja administração caberia a cada um, chega-se, aqui, a uma velhice cuja responsabilidade extrapola os hábitos e as vontades pessoais. A participação do Estado, então, passa a ser percebida como essencial para que a maior parte dos sujeitos possa ter uma vida longa e plena. Igualmente, quando aqui inserida, a velhice passou a ser vista como uma questão de interesse público, a partir do aumento demográfico do número de idosos e das revoluções propiciadas pelo desenvolvimento da terceira idade. Algumas sequências demonstram os sentidos presentes da Formação Discursiva “Velhice como questão pública”.

A grande maioria, no Brasil, está na situação descrita por Fábio Lucas, sociólogo de Belo Horizonte: Somos uma nação jovem e aqui, mais do que em outros lugares, os velhos estão condenados ao esquecimento. (VELHOS..., 1970, p.70) (T02 SD05).

A situação difícil da maioria dos sistemas de previdência recoloca, no final do século XX, um problema que parecia ter sido resolvido 100 anos atrás – o da velhice desamparada. (APOSENTADORIA, 1995, p. 35) (T27 SD57).

Evidentemente, uma sociedade com mais idosos não é sinônimo apenas de problemas. Há também inúmeras vantagens. Uma delas, já medida nos Estados Unidos, está relacionada à segurança pública. [...] Mesmo os problemas de saúde podem ser mais facilmente resolvidos com uma maior integração dos idosos na sociedade. “Cerca de metade das doenças da velhice é ligada à desordem afetiva e aos desequilíbrios emocionais”, afirma o geriatra Clineu Almada, diretor científico do Centro de Envelhecimento da Universidade Federal de São Paulo. (O PLANETA, 1999, p. 70) (T38 SD75).

Menos trabalhadores significa menos produção de riqueza, menos gente para consumir e, o que é mais perturbador, menos contribuintes para manter o sistema de previdência, sobrecarregado pela multidão de aposentados. (SCHELP, 2007, p. 115) (T81 SD171).

Conforme já destacado anteriormente, questões referentes à legislação voltada aos idosos também foram abordadas pelas sequências discursivas da FD02. Apesar disso, é importante mencionar, a velhice problematizada com base nas leis que dela tratam se deu de modo breve e raso, especialmente se comparado à ênfase nas questões estéticas, por exemplo.

A terceira idade também foi tratada em algumas sequências dessa Formação Discursiva. Os idosos, quando aí inseridos, foram expostos como sujeitos ativos, saudáveis e financeiramente estáveis. Retomando Lenoir (1979), entretanto, pode-se constatar que, mais do que uma verdadeira rearticulação de valores e de percepções acerca da velhice, a “melhor idade” tenderia a funcionar como uma etapa intermediária, que postergaria a velhice propriamente dita. Os indivíduos “em forma” que foram expostos, dessa maneira, seriam representantes de outra fase da vida, que não poderia ser definida com juventude e tampouco como velhice. As marcas negativas da velhice, portanto, não seriam apagadas. Continuariam lá, a espera de todos aqueles que fossem descuidados e relapsos com sua saúde e com seu bem-estar.

Tendo em vista os movimentos de análise efetuados e a pergunta norteadora dessa pesquisa, enfim, acredita-se ser possível responder que, hegemonicamente, ao longo de mais de seus quarenta anos de prática jornalística, *Veja* movimentou e constrói sentidos sobre uma velhice que se refere, prioritariamente, as ações de cada sujeito.

Ser ou não ser velho seria, então, a principal questão colocada. Considerando toda uma série de imagens que assinalam o imaginário coletivo acerca dessa última etapa da vida, logo, torna-se perceptível que o discurso de *Veja* direciona os sujeitos a buscarem, avidamente, a fonte da juventude eterna em suas páginas.

Apesar de ter discutido uma outra velhice, de tons públicos e de interesse coletivo, o fez de modo menos abrangente, em matérias que, de modo geral, ganharam menor destaque e que se tornaram mais esparsas, conforme os anos foram passando.

É em função disso que se consideram atualizadas as reflexões de Beauvoir (1990) sobre a conspiração que cercaria a velhice. Não mais uma questão que passa cuidadosamente em silêncio, mas uma temática sobre a qual muitos dizeres específicos são proferidos. Se não completamente silenciada, pode-se dizer seguramente que pouco tratada foi a velhice em meio à pauperização, a velhice de quem não frequenta academias de ginástica ou busca o rejuvenescimento em sua dieta.

Poder-se-ia dizer, naturalmente, que *Veja* não seria voltada para esse público e que seus leitores, esses sim, identificar-se-iam mais com as imagens que a publicação majoritariamente veicula do que com a de idosos em condições econômicas desfavoráveis.

Veja vende-se, considerando dados por ela divulgados (MÉDIA,... [s.d.]), mais para mulheres do que para homens; para sujeitos das classes A e B e para um público que se encontra entre os vinte e os quarenta e nove anos. Apesar disso, intitula-se indispensável ao cidadão brasileiro, essencial para aqueles que desejam e que precisam estar bem informados.

O que fica evidente, portanto, é que a postura adotada por *Veja* no que tange as matérias que tiveram na velhice o seu foco central opõe-se ao seu discurso que prega a pluralidade e a abrangência de seu jornalismo.

Veja, é importante salientar, é submetida, assim como qualquer outro meio de comunicação, às disputas materiais e simbólicas que delimitam aquilo que ali pode e aquilo que ali não pode ser dito. Seu discurso é, portanto, também fruto das Formações Ideológicas que perpassam e que definem o tecido social e a cultura. Apesar disso, é também sujeito semiótico (LANDOWSKI, 1992), sujeito em comunicação (BAKHTIN, 2006) e, como principal revista de informação do país, pode-se e deve-se, como cidadão, como jornalista e como pesquisador, exigir que ela faça mais ao pautar uma temática tão importante quanto a da velhice e a de suas possibilidades e expectativas. No passado, no presente e também no tempo futuro.

Para as novas perguntas surgidas ao longo desse trabalho, envolvendo questões relativas não mais a um recorte geracional, mas concernentes ao gênero e à sexualidade, outras revistas, a partir de outras perspectivas teóricas e metodológicas, serão analisadas. Afinal, assim como os questionamentos não cessam, a busca por suas repostas também compõe um movimento contínuo. Pode-se, assim, à guisa de conclusão, ainda que de uma conclusão parcial, lembrar de Bauman (2008, p. 35), quando o sociólogo polonês afirma, sobre o ensaio que então desenvolvia, que ele não teria um ponto final. “Inevitavelmente, a história que se pretende contar aqui será inconclusa – na verdade, com final em aberto -, como tende a ser qualquer reportagem enviada do campo de batalha”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa. Editorial Presença/Martins Fontes. 1974
- AUGUSTI, Alexandre. *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro; 2003.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTA – ANER. Disponível em: <<http://www.aner.org.br>>. Acesso em: 23/02/2012.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. *Sexo e Envelhecimento*. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- A ONU E AS PESSOAS IDOSAS. [s.d.] Disponível em: <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-idosas>. Acesso em 23/02/2013
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12^a edição. HUCITEC, 2006.
- BARONAS, Roberto Leiser. *Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade*. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO- BARBOSA, Pedro (Org.). *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 6^a reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENETTI, Márcia. *Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos*. In LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (Org.) *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BERGER, Christa. *Campos em Confronto: a terra e o texto*. 2 ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS. 2003.
- BERGER, Christa. *Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica*. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. *O jornal: da forma ao sentido*. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

BERGER, Christa. *Em torno do discurso jornalístico*. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José (org.). *O indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 31. ed. Petrópolis, Vozes, 2009.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A “juventude” é apenas uma palavra*. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, José Luiz. *A prática da pesquisa em comunicação - abordagem metodológica como tomada de decisões*. E-Compós (Brasília), v. 14, p. 01-33, 2011.

BRAGA, José Luiz. *Questões metodológicas na leitura de um jornal*. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. *O jornal: da forma ao sentido*. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Enunciação e construção do sentido*. In: FIGARO, Roseli. *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

BRITTO, Denise Fernandes. *As relações econômicas no discurso jornalístico da revista Veja: limites entre saúde e beleza*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista. 2006.

BUCCI, Eugênio. *Introdução: o senhor ordenador*. In: GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. São Paulo. Hacker Editores. Edusp, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CARTA... *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 22, n. 13, 1989.

CASTELLANO, Mayka. *Cultura da autoajuda: o “surto do aconselhamento” e a bioascese na mídia*. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.15, n.1, jan./abr. 2012

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CIVITA, Victor. *Carta do editor. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 01, n. 01, 1968.

CONTI, Mario Sergio. *Notícias do planalto: a imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. *Notas sobre a cultura somática*. In: *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COURTINE, Jean Jaques. *Os stakhanovistas do narcisismo: : Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo* SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

DADOS do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE*. http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1272. 2008. Acesso em 23/02/2013.

DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999.

DEBERT, Guita Grin. *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade*. In LINS DE BARROS, Myriam M. (Org). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*, seguido de, *Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FAUSTO NETO, Antônio. *Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de se educar na (e pela) TV*. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002

FORTES, Meyer. *Age, generation and social structure*. In: Kertzer, D. & Keith, J. (eds.). *Age and anthropological theory*. Ithaca, Cornell University Press, 1984.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed., Loyola, São Paulo, Brasil, 2007.

FURTADO, Thaís Helena. *As lacunas de sentido no discurso jornalístico: do repórter ao editor da revista Veja*. 137f. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2000.

GENRO FILHO, Adelmo. *O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo*. Porto Alegre, Editora Tchê. 1987.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. São Paulo. Hacker Editores. Edusp, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HERNANDES, Nilton. *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica*. Salvador: EDUFBA; Maceió: EDUFAL, 2004.

INFORMAÇÕES gerais. *Veja*. Disponível em: <http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>. Acesso 23/02/2013

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. *Seja Jovem: o discurso de Veja na construção e no movimento dos sentidos sobre a velhice*. 2010. 57f. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo)- Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria. 2010.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. *Jornalismo e homofobia no Brasil: mapeamento e reflexões*. São Paulo: Intermeios, 2012.

LEAL, Bruno Souza. *Para além da notícia: o jornal, sua identidade, sua voz*. Revista Fronteiras, v. 11, p. 113-123, 2009.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. *Síndrome de Frankenstein*. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

LENOIR, Rémi. *L'invention du "troisième âge"*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 26-27, mars-avril 1979. p. 57-82.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Velhice na contemporaneidade*. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes . *Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice*. In LINS DE BARROS, Myriam Moraes. (Org). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUFT, Lya. *Perdas e ganhos*. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LUZ, Lia Hecker . *A pílula da longevidade à venda nas páginas da Revista Veja*. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.33, n.1, p. 257-276, jan./jun. 2010.

MAROCCO, Beatriz Alcaraz. *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico*: Porto alegre, século XIX. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

MASCARO, Sonia de Amorim. *As imagens dos velhos e da velhice nas páginas do jornal “O Estado de S. Paulo” (1988-1991)*. Tese de Doutorado defendida na ECA/USP, 1993.

MEDIA KIT VEJA. Download do arquivo disponível em: <http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>. [s.d.] Acesso 23/02/2013.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1994.

MIGUEL, Rosemary Rodrigues. *Envelhecimento humano na mídia: análise de 41 anos de publicação da revista Veja (1968-2009)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental da PUC-SP. 142f. 2010.

MILANEZ, Nílton. *A disciplinaridade dos corpos em revista*. In: NAVARRO-BARBOSA, Pedro; SARGENTINI, Vanice (Org.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/ Fapesp, 2001.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massa do século XX: o espírito do tempo - volume 1: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1997.

MOTTA, Alda Britto da. *As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento*. In: Cadernos Pagu (13) 1999: pp.191-221.

MOTTA, Alda Britto da. *Chegando para a idade*. In LINS DE BARROS, Myriam M. (Org). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MOTTA, Alda Britto da. *Envelhecimento e Sentimento de corpo*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., C.E.A. (Orgs.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MOUILLAUD, Maurice . *Da forma ao sentido*. In : MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. *O jornal: da forma ao sentido*. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2012a.

MOUILLAUD, Maurice . *O nome do jornal*. In : MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. *O jornal: da forma ao sentido*. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2012b.

NUNOMURA, Eduardo Yoshio. *O mensalão impresso: o escândalo político-midiático do governo Lula nas páginas de Folha e Veja*. Dissertação de Mestrado da ECA/USP. 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed., Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 8. ed., Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORTEGA, Francisco. *Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo*. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PAULA, Débora Campos de. *O Espelho Quebrado: Perspectivas Sobre o Envelhecimento, o Velho e a Velhice*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 128f. 2005.

PÊCHEUX, Michel. *A análise do discurso: três épocas*. In GADET, Françoise e HAK, Tony (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas. UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5ª edição, Campinas, SP, Pontes Editores, 2008.

PEIXOTO, Clarice. *Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...* .In: LINS DE BARROS, Myriam M. (Org). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PEREIRA, Raimundo. *Uma história de Veja*. Reflexões de um dia de aniversário, *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 04, ed especial, 1972.

PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo. Hacker Editores, 1999.

PIRES, André. *Velhos em Revista: envelhecimento e velhice nas páginas de Cláudia e Playboy (anos 80 e 90)*. Campinas, São Paulo: [s.n.], 1998.

PRADO, José Luiz Aidar. *Experiência e receituário performativo na mídia impressa*. In: InTexto. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, p. 34-47, 2009.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Palavras Cruzadas. Melhor idade com cinco letras: sábio, chato, velho...* In: MINELLA, Luzinete Simões; FUNCK, Susana Bornéo. Saberes e fazeres de gênero: Entre o local e o global. Florianópolis: UFSC, 2006.

RODRIGUES, Newton Costa. *Gerontologia Social para Leigos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo. Estação Liberdade. 2001

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHIRRMACHER, Frank. *A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Brasil, v. 1, n. 25, 2006. Disponível em <http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/view/404/332>. Acessado em 24 fev. 2013.

SILVA, Alexandre Rocha da; MAROCCO, Beatriz Alcaraz. Murmúrios de Aion. Tempo e Jornalismo. *Verso e Reverso*, Brasil, v. 22, n. 49, 2008. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/versoereverso/article/view/5755/5213>. Acessado em 23/02/2013.

SILVA, Carla Luciana. *Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)*. Cascavel: Edunioeste, Coleção Tempos Históricos. 2009.

SILVA, Francisca Alves da. *Nas malhas do discurso midiático: velhice, corpo e sexualidade*. 130f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. 2011.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. *Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, p. 155-168, jan - mar. 2008.

SILVA, Tomas Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, Maria Antonieta Albuquerque de. *“Novas” identidades, limites e fronteiras do rejuvenescimento : equivalências entre idade, jovialidade e maturidade no curso da vida*. 319 f. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2006.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *Mise en abyme e editoração: sobre o jornalismo de revista e seu infinito singular*. In: XXI Compós- Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2012, Juiz de Fora. Anais do XXI Compós. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012. v. 21. p. 1-17.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples*. 2011. 468 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, 2011.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2. ed, 2005.

WOTTRICH, Laura Hastenpflug. *Envelhecer com Passione: a telenovela na vida de idosas das classes populares* 2011. 236f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria. 2011.

APÊNDICE A – CORPUS DE REFERÊNCIA

- A AURORA dos cinquentões. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 41 ed. 2068, 2008.
- A BUSCA do happy end. *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 13, ed. 626, 1980.
- ÁCIDO da juventude. *Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 26, ed. 1318, 1993.
- AÇÃO preventiva. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 15, ed. 711, 1982.
- ALISAR ou não alisar. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 40, ed. 1990, 2007
- AMARO, Mariana. *A copa dos setenta*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 45 ed.2275, 2012.
- AMARO, Mariana. *Revolução dos 60*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 44 ed.2230, 2011.
- A MEDICINA da beleza. *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 14, ed. 658, 1981.
- A MELHOR idade. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 39, ed. 1920 , 2005.
- ATAQUE gradual. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 29, ed. 1451, 1996.
- A VIDA começa aos 60. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 36, ed. 1830, 2003.
- BARELLA, José Eduardo. *O plano B na meia-idade*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 39, ed. 1953, 2006.
- BUCHALLA, Anna Paula. *A nova meia-idade*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 33, ed. 1631, 2000.
- BUCHALLA, Anna Paula. *Aposentar-se? Só na hora certa*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 38, ed. 1931, 2005
- CAPRIGLIONE, Laura; LEITE, Virginie. *A batalha começa aos quarenta*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 28, ed. 1399, 1995.
- CARDOSO, Maurício; LUZ, Sérgio Ruiz. *A vida depois dos cem*. *Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 32, ed. 1604 1999.
- CARELLI, Gabriela. *Como ser jovem por mais tempo*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 34, ed. 1708, 2001.
- CARELLI, Gabriela; MELO, Carolina. *Um novo tipo de avós*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 44, ed. 2240, 2011.
- CARELLI, Gabriela. *O poder grisalho*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 34, ed. 1700, 2001.
- CERCO à velhice. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 06, ed. 252, 1973.

- CONSTRUÇÃO da beleza. *Veja*. São Paulo: Editora Abril. Ano 19, ed. 933, 1986
- CONTRA o relógio. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 24, ed. 1191, 1991.
- CRUZ, Angélica Santa; CARVALHO, Joaquim de. A revolução dos velhos. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 29, ed. 1440, 1996.
- CUIDADO precoce. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 20, ed. 993, 1987.
- DIREITO ao futuro. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 26, ed. 1287, 1993.
- DIREITO aos 60. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 41, ed.2081, 2008.
- ESPELHO, espelho meu. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 25, ed. 1226, 1992.
- FONTE da juventude. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 23, ed. 1140, 1990.
- GUSAN, Mariane. *Além de cair, murcha*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 37, ed. 1880, 2004.
- HOSPITAL de velhos. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 07, ed. 305, 1974.
- JOVEM dos 30 aos 60 anos. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 36, ed. 1806, 2003
- JUVENTUDE agora em pílulas. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 02 ed. 21, 1969.
- LIMA, Roberta de Abreu. *O recomeço depois dos 60*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 43 ed.2161, 2010.
- LONGEVIDADE: Como viver mais e melhor. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 42 ed. 2139, 2009.
- LOPES, Adriana Dias; MAGALHÃES, Naiara; VENTUROLI, Thereza. *Longevidade e Juventude*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 42 ed. 2094, 2009.
- LOPES, Adriana Dias; MAGALHÃES, Naiara. *Você está no comando*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 42 ed. 2139, 2009.
- LUTA contra o tempo. *Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 31, ed. 1570, 1998.
- MACEDO, Daniela. *A beleza sem bisturi e sem exageros*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 45, ed. 2272, 2012.
- MAGALHÃES, Naiara. *O sexo mais forte*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 43, ed. 2190, 2010.
- MARI, Juliana de. *Vovó sai de férias*. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 33, ed. 1641, 2000

- MEZAROBBA, Glenda. *O outono do macho. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 30, ed. 1497, 1997.
- MOHERDAUI, Bel. *Elas não passam em branco. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 42, ed. 2134, 2009.
- NA FRONTEIRA da beleza. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 24, ed. 1178, 1991.
- NEIVA, Paula. *As idades do corpo. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 39, ed. 1957, 2006.
- NEIVA, Paula; LIMA, Roberta de Abreu. *Poucos e bons. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 41, ed. 2071, 2008
- NUNCA é tarde para correr. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 38 , ed. 1936, 2005.
- O PLANETA grisalho. *Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 32, ed. 1588, 1999.
- OPPERMANN, Álvaro. *O homem que terá cem anos já nasceu. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 44, ed. 2221, 2011.
- PARA maior de 59. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 9, ed. 389, 1976.
- PINHEIRO, Daniela. *Inteiras na meia-idade. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 36, ed. 1793, 2003.
- PINHEIRO, Daniela. *Brasil, Império do bisturi. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 34, ed. 1683, 2001
- QUARENTÕES sem crise. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 25, ed. 1248, 1992.
- ROCHA, Leonel. *Velhice em revisão. Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 30, ed. 1515, 1997.
- ROGAR, Silvia *Dá para acreditar? Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 34, ed. 1731, 2001.
- ROGAR, Silvia. *Dieta para remoçar. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 34, ed. 1725 , 2001.
- ROTA alterada. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 19, ed. 931, 1986.
- SCHELP, Diogo. *Poucas crianças, muitos velhos. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 40, ed. 2030, 2007.
- SEXO na velhice. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 03. ed. 133, 1970.
- TEIXEIRA, Jerônimo. *O stress envelhece. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 37. ed. 1884, 2004.
- TERRA grisalha. *Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 31, ed. 1558, 1998.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *O grande velho, Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 30, ed. 1502, 1997.

VEIGA, Aida. *Sexo depois dos 40 (agora fora das telas). Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 33, ed. 1650, 2000.

VENTUROLI, Thereza. *Viver mais e melhor. Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 37, ed. 1871, 2004.

VELHOS procuram o futuro. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 03. ed 79, 1970.

VENCENDO a velhice. *Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 12. ed 541, 1979.

VIDA em pontos. *Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 13, ed. 630, 1980.

VIGANÓ, Roberta. *Jovens por mais tempo. Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 39 , ed. 1979, 2006.

VILLAVERDE, Suzana. *Elas são um ótimo exemplo... E elas nem tanto assim. Veja*. São Paulo: editora Abril, ano 42, ed.2130 , 2009.

VIVENDO a terceira idade. *Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 06, ed. 428, 1976.

VIVER bem é a melhor vingança. *Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 25, ed. 1306, 1993.

VIVER mais de boca fechada. *Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 1837, ed. 37, 2004.

WEINBERG, Monica. *A idade verdadeira. Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 32, ed. 1614, 1999.

WEINBERG, Monica. *O menu que prolonga a juventude. Veja*. São Paulo: editora Abril. Ano 37, ed. 1856, 2004.